

MARGARETH VASQUES FALLEIROS GONZALES

AS EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS: *UM PROCESSO DE RECRIAÇÃO*

Dissertação apresentada à Banca Examinadora
da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo,
como parte dos requisitos para a obtenção do título
de Mestre em Língua Portuguesa .

Orientadora : Prof^a Dra. Dieli Vesaro Palma

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
2006**

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

BANCA EXAMINADORA

Profª Dra. Dieli Vesaro Palma

Profª Drª Jeni Silva Turazza

Profª Drª Leda Pires

São Paulo, 29 de Setembro de 2006.

*A Júlia, minha mãe, para quem o estudo
vale todo e qualquer sacrifício.*

AGRADECIMENTOS

A Pedro, meu marido, pelo amor.

À Mia e Borinha, uma razão, de fato, para acreditar que viver é bom...

Ao Prof. Dr. Antônio Giannella, minha alma gêmea vernacular, sempre.

*À Prof^a. Dra. Dieli Vesaro Palma que, com ímpar delicadeza e dedicação,
mostrou-me todos os caminhos.*

*Aos colegas de trabalho que, das maneiras mais inusitadas, colaboraram para o
êxito desta pesquisa.*

PORQUE DEUS É.

(...) as mudanças de sentido das palavras são obra do povo, e como em todo lugar onde a inteligência popular está em jogo, é preciso confiar, não numa grande profundidade de reflexão, mas em intuições, associações de idéias, às vezes imprevistas e bizarras, mas sempre fáceis de acompanhar. É, pois, um espetáculo curioso e atraente...

Michel Bréal (Ensaio de Semântica-1992, p.181)

RESUMO

Este trabalho tem como tema as *expressões idiomáticas*. Em razão do baixo número de trabalhos e pesquisas produzidos na área da Fraseologia, no Brasil, o conhecimento restrito aos meios acadêmicos, o fato desses grupos fraseológicos não figurarem em dicionários, manuais didáticos e serem relegados a um plano inferior no âmbito dos estudos lingüísticos, procuramos comprovar, neste trabalho, que as expressões idiomáticas são *recriadas* a cada situação comunicativa, suprimindo as necessidades do locutor. Salientamos a criatividade e o vigor característicos desse modo de expressão. Apontamos, ainda, que esses idiotismos carregam em seu cerne implícitos culturais que as identificam com seu povo e sua língua. Com base nos trabalhos de Lakoff & Johnson (2002), para o pensar metafórico, de Biderman (2001) para a Lexicologia e a teoria das Representações Sociais de Minayo (1995) desenvolvemos a nossa pesquisa que mostra serem as operações cognitivas mentais responsáveis pelo surgimento das *expressões idiomáticas* na língua e também para a sua *recriação*. Para análise do *corpus*, elegemos a obra *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa, visto que esse autor faz uso das expressões de um modo *sui generis*: ele as *recria*. Por meio de análise comparativa, verificamos que o processo consiste em substituição total ou parcial de termos, acréscimo de sufixos, mudança de classe gramatical dos termos da expressão sedimentada. Com essa análise, verificamos que a expressão recriada apresenta um sentido original, intenso e ampliado, conferindo à linguagem de Rosa um frescor e um viço que a perpetua. Desse modo, nos propusemos a apresentar que o não-(re)conhecimento das expressões idiomáticas nos estudos lingüísticos implica desconhecer outros processos cognitivos mentais essenciais ao entendimento da origem da linguagem, seu funcionamento e suas manifestações no léxico.

ABSTRACT

This work has as its main subject the idiomatic expressions. On the evidence of the low number of Brazilian works and researches found in the matter of Phraseology, the restriction of knowledge to academics means, the fact that this phraseological groups don't appear in dictionaries nor in didactic manuals, being relegated to an inferior level in the extent of linguistic studies, we try to verify in this text, that idiomatic expressions are recreated in every new communicative situation, fulfilling the needs of the speaker. Emphasizing the creativity and vitality attributed to this sort of expression. Furthermore, we signalize that these idioms hold in its within cultural hidden characteristics that connect themselves to its society and its spoken language. Grounding the work in previous works of Lakoff & Johnson (2002) for the metaphorical thought, of Biderman (2001) for the Lexicology, and in the Social Representations theory of Minayo (1995), we have developed a research confirming that cognitive operations are responsible for the appearance of idiomatic expressions in a language, as for its recreation. At the stage of analyzing the *corpus*, we have elected the book *Grande Sertão:Veredas*, by Guimarães Rosa, since the author uses this type of expression in a very *sui generis* way. By the means of comparative analysis, we have verified that the appearance process consists in total or partial substitution of terms, in the addition of suffixes and in grammatical classes' changes for the consolidated expression terms. Throughout this analysis, we have ascertained that a recreated expression brings an original meaning, intense and amplified, delegating to Rosa's diction a unique freshness and flushness, that perpetuates it. Hence, we have proposed ourselves to expose that the non-(re)cognizing of idiomatic expressions in linguistic studies applies in not knowing other mental cognitive processes, essential for the understanding of the origin of the language, its functioning and its lexical uses.

SUMÁRIO

Introdução.....	1
Capítulo I A Linguagem e o Sentido.....	7
1. A origem da linguagem.....	7
1.1. A formação do sentido.....	9
1.2. Representações sociais.....	19
1.3. Manifestação cultural.....	25
Capítulo II Lexicologia e Semântica.....	31
2.1. Lexicologia.....	31
2.2. Planos lingüísticos.....	34
2.3. O léxico e seus componentes.....	38
2.4. O sentido: evolução e mudança.....	40
2.4.1. Expressões idiomáticas.....	42
Capítulo III – Metáfora, Comparação, Analogia.....	64
3.1. A metáfora: na perspectiva da retórica.....	65
3.2. A metáfora: na perspectiva da semântica	66
3.3. A metáfora: na perspectiva da lingüística cognitiva.....	70
3.4. A comparação nas expressões idiomáticas.....	79
3.5. A analogia.....	89
3.5.1. os termos da analogia e a relação entre eles	90
3.6. Modos de representações mentais	95
Capítulo IV – Análise de corpus.....	98
4.1. Guimarães Rosa.....	99
4.2. O léxico de Guimarães Rosa.....	100
4.3. O gênero de Grande Sertão: Veredas.....	103
4.3.1. Um histórico do romance.....	104
4.4. A contribuição de Rosa.....	105
4.5. O regionalismo.....	107
4.6. Síntese da história	108
4.7. Análise das expressões idiomáticas em <i>Grande Sertão: Veredas</i> ...	109
Conclusão.....	122
Anexos.....	129
Bibliografia.....	135

Introdução

Na linguagem como na natureza, não há igualdades absolutas; não há, pois, expressões diferentes que não correspondam também a idéias ou a sentimentos diferentes. O povo, que é o maior de todos os clássicos (no dizer de um deles) dirá a última palavra.

João Ribeiro (1933- A Língua Nacional)

O tema da nossa pesquisa são as **expressões idiomáticas**. Elas compõem uma área específica da Língua Portuguesa: a *Fraseologia*. A razão dessa escolha reside no nosso interesse em desvendar a criação dessas expressões no idioma. Em torno desse questionamento, há outros que também queremos discutir, por exemplo: como essas expressões se mantêm ao longo do tempo? Por que ressurgem, às vezes, atualizadas, conservando, em alguns casos, seu sentido antigo, apesar de recriadas com outros termos? Por que, apesar de serem usadas por pessoas de todas as classes sociais, elas ainda estão à margem dos estudos lingüísticos? Quais o processos cognitivos que subjazem ao seu surgimento?

Procurando solucionar tais questões, optamos por tratar das expressões idiomáticas na obra *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa. O uso, que o autor faz dessas expressões, permite-nos reconhecer nelas um processo cognitivo sustentado pela metáfora e pela comparação. O pensamento figurativo é o primeiro modo de pensar do homem e a metáfora uma função cognitiva formadora de conceitos e isso também é possível verificar no estudo das expressões colhidas na obra de Rosa.

Este trabalho tem por objetivos:

Gerais:

- _ ampliar conhecimentos em torno do tema;
- _ contribuir para o enriquecimento na área da Fraseologia;

Específicos:

- _ comprovar a importância dos processos cognitivos que possibilitam o surgimento dessas expressões no idioma vernáculo;
- _ reconhecer as marcas culturais implícitas ou explícitas que caracterizam as expressões idiomáticas.
- _ suscitar novos trabalhos tendo em vista não só o meio acadêmico, mas também a projeção em locais de ensino e estudo da língua portuguesa.

A nossa escolha justifica-se por ser esse tema pouco explorado em sua área específica, pelo conhecimento, restrito aos meios acadêmicos, que se tem a respeito do pensamento figurativo, a sua importância na linguagem humana e no surgimento das expressões idiomáticas e, ainda, a razão maior que é a possibilidade de ensinar a língua pátria de um jeito inovador, criativo e muito agradável por meio de um estudo lingüístico dessas mesmas expressões que revelam ideologias, marcas de identidade nacional, traços de cultura e representações sociais.

A opção por tratar das **expressões idiomáticas** está intimamente ligada à nossa origem que remonta a uma cidade bem pequena, no interior do estado de São Paulo. Lá, as pessoas têm baixa escolaridade, porém, são profundas conhecedoras dos fatos da vida; conhecimento esse que se reflete no seu *modus vivendi* e na sua linguagem *carregadinha* de palavras e expressões que retratam fielmente todo o seu

sentimento, desde o mais nobre até o mais mesquinho. Assim, entender o processo que leva à criação das expressões idiomáticas no vernáculo é um meio de transportar-nos a uma época em que as ouvíamos freqüentemente, sem contudo, entendê-las em sua essência. Surge, agora, a possibilidade de reviver o passado, não só para melhor compreendê-lo, mas também para que se eternize, em nossa memória, sob a forma mais poética: *no falar do povo, daquele povo...*

Não raro, encontramos em nossa língua palavras ou expressões cuja origem ou significado desconhecemos, fato esse explicável pela riqueza vocabular do nosso idioma e também pela quantidade de palavras que povoa a língua; porém, há situações em que essa simples explicação não satisfaz o falante, muito um professor curioso com as questões vernaculares. Os temas que envolvem a língua portuguesa, vez por outra, causam-nos deleite. Saber o significado de uma palavra e seu étimo tornam-se tarefas prazerosas, a partir do momento em que tomamos contato com o mundo dos sentidos e das significações. Ao estudar a história e a evolução da nossa língua, descortinamos horizontes. O nosso interesse por essa área reside no fato de sempre contarmos com professores que faziam do seu ofício um mundo infinito de histórias tendo como instrumento a língua-mãe. Com isso, não poderíamos enveredar por outro caminho que não o de desvendar a língua-pátria. Faz-se necessário conhecermos aquele mundo fascinante de viagens, de sonhos e de sabedoria que saía da cabeça e da boca daqueles que foram os nossos primeiros modelos de pessoas interessantes.

Este trabalho desenvolve-se na área da chamada *Semântica Lexical* que, segundo Rector e Yunes (1980), abarca dois movimentos: o semasiológico e o onomasiológico, voltada ao estudo da significação das palavras. Para alguns especialistas, ela é uma das quatro disciplinas que integram a *Lexicologia*__ centrada no estudo das unidades lingüísticas caracterizadas por um significado, vinculado por meio da linguagem, à realidade biossocial ou realidade extralingüística. As outras disciplinas são a *lexicologia da expressão*, que trata das relações entre os vários significantes léxicos de tipo amar-amante; a *lexicologia de conteúdo* que trata das relações entre os significados léxicos como tais, como os sinônimos e antônimos; e a *onomasiologia* que focaliza as relações entre significante

e significado, partir do conteúdo.

Segundo Xatara (1994), embora cristalizado, o mundo das **EI** (abreviatura usada, a partir de agora, em todas as ocorrências deste trabalho para designar expressões idiomáticas) ainda é obscuro e inexplorado na língua portuguesa. Diante de tal fato, passamos a compreender por que essas expressões não figuram em nossas gramáticas, por que muitas delas não fazem parte dos nossos dicionários e por que, enfim, são tratadas como um assunto *menor*, ainda que sejam elas responsáveis pelo vigor, pela emoção, pela expressividade vernacular. É fato que essas expressões sintetizam com propriedade fatos, idéias, momentos e, em determinadas ocasiões, dão um tom pitoresco à linguagem. Deixar de (re)conhecê-las, de estudá-las e de entendê-las, dado que estão sedimentadas na nossa mente e no nosso dia-a-dia, tanto na modalidade oral quanto na modalidade escrita, é deixar de lado parte da nossa identidade cultural e lingüística. Explorá-las, etimológica e semanticamente, tal qual os gênios da literatura nacional, Rosa e Machado, fizeram-no, conduz-nos aos caminhos do entendimento não só da realidade que nos rodeia mas também ao conhecimento do processo cognitivo que subjaz à sua criação e à recriação magistral que Rosa opera em expressões já consagradas. E esse foi o mote para a realização do nosso trabalho.

Encontramos as **EI**, de modo abundante, enraizadas no nosso dia-a-dia e o fato que comprova a nossa afirmativa é o universo em que elas estão inseridas: revista em quadrinhos, filmes, novelas de televisão, obras literárias, revistas de gêneros diversos etc e, de forma mais constante, na linguagem oral cotidiana. Observemos uns poucos exemplos:

“... os profetas mais importantes apareceram em tempos de *vacas gordas*”.

João Sayad

(Folha de S.Paulo, 1º de maio de 2006- A2)

A chave dos sonhos.

Toda noite *sua mente viaja* para um mundo fantástico.

(Revista Superinteressante, capa, ed. nº 224- março/2006)

“__ Desta vez, você *está flita* Mônica! (...)

“__ *Nem morta!*”

“__ Agora chega de *conversa mole!*”

(Gibi do Cebolinha, nº 79, págs. 11 e 12, 1993, ed. Globo)

Corinthians e Palmeiras acabam clássico *em jejum*.

Leão *quebra rotina* e elogia juízes.

(Caderno de esporte- Folha de S.Paulo, 27/03/06, págs. D2 e D3)

Se lançarmos um olhar mais curioso à Bíblia, às fábulas, aos romances e a peças teatrais da Antigüidade greco-latina veremos que as **EI** estão presentes em muitos textos dessa época e não só isso, mas escritores clássicos como Balzac, Flaubert, Machado de Assis, Drummond, Jorge Amado e, uma vez mais Guimarães Rosa, valeram-se da mais inusitada e inspirada variedade de usos que a linguagem pode permitir a fim de expressar fielmente sensações e emoções. Momentos há, em que o uso de uma **EI** transporta interlocutores ao mundo das relações metafóricas, desencadeando um processo de criação de imagens que depende do conhecimento de mundo de ambos, pois, como já sabemos, essa sedimentação na memória coletiva é cultural, representa uma situação que parece, em determinados casos, até desgastados __mas não o são__ pela freqüência do uso, que não leva o interlocutor a pensar na sua interpretação. Com isso, visando a atingir os objetivos propostos do nosso trabalho, optamos por organizá-lo da seguinte maneira:

No primeiro capítulo, focalizamos a origem da linguagem com o intuito de mostrar como se processa tal aquisição, segundo Piaget e Chomsky, como os dois autores se posicionam de modo diverso diante do mesmo fato. Mostramos também o pensamento de Haskell, para quem a base da linguagem humana seriam as figuras,

sobretudo as metáforas__ a explicação da realidade por meio de mitos __, que é verdadeiramente uma base metafórica. Introduzimos, ainda, o pensamento de Vico, filósofo e pensador italiano, do século 17, autor da *Ciência Nova*, que acreditava serem os "primeiros povos poetas" e, conseqüentemente, a poesia ser mais velha do que a prosa. Sua crença maior está na teoria do pensamento concreto e da metáfora, para explicar a evolução da linguagem. Adiante, tratamos da formação do sentido e, num último momento, apresentamos a teoria das representações sociais e da manifestação cultural, cuja finalidade é salientar as relações entre esses temas e as **EI**.

No capítulo 2, tratamos da Lexicologia, enfocando o léxico, seus componentes __ semas, sememas, classemas, taxemas __ e conceitos. Focalizamos os conceitos de lexia, palavra e vocábulo, visto que há para cada um deles uma aplicação diversa, segundo os autores consultados. Em seguida, passamos ao conceito de Fraseologia. Finalizamos mostrando as causas das mudanças do sentido e a criação das **EI**, bem como sua caracterização e seu uso. Apontamos, ainda, a distinção entre frases feitas, provérbios, ditados populares e afins.

No terceiro capítulo, metáfora, comparação e analogia são o foco da nossa discussão. Primeiramente, tratamos da metáfora sob o ponto de vista da Retórica __ que a considera apenas um recurso de linguagem com fins específicos. Num segundo momento, nós a mostramos sob um outro enfoque: com valor cognitivo e que habita nossa vida cotidiana, não só na linguagem, mas também no pensamento, concatenando esse conceito às teorias de Vico e de Haskell. Encerramos o capítulo com a comparação, aqui também tida como um processo cognitivo, porém, distinto da metáfora. E, por fim, o capítulo 4 dedica-se à apresentação do *corpus* e tudo o que dele faz parte: uma breve biografia de Guimarães Rosa, suas publicações, resumo da história de *Grande Sertão: Veredas* e considerações em torno do gênero romance. Encerramos o capítulo com a análise das **expressões idiomáticas** colhidas no romance de Rosa.

A seguir, no primeiro capítulo, trataremos da origem da linguagem e do sentido.

Capítulo I

A LINGUAGEM E O SENTIDO

1. origem da linguagem

*Na verdade, está aí um enigma que sempre
excitou a imaginação humana.*

Maurice Leroy

*(As Grandes Correntes da Linguística
Moderna, 1971, p. 46)*

Pensamentos filosóficos, ditados populares, frases feitas e provérbios levam-nos a refletir, a tentar compreender seus ensinamentos e a buscar suas verdades. Se olharmos quadrinhos *sem palavras* de Maurício de Souza, por exemplo, haveremos de concordar que as palavras, às vezes, são dispensáveis, porém há situações em que somente elas podem dar a tônica ao sentido; é imprescindível verbalizar, o silêncio não basta, pode tornar-se ambíguo, até. Ademais que seria de nós e do mundo sem as palavras de nossos pais, de nossos professores, de nossos amores, de Fernando Pessoa, de Guimarães Rosa, de Cruz e Souza, de Augusto dos Anjos, de Florbela Espanca, de Chico Buarque e de tantos, tantos outros que entraram em nossas vidas por terem, um dia, sido proferidas ou escritas? Não é fato que guardamos em nós aquelas palavras que, pela vez primeira, lemos ou escrevemos? Também não estão encerradas em nossas mentes, em nossos corações determinadas palavras que ao lermos, ouvirmos ou escrevermos, remetem-nos a lugares, situações, cheiros, vozes, cores, que até então pareciam esquecidos? Que poder é esse que emana das palavras e que nos transporta aos mais complexos

conceitos? A nós, parece-nos difícil encontrar tal resposta, entretanto não foram poucos os estudiosos que enveredaram por esse caminho a fim de obter, se não a resposta, pelo menos pistas que conduzam a esse fim.

A curiosidade está na essência do ser humano. Tal afirmativa ganha veracidade quando observamos a busca incessante e infrene da humanidade almejando alcançar avanços científicos e tecnológicos, principalmente. No caso das palavras e da linguagem não será diferente. A origem de ambas sempre suscitou interesse e estudos. Como as palavras surgem, como vivem entre si, como desaparecem e ressurgem *renovadas* são questões que até hoje geram discussões e pesquisas. Tratar do sentido das palavras sempre desperta curiosidade uma vez que a mudança de sentido normalmente é obra do povo; no entanto, tem sido a esperança de muitos especialistas chegar à pré-história da linguagem, de modo fidedigno, pois há direções que nem sempre levam a um ponto comum. Em nossas leituras, encontramos diversas teorias voltadas para o surgimento da linguagem, visto que a ciência é caracterizada por momentos de continuidade e de ruptura de paradigmas. Vamos apenas apresentar o contributo de cada uma delas para a história desse intrigante acontecimento.

Objetivamos mostrar, neste capítulo, que as origens da linguagem estão no pensamento figurativo, levando-se em conta que o homem, ao tentar explicar a realidade, faz uso desse recurso, tendo como base a comparação e a analogia. Esse modo de se conceber o mundo, baseado nas similaridades existentes em domínios diferentes, caracteriza o pensar metafórico, como atestam Lafoff & Johnson (1980).

Teremos, então, nesta primeira parte, uma breve exposição sobre a formação do sentido e, mais adiante, mostramos a origem da linguagem apontando teorias que tratam desse assunto de modo diverso, a história das palavras, tendo como base a Semântica__ atentando para as questões do significado__, no intento de focalizar o conhecimento multifacetado que essa disciplina proporciona aos nossos estudos. Em seguida, trataremos das **expressões idiomáticas** de modo a conceituá-las__

por ser esse o tema da nossa pesquisa__ e pelo fato de que essas expressões integram a história das palavras, a história da linguagem, seus sentidos e significações e ainda fazem parte da cultura de um povo, dado o modo como entram em uma língua povoando as mais diferentes classes sociais, consolidando-se e contribuindo, assim, não só para a versatilidade da linguagem e da riqueza vocabular. Essas expressões incorporaram-se ao léxico, representando a visão de mundo de uma dada época, sendo retomadas e atualizadas, do ponto de vista do sentido, a cada uso concreto.

1.1. a formação do sentido

Para Bréal (1992: 181), as mudanças de sentido das palavras são obra do povo. Dizer que as palavras nascem, convivem, renovam-se e morrem é um meio mais fácil de observar tais mudanças. É uma afirmação simplista para solucionar as questões da renovação do léxico. Um dos pontos mais importantes da história do sentido é a ação que as palavras de uma língua exercem, à distância, umas sobre as outras. Uma palavra é levada a restringir cada vez mais sua significação pelo fato de existir uma companheira que estende a sua. Isso acontece quando um termo de ampla significação tem seu sentido reduzido por uma rival de outra origem que invade e ocupa, no curso do tempo, todo seu domínio. Nosso espírito recusa-se a guardar riquezas inúteis e, aos poucos, descarta o supérfluo; todavia, uma palavra pode perder sua força no uso e até desaparecer sem que seus compostos e derivados sejam afetados.

Toda nova palavra introduzida em uma língua causa uma perturbação análoga à de um ser novo introduzido no mundo físico ou social. Quando, por razões diversas, adotamos um termo novo, nós o gravamos em nossa memória pouco a pouco, de tal modo que, assim como um gesto, passa a integrar, pela repetição, nosso comportamento e termina por fazer parte de nosso repertório lingüístico e do nosso repertório cultural que abarca, dentre outros recursos, aqueles referentes às formas léxico-gramaticais.

Ainda, de acordo com o nosso autor, a aquisição de uma palavra nova, seja ela de um idioma estrangeiro, seja ela o resultado da formação por associação de duas palavras, seja de um canto qualquer ignorado da sociedade, é um fato relativamente raro. O mais freqüente é a aplicação de uma palavra já em uso a uma idéia nova. Com isso, acreditamos que, além de ser esse um dos fatores de renovação e do crescimento de uma língua, há também uma relação estreita entre a origem da linguagem, a evolução do sentido e as **EI** se, principalmente, levarmos em conta a necessidade que carregamos de representar e de exprimir por imagens (o homem sempre criou mitos para explicar a realidade que o cerca) o que pensamos e o que sentimos, dado que as palavras, freqüentemente empregadas, perdem seu efeito de sentido. Importa lembrar que as palavras não gastam, entretanto, os seus usuários querem comover, agradar, persuadir e é por isso que vemos despontarem imagens novas para coisas velhas, saídas não se sabe de onde, talvez da cabeça de um grande escritor, talvez de um desconhecido; se as imagens são exatas e pitorescas, elas encontram abrigo e se instalam. O acréscimo de uma significação nova pode coexistir com a antiga, sem se prejudicar nem influenciar o novo termo. Quanto mais uma nação avança culturalmente, mais os termos dos quais ela se serve acumulam acepções diversas, atesta o autor.

Peter Burke (1997), em seu livro *Vico*, mostra-nos como esse filósofo e pensador italiano, que viveu o Iluminismo e cujas idéias anteciparam movimentos intelectuais posteriores, concebe a linguagem, a metáfora, o mito, a psicologia e tantas outras coisas. Segundo o autor, há quem o considere o precursor da psicanálise, do existencialismo, do estruturalismo e de outros movimentos intelectuais contemporâneos. Os vastos interesses de Vico finalmente chegavam a um problema central. Ele estava preocupado em estabelecer os princípios do direito natural e foi com esse propósito que tentou sua reconstrução conjectural do mundo do homem primitivo __ sua frase habitual era **os primeiros homens**. Ainda estava à procura da sabedoria antiga, mas não acreditava que ela fosse obra dos primeiros filósofos. Ao contrário, era realmente uma "sabedoria popular" (*sapienza volgare*), expressando-se por meio de tradições, mitos e rituais e, com isso, ele estava convencido de que seus predecessores __ entre eles Platão, Bacon, Maquiavel__ haviam cometido um

enorme anacronismo. Haviam imaginado os "primeiros homens" com nossas idéias atuais e não com suas idéias originais __deles próprios. Continua Burke fazendo referência a uma reflexão de Vico em torno de um problema proposto por antigos filósofos gregos: existe uma lei natural ou são as leis meras matérias de convenção? Suas idéias sobre a origem da linguagem partiram de um questionamento semelhante que, por sinal, também é o tema central do diálogo platônico *Crátilo*, cuja argumentação apontada que o significado das palavras têm certas afinidades naturais com as coisas que representam.

A esse tempo, Vico completamente tomado pelo fascínio do *Crátilo*, mostra-se consciente do recente debate sobre a linguagem natural. Ele distinguia três formas principais de comunicação, associadas a três idades:

1- na *idade dos deuses*, os homens se comunicavam por meio do ritual "mudos atos religiosos ou cerimônias divinas", usando inclusive a linguagem das mãos. Os primeiros homens também valeram-se de caracteres sagrados __ os famosos hieróglifos egípcios__ exemplo legítimo de linguagem natural.

2- na *idade dos heróis*, usou-se uma linguagem de imagens convencionalmente simbólica __ mais ou menos como a linguagem heráldica, que Vico analisa como uma recorrência da idade heróica no período medieval.

3- na *idade dos homens*, inventaram-se os vários alfabetos.

A linguagem falada, de acordo com concepção de Vico, passou por um processo de evolução semelhante, do natural para o convencional. Começou com os sons onomatopaicos e, num processo de abstração cada vez maior, as linguagens faladas desenvolveram interjeições, pronomes, verbos e assim por diante. Propôs também uma explicação para a diversidade de vernáculos em termos geográficos e sociais __ diferentes climas de que resultaram diferentes culturas e costumes e, conseqüentemente, o surgimento de mais de uma linguagem. Assim, se seguirmos

a linha de raciocínio de Vico, chegaremos ao entendimento das *EI* como produto cultural, que carregam em seu bojo todo esse aprendizado e ensinamento de culturas e costumes.

Prossegue Burke (1997) destacando o enfoque dado por Vico à natureza concreta da linguagem primitiva e suas analogias com a linguagem dos poetas de outros períodos. Segundo Vico, a linguagem dos primeiros homens era o que de mais sublime poderia existir na sua forma de expressão. O fato de que os "primeiros povos fossem poetas" era a *chave mestra* da sua nova ciência — a analogia; a poesia era mais velha do que a prosa. Na idade heróica, os homens falavam em versos heróicos. A antiga lei romana era "um poema sério". Um jurista amigo de Vico, Domenico Aulio (1649-1717, apud Burke, 1997), observara que as leis do povo de Israel eram em versos e os primeiros historiadores poetas e, sem dúvida, a poesia desempenharam um papel de suma importância na transição da selvageria para a civilização, à época do Renascimento. Entretanto, o que mais caracteriza a teoria de Vico não é tanto a ênfase dada ao verso, mas sim à metáfora e ao pensamento concreto, cuja preocupação resulta em sua célebre teoria do mito. Os mitos eram em geral, considerados como uma linguagem secreta, em que a informação era deliberadamente escondida do "vulgo", uma linguagem que agora esperava ser codificada pelas pessoas mais instruídas. Os filósofos estóicos da Grécia e de Roma ofereceram novas interpretações alegóricas dos mitos, dando muita importância às lições morais que eles continham. Durante o Renascimento, houve a publicação de um tratado sobre os mitos — Natale Conti (1520-1582) que combinava três principais interpretações: a física, a histórica e a moral, informa Burke (1997: 56). Contudo, a inovação mais significativa do estudo do mito foi o desenvolvimento, no século XII, de uma abordagem comparativa, envolvendo diferentes línguas orientais e culturas do antigo Mediterrâneo — gregos, hebreus, egípcios e outros. Com esse conhecimento, chegou-se à constatação das semelhanças entre as narrativas, observando-se poucas corrupções da cultura doadora original — a judaica.

Nosso autor continua informando que Vico encarava a idéia de que os mitos fossem uma linguagem filosófica, um anacronismo — negava a idéia de que Júpiter, Hércules e outros deuses e heróis houvessem sido antigamente homens reais, como

também não acreditava que fossem criações literárias com o fim específico de transmitir, de um modo codificado, ensinamentos filosóficos. Assumiu o ponto de vista de que havia sido atribuída ao homem primitivo uma racionalidade moderna errônea. Sugeriu, então, que os heróis da mitologia deveriam ser vistos como "caracteres poéticos". Ao usar o termo *caráter*, palavra que tanto se refere a um tempo, a um pessoa e a uma forma de comunicação, inaugurava a idéia de que os deuses e os heróis expressavam idéias abstratas sob forma concreta. São produtos de tradições populares, e não, como acreditavam alguns pensadores, criações de filósofos. Os mitos *não* são, pois, narrativas distorcidas de acontecimentos políticos, mas verdadeiras histórias de costumes, exemplos da *lógica poética* dos primeiros homens, ou em outras palavras, exemplos de um modo de pensar primitivo, concreto e antropomórfico.

Em seu artigo *Giambattista Vico e o Descobrimento da Cognição Metafórica*, Haskell (1987) cita o trabalho do filósofo italiano *Ciência Nova* como um trabalho genial que anuncia além de uma história social, uma teoria cognitiva da metáfora. Nessa teoria, ele mostra que o pensamento figurativo __ rico em imaginação e personificação__ é o primeiro modo de linguagem do homem, que a metáfora é, *primeiramente*, uma função cognitiva, integral, também conhecida por pensamento racional e por formar conceitos. Conclui seu texto sugerindo que pesquisas na área cognitiva deveriam ser direcionadas para outras áreas que também mostram processos metafóricos, tais como a poesia e, na psicologia __o processo dos sonhos e o mundo dos esquizofrênicos declarados. Sugere a psicólogos que trabalham com a cognição que tentem desvendar mais sobre a operação e transformação dos processos cognitivos, por meio de investigação e criação de novos métodos para estudar e conhecer as áreas dos chamados processos racionais.

Muito antes da publicação da obra de Darwin *A origem das espécies* (1859), os investigadores tinham desenvolvido teorias concebidas para dar conta da evolução da linguagem por meio de sistemas de comunicação não-verbal como os gritos de emoção instintivos, os gestos e os coros rítmicos, como atesta Lyons (1977:76). Ele comenta que a obra de Darwin, inclusive suas próprias especulações sobre a origem da linguagem, despertou um movimento de se construir uma teoria evolucionista da

linguagem, no final do século XIX. A essa altura, a lingüística foi muito influenciada pela teoria evolucionista; entretanto, nas últimas décadas, a maioria dos lingüistas têm demonstrado pouco interesse pelas questões concernentes à origem da linguagem, uma vez que não se tem encontrado, segundo o nosso autor, em qualquer das milhares de línguas, que se sabe existirem ou terem existido no passado, sinais da evolução de um estado de desenvolvimento mais simples para um mais complexo. A maior parte dos lingüistas acredita que essa questão, além de não ter resposta, não é relevante para a construção de uma teoria geral da estrutura da linguagem. Diz nosso autor (1977: 77)

a componente verbal da linguagem pode ter tido uma origem completamente distinta e a sua interpretação com a componente não-verbal ter-se operado subsequente e gradualmente. Sob esse olhar, uma hipótese é tão plausível quanto a outra.

Já em Hill (1974:53-61), encontramos que a existência de culturas implica a existência da linguagem, visto que a linguagem é um meio óbvio da transmissão tradicional da cultura e de seu desenvolvimento progressivo. Temos que o começo da linguagem, um estágio de desenvolvimento evolucionário que podemos chamar de pré-linguagem, bem pode ter ocorrido entre os homínidas¹, entretanto, é provável que a verdadeira linguagem tenha se desenvolvido entre essa espécie muito depois, na época, ou ao mesmo tempo em que formas de comportamento estruturado tornam-se uma verdadeira cultura. Lyons (1977:76) observa que, se possuíssemos registros interpretáveis das formas de comunicação das espécies homínidas primitivas, poderíamos discutir, com mais propriedade, a origem da linguagem.

De acordo com a teoria das onomatopéias², porém com restrições a essa teoria de

¹ A escrita dessa palavra está fiel ao autor, todavia encontramos homínida, para designar a mesma espécie primitiva.

² - Segundo João Ribeiro, a teoria das onomatopéias pode ser entendida por vozes e ruídos quase verbais que resultaram em palavras reconhecíveis por sua formação imitativa. Diz o autor que não é conveniente fazer uso dessas teorias de base acústica como fonte precípua do vocabulário, principalmente se observarmos as onomatopéias em outras línguas. Não é pelo fato de usarem elementos sônicos da linguagem que podemos colocá-las lado a lado, como equivalentes. Assim, se pegarmos a palavra *ronronar* _imitação do som que o gato faz_ em francês, temos *ronronner*, em inglês *purr*, em alemão *schnurren*.

base acústica, encontramos em João Ribeiro (1933:216) *que linguagem começou naturalmente pelo gesto, que é a mais elementar de todas as expressões, animais e humanas*. Ao gesto, ajuntaram-se as vozes e ruídos quase verbais de maior expressividade pela necessidade comunicativa. Segundo essa teoria, o primeiro fato geral é o da *reduplicação* que parece de origem infantil: *papai, mamãe*. A *repetição* também se faz presente nos fenômenos duradouros e contínuos: *sussurrar, murmurar, ciciar, cacarejar, cochichar etc.* Outra formação onomatopaica é a de ruídos fortes e ininterruptos expressos pelos grupos imitativos br, cr, tr, fr, *crac, trovão, quebrar, brotar*. É curioso também notar que todas as palavras que se referem à garganta contêm a gutural *g (=gh)*, por exemplo, gago, guelras, goela, garganta, engolir, glutão, gula, grito, gralha, grasnar, gorja, gargalhada, gargarejo etc. Outro fato a observar é o constante consonantismo do *l* ou *fl* nas coisa instáveis e líquidas: fluir, dilúvio, fio, filtrar, lágrima, leite, lago, luz, linfa, lavar, lambar, floco, flácido, lascivo, lúbrico etc. Assim, conclui o autor que as derivações menos aceitáveis à primeira vista reduzem-se a imitações e ecos cada vez mais longínquos da voz e fonte primitiva e nada, nesses casos, exclui a consulta às etimologias.

Ao pensamento desse autor, acrescentamos o de Gibbs (1994, apud Palma: 1998) cujo teor revela o homem como um ser que não só percebe as semelhanças presentes na realidade mas também as suas diferenças, as suas contigüidades, as suas abrangências, as suas contradições. Por isso, considera mais adequado propor-se um pensar figurado que explicitaria as diversas associações que o homem estabelece entre elementos extralingüísticos.

Se tomarmos a teoria aquisição da linguagem de Piaget, segundo Belintane (2005), veremos que ele distingue rigorosamente linguagem e pensamento, posição essa que não era a mesma de seus contemporâneos filósofos, psicanalistas e lingüistas. Para ele, a linguagem, apesar de importante, não tem dimensão constitutiva, isto é, não implica as noções de sujeito, de psiquismo, de inconsciente, de pensamento. Com o advento da modernidade, essa dimensão veio sendo assumida como elemento diferencial para a definição de sujeito, de objeto e até mesmo de homem.

O foco principal de Piaget é a gênese e o desenvolvimento do conhecimento, mais especificamente daqueles oriundos das ciências exatas. Sua incursão pelo campo produtivo da linguagem foi breve e mais restrita às décadas de 20 e 30, do século passado. Em todas as suas obras, a linguagem é sempre vista como sinônimo de "linguagem falada", cujos primórdios ou traços iniciais não são inatos, mas sim decorrentes de ações coordenadas entre si. O surgimento da representação só é possível quando a assimilação de objetos aos esquemas de ação passa por acomodações de tal modo que haja entre eles, os objetos já assimilados, possibilidades de evocá-los na memória mesmo quando eles estiverem ausentes — fenômeno que Piaget chama de "conservação do objeto".

Para Piaget, esse rudimento inicial, essa expulsão da coisa e fixação em seus traços perceptuais, ainda não é linguagem, só o será quando for associada a uma emissão verbal. Antes do surgimento da linguagem, da fala, prevalece uma inteligência prática, que, em vez de palavras e conceitos, cinge-se a esquemas de ação, a jogos manipulatórios, "percepções e movimentos organizados em esquemas de ação". Aponta Belintane, em seu estudo, que Piaget utiliza as mesmas etapas e conceitos do desenvolvimento do conhecimento e da inteligência para o desenvolvimento da linguagem e passa a estudar a imitação. A conclusão a que chega em relação a esses rudimentares processos de imitação é que esse contágio é o *embrião* da imitação fônica. Progressivamente, a imitação vai se expandindo, como resultado da combinação de vários esquemas, corporais, táteis, visuais e auditivos. Desse modo, torna-se uma espécie de "acomodação sistemática", ou seja, uma capacidade de imitação suscetível de variar em função do modelo.

Os estudos de Piaget, como mostra o trabalho de Belintane, oferecem questionamentos. Em primeiro lugar, porque pouco levam em conta a posição do *outro*, posição que, para muitos lingüistas, psicólogos e psicanalistas contemporâneos é fundamental, sobretudo porque, para eles, a linguagem é interação, tensão entre um *eu* e um *tu*, lugares-pronome que constituem uma polaridade complexa, constitutiva da subjetividade; em segundo lugar, porque ele considera, na sua pesquisa, apenas seus filhos e sua atuação como pai modelo, esquecendo-se das falhas em decorrência das psicoses infantis, do autismo, de pais

comuns e de tudo o mais que pode comprometer a predisposição à ação e à imitação. Seu sujeito é universal, as singularidades são generalizadas e seu termo condutor é "a criança", quase sempre genérica, sem sexo, sem contexto socioeconômico e sem berço singular. Para concluir, atesta Belintane que, embora os trabalhos de Piaget apresentem inadequações, importa lembrar que__ apesar de embasada no campo da biologia, __ há em sua pesquisa sobriedade, tratamento teórico coerente e noções que abrem perspectivas interessantes e que é uma das mais geniais do século passado. Seu objetivo era desenvolver primeiro a inteligência e depois sofisticar a linguagem __ falada ou escrita.

Encontramos em Scarpa (2004:206) que os estudos sobre os mecanismos e processos de aquisição da linguagem ganharam força com os trabalhos do lingüista americano Noam Chomsky, no fim da década de 1950, em reação ao behaviorismo³ vigente na época que dominava nas teorias de aprendizagem. Para Chomsky, a linguagem do ser humano, específica da espécie, dotação genética e não um conjunto de comportamentos verbais, seria desenvolvida como resultado do desencadear de um dispositivo inato, inscrito na mente. Esse autor não considera o pensamento figurativo e nem pensou num sujeito real. Suas considerações giram em torno de um sujeito idealizado, virtual e, quando trata de linguagem e de cognição, é sempre sob essa ótica. As estruturas de condicionamento e de aprendizagem, segundo as quais um modelo A é reproduzido, pelo aprendiz, por mecanismos de contingenciamento ou imitação, como A', nem de longe explicam a complexidade e a sofisticação do conhecimento lingüístico (na primeira versão da teoria chamado de *competência lingüística*) que tem bases biológicas__ porque genéticas __ e, portanto, universais. Segue, a autora, mostrando o argumento básico de Chomsky: num tempo bastante curto __ dos 18 aos 24 meses __ a criança, que é exposta a uma fala precária, fragmentada, cheia de frases truncadas ou incompletas, é capaz de dominar um conjunto complexo de regras ou complexos básicos que constituem a gramática internalizada do falante. Esse argumento, constantemente reafirmado, é chamado de "pobreza do estímulo" e, na década de 1980, após modificações e reajustes na

³ O behaviorismo considera que a aprendizagem da linguagem seria fator de exposição ao meio e decorrente de mecanismos comportamentais como reforço, estímulo e resposta.

teoria gerativa, foi retomado e rephraseado com uma atitude francamente platonista ante a linguagem. A "pobreza do estímulo", um dos mais importantes argumentos em favor do inatismo, vincula-se à metáfora do *problema de Platão*, ao qual, segundo o lingüista, filiam-se questões centrais relativas à linguagem. O problema de Platão, coloca-se da seguinte maneira: *como é que o ser humano pode saber tanto diante de evidências tão passageiras, enganosas, fragmentárias?* (Scarpa, 2004: 208). Pode-se transferir para a linguagem, essa questão, quer dizer, que o conhecimento da língua é muito maior que sua manifestação. Assim, a linguagem está vinculada a mecanismos inatos da espécie humana e comuns aos membros dessa espécie, daí a idéia de universais lingüísticos.

Essa visão, que coloca a linguagem num domínio cognitivo e biológico, admite que o ser humano vem equipado, no estágio inicial, com uma Gramática Universal, dotada de princípios universais pertencentes à faculdade da linguagem, e de parâmetros "fixados pela experiência", isto é, parâmetros não-marcados que adquirem seu valor __ mais ou menos __ por meio do contato com a língua materna. Essa teoria tem sido chamada de "princípios e parâmetros" ou "paramétrica". Ainda no que respeita à aquisição da linguagem, com base nos trabalhos de Scarpa (2004:214), observamos uma visão que se distancia, em graus variados, tanto do cognitivismo piagetiano quanto do inatismo chomskiano: o interacionismo *social*. Segundo essa vertente, levam-se em conta os fatores sociais, comunicativos e culturais para a aquisição da linguagem. Assim, a interação social é vista como pré-requisito básico no desenvolvimento lingüístico e, com isso, de acordo com essa abordagem, temos que rituais comunicativos pré-verbais preparam e precedem a construção da linguagem e são considerados fundamentais para o seu desenvolvimento.

As propostas sócio-interacionistas afirmam que a linguagem é uma atividade constitutiva do conhecimento e é o espaço em que o indivíduo se constrói como sujeito. O conhecimento de mundo e do outro é, na linguagem, incorporado e segmentado, visto que estão intimamente relacionados e os dois passam pela mediação do outro __ o interlocutor. Essa proposta lingüística não se centraliza sobre o produto lingüístico, mas sim no processo comum aos dois interlocutores.

A autora conclui seu trabalho apontando que, na área da aquisição da linguagem, as questões são polêmicas e ainda estão em aberto. Os desafios estão na relação entre o inato e o adquirido, entre o biológico e o sócio-histórico, entre o lingüístico e o extralingüístico, entre o sujeito aprendiz e o objeto a ser aprendido. Para nós, contudo, importa dizer que a linguagem também é produto da cultura de um povo e, é por meio dela que as **EI** se perpetuam, principalmente se levarmos em conta que elas carregam ensinamentos, moral, testemunhos, independentemente de classes sociais.

No nosso entender, a discussão em torno da origem da linguagem sempre suscitará questões, uma vez que "linguagem" é um termo de sentido latíssimo. Há teorias que envolvem a linguagem humana __ que se aprende e por meio da qual se transmite cultura e conhecimentos__, há teorias discutindo a linguagem animal__ por meio da qual animais exteriorizam medo, cólera, prazer, alegria etc., que não é articulada e que se presta apenas a passar informações. Assim, ao focalizarmos a origem da linguagem, cremos ter mostrado os motivos que levam a tantas pesquisas e questionamentos. Se por um lado, fica a dúvida com relação à sua origem, por outro, tem-se a certeza que é por meio da linguagem que o homem se constitui um ser social. Adiante, apresentaremos a teoria das representações sociais e manifestação cultural cuja intenção é explicitar ainda mais as questões envolvendo pensamento e realidade, além de compreender como se estabelece a relação entre os temas tratados e as **EI**.

1.2. representações sociais

Segundo Maria Cecília Minayo (1995:89), representações sociais é um termo filosófico que significa a manifestação de uma percepção retida na lembrança ou a reprodução do conteúdo do pensamento. Nas Ciências Sociais, são definidas como categorias de pensamento que expressam a realidade, explicam-na, justificando-a

ou questionando-a. Como material de estudo, essas percepções são consideradas consensualmente importantes, atravessando a história e as mais diferentes correntes de pensamento sobre o social. Para nós, importam os autores clássicos __ Durkheim, Marx, Weber e Schutz__ de quem mostraremos as diferentes abordagens para o mesmo conceito, sempre embasados no trabalho de Minayo.

Em seu artigo, a pesquisadora aponta que Durkheim é o autor que inaugura o conceito de *representações sociais* usado no mesmo sentido de *representações coletivas* e cujo termo se refere a categorias do pensamento por meio das quais determinada sociedade elabora e expressa sua realidade. Esse pensador afirma que tais categorias não são dadas e muito menos universais na consciência, mas surgem ligadas a fatos sociais, transformando-se, elas próprias, em *fatos sociais* passíveis de observação e interpretação, revelando um grupo de fenômenos reais, dotados de propriedades específicas e que se comportam também de forma específica. Para esse sociólogo, é a sociedade que pensa, não sendo assim as representações necessariamente conscientes do ponto de vista individual. Com isso, temos que elas sempre conservam a marca da realidade social em que nasceram e ainda possuem vida independente, misturam-se, reproduzem-se, tendo como fator de mudança outras representações e não apenas a estrutura social. Durkheim, de acordo com a autora, reconhece como base das representações sociais o "substrato social" e, segundo ele, elas exercem sobre nós __ algumas mais que outras __ uma espécie de coerção para atuar em determinado sentido. Dentre elas, destacam-se a religião e a moral, categorias de espaço, de tempo e de personalidade, consideradas por ele como representações sociais históricas. O autor refere-se também às *representações coletivas* como tradutoras do pensamento do grupo em relação a seus objetos. Diz ele que, para compreender como a sociedade se representa a si própria e ao mundo que a rodeia, precisamos considerar a natureza da sociedade e não a dos indivíduos. Os símbolos com que ela se pensa mudam de acordo com a sua natureza, podendo aceitar ou condenar certos modos de conduta. Portanto, para esse autor não existem "representações falsas"; todas respondem de diferentes formas a condições dadas da existência humana e são símbolos por meio dos quais é preciso saber atingir a realidade que eles simbolizam e sua verdadeira significação. Se lançarmos um olhar mais atento, veremos que as **EI** dão conta retratar em palavras a realidade sugerida por esses símbolos, principalmente, se não

perdermos de vista que elas são produto da analogia e do pensamento figurativo do homem em relação ao seu universo.

Já Max Weber, segundo Minayo, elabora suas concepções do campo das *representações sociais* por meio de termos como "idéias", "espírito", "concepções", "mentalidade", usados muitas vezes como sinônimos, e trabalha de forma particular a noção de "visão de mundo". Para ele, a vida social__ conduta cotidiana dos indivíduos__ é carregada de significação cultural. Essa significação é dada tanto pela *base material* como pelas *idéias*, dentro de uma relação adequada, em que ambas se condicionam mutuamente. Para Weber, as idéias __ ou representações sociais __ são juízos de valor que os indivíduos dotados de vontade possuem. Logo, as concepções sobre o real têm uma dinâmica própria e podem apresentar tanta importância quanto a base material. A partir dessa tese da recíproca influência entre fundamentos __ base material e eficácia das idéias __, Weber chama a atenção, de um lado, para a importância das idéias como parte da realidade social e, de outro, para a necessidade de se compreender a que instâncias do social determinado fato deve sua maior dependência; porém, a base de seu raciocínio é de que, em qualquer caso, a ação humana é significativa, e assim deve ser investigada.

Usando o conceito de "visão de mundo", ele desenvolve o raciocínio de que cada sociedade para se manter necessita ter "concepções de mundo" abrangentes e unitárias e que, em geral, são elaboradas pelos grupos dominantes. Essas concepções abrangentes __ o modo de encarar o tempo, o espaço, o trabalho, a divisão de trabalho, a riqueza, o sexo, os papéis sociais __ perpassam todos os grupos de determinada sociedade. Resumindo, Weber e Durkheim levam-nos a perceber a importância de compreensão das idéias e sua eficácia na configuração da sociedade e também na possibilidade de conjunturas sócio-econômicas forçarem concepções e atitudes específicas.

Ao lado de Max Weber, encontramos Alfred Schutz que utiliza o termo "senso comum" para falar das representações sociais do cotidiano, informa Minayo (1998:95). Para esse autor, da mesma forma que o conhecimento científico, o senso

comum envolve abstrações, formalizações e generalizações. Esses conjuntos são construídos, são fatos interpretados, a partir do mundo do dia-a-dia, que é a preocupação teórica de Schutz. Assim, a existência cotidiana, segundo ele, é dotada de significados e portadora de estruturas de relevância para os grupos sociais que vivem, pensam e agem em determinado contexto social. Esses significados são selecionados por meio de construções mentais, de “representações” do senso comum. Para ele, a compreensão do mundo se dá a partir de um estoque de experiências pessoais e de outros — companheiros, predecessores, contemporâneos, sucessores. O autor separa os termos *experiência* e *conhecimento*. A primeira pode ser comum a um grande número de pessoas ao mesmo tempo; o segundo é individual e consiste na elaboração interior, subjetiva e intersubjetiva da experiência vivida e funciona como esquema de referência para o sujeito. Visto assim, dessa maneira, o mundo do dia-a-dia é entendido como um tecido de significados, instituído pelas ações humanas e passível de ser captado e interpretado. Nesse processo, entendemos que a metáfora e a comparação realizam-se como processos mentais que permitem ao homem desvendar, externar e interpretar não apenas o seu conhecimento de mundo, mas também o de seus pares, tendo como instrumento a linguagem.

Uma outra corrente de interpretação das representações sociais mostra-nos Marx. De acordo com Minayo (1998: 98), tanto para Marx como para os filósofos de seu tempo, “as quimeras, as idéias, os dogmas, as ilusões” são produzidos e reproduzidos pela própria cabeça, isto é, pela *consciência*. Para esse filósofos, as mudanças da sociedade adviriam da substituição das “falsas representações” por pensamentos correspondentes à essência do homem. Coloca como princípio básico do “pensamento” e da “consciência” determinado modo de vida dos indivíduos, condicionado pelo modo de produção de sua vida material. Para Marx, a produção das idéias, das representações e da consciência está, de início, diretamente entrelaçada com a atividade material e com o intercâmbio material entre os homens, como a linguagem da vida real. Para ele, a categoria chave para tratar do campo das idéias é a *consciência*. Para esse filósofo, as representações, as idéias e os pensamentos são o conteúdo da consciência que, por sua vez, é determinada pela base material. A manifestação da consciência se faz por meio da linguagem, dado

que ela nasce da necessidade, da carência de intercâmbio com outros homens. Marx faz, ainda, um paralelo entre consciência e linguagem; mostra como as idéias estão comprometidas com as condições de classe:

As idéias de classe dominante são, em cada época, as idéias dominantes; isto é, a classe que é a força material dominante da nossa sociedade, é ao mesmo tempo sua força espiritual dominante. Daí que as idéias daqueles aos quais faltam os meios de produção material estão submetidos às classes dominantes. As idéias dominantes nada mais são do que a expressão ideal das relações materiais dominantes, colocadas como idéias gerais, comuns e universais de todos os membros da sociedade (1984, 47; apud Minayo, 1998,99).

A partir de Marx, continua Minayo, dois outros autores marxistas têm trabalhado mais atentamente o campo das representações sociais. São eles Gramsci e Lukács. Gramsci trata de forma bem específica o tema *senso comum e bom senso* quando diz que

pela própria concepção de mundo, pertencemos sempre a um determinado grupo, precisamente ao de todos os elementos sociais que partilham de um mesmo modo de pensar e agir. Somos conformistas de algum conformismo, somos sempre homens-massa ou homens coletivos (1981, 12; apud Minayo,p.100)

Lukács aprofunda o tema das representações sociais, proposto por Marx, o de *visão de mundo*. Segundo ele, escreve Minayo, a visão de mundo não é um dado empírico, mas de um instrumento conceitual de trabalho, indispensável para se compreenderem as expressões imediatas do pensamento dos indivíduos. Sua importância e realidade também se manifestam no plano empírico. Ela é o principal aspecto concreto do fenômeno da *consciência coletiva*. Segundo esse autor, *visão de mundo* é precisamente esse conjunto de aspirações, de sentimentos, e de idéias que reúne os membros de um grupo __ mais freqüentemente de uma classe social __ e os opõe a outros grupos. Lukács concorda com os autores já citados, assumindo que, nas consciências individuais, expressa-se a consciência coletiva __ de classe __ e ainda chamando a atenção para o fato de que o fundamento científico do conceito de *visão de mundo*, apreendido por meio do indivíduo, é a integração desse pensamento individual no conjunto da vida social.

Também no do campo das representações sociais, Bourdieu e Baktin referem-se a elas valorizando a fala como expressão das condições da existência ___ do ser humano. Para Bourdieu, a palavra é o símbolo da comunicação por excelência porque ela representa o pensamento. A fala, exatamente por isso, revela condições estruturais, sistemas de valores, normas e símbolos e tem a magia de transmitir as representações de grupos determinados, em condições históricas, sócio-econômicas e culturais específicas, atesta Minayo. Baktin, por sua vez, considera a palavra como fenômeno ideológico. Segundo ele, a palavra é o modo mais puro e sensível da relação social e é também um campo de expressão das relações e das lutas sociais. Cada época e cada grupo social têm seu repertório de formas de discurso na comunicação que é inteiramente dominada pelas relações de produção e pela estrutura sócio-política. Para ele, *a palavra é a arena onde se confrontam valores sociais contraditórios* (1986:64; apud Minayo:103).

Se cada grupo social e cada época caracterizam-se pelas sua formas de discurso, é fato que o pensamento e a ação desses grupos também passam por transformações. A linguagem é o palco maior dessas mudanças; nela observamos termos que surgem, termos que desaparecem ou passam a coexistir lado a lado e expressões cristalizadas que ressurgem no idioma, reinventadas. Por essa razão, é possível verificar o dinamismo com que as expressões entram e saem do idioma e, por esse mesmo motivo acreditamos que as **expressões idiomáticas** retratam essas *representações sociais* que o indivíduo faz de si mesmo, da sua vida, do mundo e da realidade que o cerca.

Para concluir, explica a autora, temos que a Escola Marxista coloca como denominador comum da ideologia, das idéias, dos pensamentos, da consciência, logo, das *representações sociais*, a base material e as condições de classe. Junto com Durkheim, Marx mostra a anterioridade da vida social em relação às representações ___ a vida social causa as idéias. Já para Weber, existe uma relação de adequação entre as idéias e base material, enquanto Marx coloca a base material em relação de determinação às idéias. Em se tratando de construção do

conhecimento, os três autores concordam com a importância de se compreender as representações sociais e, também para eles, é no plano individual que as representações sociais se expressam.

Parece-nos, uma vez mais, que as **expressões idiomáticas** são decorrentes de processos cognitivos __ a saber: a metáfora e a comparação. Ao concluir este item, evidencia-se o papel das representações sociais no processo de nascimento das EI. Se representações sociais significam, de acordo com as Ciências Sociais, categorias de pensamento que expressam a realidade com a finalidade de explicá-la, questioná-la e até mesmo justificá-la, e, já sabemos que o pensamento figurativo é, segundo Vico, uma ação presente **nos primeiros homens**, aí está a explicação para o surgimento dessas expressões que se cristalizam na língua, como fontes de cultura, de moral, de ensinamentos e ainda prestam-se a atender às necessidades comunicativas dos falantes sem, contudo, revelar predileções de classe social. O próximo item deste trabalho vai tratar de um tema que corrobora a nossa conclusão acima. Trata-se da *manifestação cultural*. Vamos a ele:

1.3. manifestação cultural

De acordo com Ortiz (2003:127), pode-se dizer que a relação entre a temática do popular e do nacional é uma constante na história da cultura brasileira e isso é tão marcante que Nelson Werneck Sodré __ segundo a autora __ afirma que só é nacional o que é popular. As discussões em torno da cultura popular sempre se vincularam às da identidade nacional, em diferentes épocas e sob os mais diversos aspectos. Segundo esse autor, Silvio Romero, precursor dos estudos sobre o caráter brasileiro, definiu o seu método de trabalho como "popular étnico", dado que o conceito que predominava entre os intelectuais do final do século XIX era o da mistura racial, do brasileiro como raça mestiça; o do produto do cruzamento de três raças distintas: a branca, a negra e a índia. Identidade nacional e cultura popular

associam-se ainda aos movimentos intelectuais dos anos 20 e prolongam-se aos movimentos políticos dos anos 50 e 60. Se ampliarmos os horizontes, teremos ainda as práticas religiosas e a mistura de etnias, sem contar as situações históricas com uma série de elementos que caracterizam o popular associando-o ao nacional. Exemplo ilustrativo pode ser o golpe militar que junto com ele trouxe a necessidade de reinterpretar as categorias de nacional e de popular e, pouco a pouco desenvolveu uma política de cultura que busca concretizar a realização de uma identidade *autenticamente* brasileira. Para tanto, basta lembrar as comemorações, da Copa Mundial de Futebol de 1958 e de 1970__ conforme atesta Chauí (2006:32) __, em que a população saiu às ruas vestida de verde-amarelo ou carregando objetos verdes e amarelos. Ainda que, desde 1958, soubéssemos que "verde, amarelo, cor de anil/ são as cores do Brasil", os que participaram da primeira festa levaram as cores nacionais, mas não levaram a bandeira nacional. A festa era popular. A bandeira brasileira fez sua aparição hegemônica nas festividades de 1970, quando a vitória foi identificada com a ação do Estado transformou-se em festa cívica. De lá para cá, o verdeamarelismo tornou-se cada vez mais arraigado no espírito do povo brasileiro e tem se conservado, quando parecia não haver mais base material para sustentá-lo. Se ele foi a ideologia dos senhores de terra do sistema colonial, do Império e da República Velha, deveríamos presumir que desaparecesse por ocasião do processo de industrialização e de urbanização. Não desapareceu e não por falta de tentativas. Houve. Nem os movimentos modernistas, nem o Cinema Novo, nem a MPB de protesto, nem os CPCs (Centros Populares de Cultura), nem o ISEB (Instituto superior de Estudos Brasileiros) conseguiram aniquilar a imagem verdeamarela que se consolidou.

A essa imagem consolidada, juntou-se mais uma: o povo brasileiro, cuja índole dócil e pacífica é um traço tipicamente reconhecido. A democracia racial, a imagem do povo mestiço e "os trabalhadores do Brasil" tudo isso contribui para fortalecer a questão da nacionalidade. Importa lembrar que o pan-americanismo __ instituído pelo Departamento de Estado norte-americano durante os anos da Segunda Guerra__ promoveu a "amizade entre os povos americanos" e transformou Carmem Miranda em embaixadora da boa vontade, obrigando-a a difundir uma imagem telúrica e alegre do Brasil, juntamente com outra figura característica: o papagaio

malandro Zé Carioca. Ainda que esses fatos tenham ocorrido em meados dos anos 50 e início dos anos 60 do século passado, é possível perceber, atualmente, que esse sentimento está vivo.

Também de acordo com Chauí, a ditadura, desde o golpe de Estado de 1964, deu a si mesma três tarefas: a integração nacional, a segurança nacional e o desenvolvimento nacional, cuja difusão de idéias foi feita nas escolas por meio da disciplina de educação moral e cívica, na televisão, com programas educativos como "Amaral Neto, o repórter" e os da Televisão Educativa, e pelo rádio por meio da "Hora do Brasil" e do Mobral___ Movimento Brasileiro de Alfabetização___, encarregado, de um lado, assegurar a mão-de-obra qualificada para o novo mercado de trabalho e, de outro, destruir o Método Paulo Freire de alfabetização. Assim, da Copa do Mundo de 1958 até os dias atuais, o verdeamarelismo, se não permaneceu intacto em todos os seus aspectos, manteve-se como representação interiorizada da população brasileira que, sem distinção de credo, de classe e de etnia, conserva-o mesmo quando as condições reais o desmentem.

Para essas questões de identidade e cultura, parece-nos evidente que a língua de um povo é a sua expressão maior, uma vez que, por meio dela, somos capazes de nos reconhecer como pertencentes a uma mesma cultura e reprodutores dela. Vejamos o que nos diz um estudioso do assunto.

Para Dante Moreira Leite(1969:11), os homens geralmente são incapazes de utilizar perfeitamente mais de uma língua, e só naquela aprendida na infância são capazes de exprimir todas as sutilezas do pensamento. Além disso, o local em que nascem e crescem e a paisagem que conhecem constituem um universo próximo e amigo. No outro extremo, o estrangeiro provoca nossa desconfiança e, às vezes, desperta o nosso medo. Nem sempre se entende os seus gestos e certamente não se compreende sua língua. Em todos os seres humanos, encontramos essas duas tendências, algumas pessoas apresentam uma delas de maneira bem acentuada. Em um caso, denominado *xenofilia*, a pessoa terá tendência a desprezar o seu grupo e seus padrões, ao mesmo tempo em que atesta a superioridade do grupo estranho. E, no outro caso, denominado *xenofobia*, ocorre o inverso, o grupo

rejeitará totalmente o grupo estranho e seus costumes. Se considerarmos a tese de que há nacionalismos saudáveis e, outros, doentios e destrutivos, não será difícil encontrar exemplos para ambos, porém, para os últimos há o mais notório de todos __ o nazismo. O nacionalismo, como o concebemos hoje, só apareceu nos fins do século XVIII, de certo modo acompanhando a Revolução Francesa de 1789 __ movimento tipicamente liberal, que expressava uma ideologia política.

Quando se defendem algumas tradições nacionais, pensa-se que a influência pode destruir certas formas características de um povo, observa o autor. Essa observação tem um fundo de verdade, pois a *vida cultural* __ não a tecnológica__ parece ser sempre resultante de um longo depuramento que acaba por encontrar expressão em formas quase definitivas para o espírito humano. Ou, para dizer de um modo diferente, o espírito humano parece incapaz de aprender uma condição geral do homem, a não ser na medida em que ela se exprima em formas particulares. O desenvolvimento dessas formas depende do contato com outras culturas e, apenas em casos muito específicos, esse contato entre povos diferentes foi destrutivo; na maior parte das vezes, o contato é uma forma de enriquecimento e progresso, enquanto o isolamento conduz à esterilidade das formas culturais, atesta Dante (1969:25).

Segundo esse autor, uma questão que ainda divide os cientistas sociais é o fato de saber se cada indivíduo *tem* uma personalidade e se cada grupo *tem* uma cultura. Alguns sustentam que personalidade e cultura são apenas conceitos; isto é, forma cômoda de resumir as observações a respeito de uma pessoa, no caso da personalidade, ou de um grupo, no caso da cultura. A situação no caso da cultura ainda é mais complexa e facilmente pode conduzir à idéia de uma "mentalidade coletiva", cujas várias partes se encontram em indivíduos separados, às vezes, muito distantes no tempo e no espaço. Assim, admitir a existência objetiva de uma cultura pode conduzir à idéia de que a mesma cultura manifesta-se em épocas diversas e em pessoas geograficamente separadas. Os conceitos descritivos de cultura __ conjunto de normas, relações, padrões idéias e reais de comportamento__ são necessários porque muitas relações que encontramos em indivíduos e grupos são complementares. Com isso, inevitavelmente, a linguagem acaba por abstrair tais relações e utilizar conceitos que englobam suas partes

antagônicas e complementares. Depois, por um processo que também não se pode evitar, no pensamento humano, os conceitos adquirem as características de coisas e reagimos a eles como se estivéssemos diante de objetos e não de palavras que resumem relações observáveis entre pessoas ou grupos reais. Ainda, de acordo com Dante (1969:119), nos estudos sobre a relação cultura-personalidade é muito difícil separar a característica percebida diretamente da supostamente fundamental. O que podemos observar é que na chamada *cultura nacional* não há unidade a não ser de língua e de organização política. Desse modo, uma vez mais, podemos afirmar que as **EI T** têm no seu âmago os traços culturais do grupo que as adota e por meio delas se manifesta, contribuindo para a perpetuação de crenças, moral, ensinamentos e outros tantos valores, servindo-se do meio mais ágil e certo: o idioma⁴.

A propósito dos itens anteriores, vamos apresentar os conceitos de língua e linguagem sob a ótica da análise do discurso e, mais especificamente, na voz de Norman Fairclough (2001) cuja obra *Discurso e Mudança Social*, será o nosso apoio teórico. Em seu trabalho, o autor explica que os lingüistas tradicionais — Saussure e seus discípulos — consideram a fala como não acessível ao estudo sistemático, por ser essencialmente uma atividade individual: os indivíduos usam a língua de formas imprevisíveis, de acordo com sua vontade, suas intenções, uma *langue* (língua) que é em si mesma sistemática e social. Os lingüistas nessa tradição identificam a *parole* para ignorá-la, pois a implicação da posição saussureana é que qualquer estudo sistemático da língua deve ser um estudo do próprio sistema, da *langue*, e não do seu uso. Para Fairclough (2001), as *variáveis sociais* que são consideradas como correlacionadas a variáveis lingüísticas são aspectos das situações sociais de uso lingüístico relativamente superficiais; além de não haver uma compreensão de que as propriedades do uso de linguagem podem ser determinadas em um sentido mais global pela estrutura social em um nível mais profundo — as relações sociais entre as classes e outros grupos, modos em que as instituições sociais são articuladas na formação social, e assim por diante — e podem contribuir para reproduzi-la e transformá-la. Segundo esse autor, ao propor o uso do termo *discurso*, ele o está considerando linguagem como forma de prática social e não como atividade

⁴ No próximo capítulo, estabeleceremos a distinção entre língua e idioma.

puramente individual ou reflexo de variáveis situacionais e isso tem várias implicações. Primeiro, implica ser o discurso um modo de ação, uma forma em que as pessoas podem agir sobre o mundo e especialmente sobre os outros, como também um modo de *representação* (grifo nosso). Trata-se de uma visão do uso da linguagem que se tornou familiar. Segundo, implica uma relação dialética entre o discurso e a estrutura social. Tal relação existe, geralmente, entre a prática social e a estrutura social: a última é tanto uma condição como um efeito da primeira. O discurso é moldado e restringido pela estrutura social no sentido mais amplo e em todos os níveis__ pela classe e por outras relações sociais em um nível societário, pelas relações específicas em instituições particulares, como o direito e ou a educação, por sistemas de classificação, por várias normas e convenções, tanto de natureza discursiva como não-discursiva, e assim por diante. O discurso é pois, uma prática, não apenas de representação do mundo, mas de significação do mundo, constituindo e construindo o mundo em significado.

Concluindo, o autor ressalta três aspectos dos efeitos construtivos do discurso, a saber: contribui para a construção do que variavelmente é referido como identidades sociais e posições do sujeito para os sujeitos sociais e os tipos de eu, contribui para construir as relações sociais entre as pessoas e para a construção de sistemas de conhecimento e crença e, ainda, para transformá-las.

Considerando os itens anteriores __ representações sociais e manifestação cultural__ esclarecedores para o entendimento das **EI**, passaremos ao próximo capítulo que tratará dessas expressões e de outros elementos que compõem o léxico.

CAPÍTULO II

LEXICOLOGIA E SEMÂNTICA

Nada entra na língua sem ter sido antes experimentado na fala,

e todos os fenômenos evolutivos têm sua raiz na esfera do indivíduo.

Ferdinand Saussure

(Curso de Lingüística Geral- cap. V, p.196)

2.1. lexicologia

Neste capítulo, abordaremos as questões do léxico e seus componentes. Iniciaremos com a definição de léxico e lexicologia para, em seguida, caracterizar os morfemas, os lexemas e os planos lingüísticos. Na sequência e, na parte final do capítulo, trataremos do sentido__ focalizando sua evolução. Com isso, pretendemos chegar ao conceito de *lexia*, pois é por meio dele que entenderemos as expressões idiomáticas, uma vez que são tidas como *lexias* complexas ou sintagma léxico cristalizado e indecomponível, segundo diferentes autores.

Em Mattoso (2002:157) temos :

Léxico aplica-se como sinônimo de vocabulário, o conjunto de vocábulos de que dispõe uma língua dada. Em sentido especializado, a parte do vocabulário corresponde às palavras, ou vocábulos providos de semantema⁵, ou vocábulo que é lexema. Neste segundo sentido, o léxico se opõe à gramática, porque é a série dos semantemas de uma língua, vistos por meio da sua integração em palavras.

Lexicologia é um termo usado ora em vez de lexicografia, ora em vez de lexiologia.

Lexiologia __ termo usado por alguns gramáticos para designar o estudo dos vocábulos, tanto em sua flexão, quanto nos processos para sua derivação e composição. Abrange assim o estudo dos morfemas flexionais e dos morfemas lexicais, que servem para formar novas palavras na base de uma palavra primitiva.

Lexicografia __ é o estudo metódico (enumeração, cognição, significação) das palavras de uma língua, feito em dicionário.

Na comunicação lingüística, para Vilela e Koch (2001: 19) há, entre falante e ouvinte, troca de representações da realidade objetiva com o auxílio de signos lingüísticos__ *lexias*. Esses signos são entidades em que sons ou seqüência de sons __ ou as suas correspondências gráficas __ estão ligados com significados ou conteúdos. Os signos lingüísticos ou como sugere Carone (1998:14-16), *objetos lingüísticos* são meios usados para a realização de conteúdos psíquicos e, é por meio deles que se configura a realidade e a distinção de objetos entre si. Além disso, eles também integram elementos de natureza psicológica, histórica e sociológica e, como tais, podem ser arquivados na memória coletiva e dela extraídos, ativa ou passivamente, visto serem unidades mínimas isoláveis e combináveis entre si. A essas unidades podemos chamar de *morfemas e lexemas* e, da combinação de ambas (lexemas e morfemas) resultam grupos de palavras, frases, textos, os chamados *signos complexos* __ caminho pelo qual chegaremos às **EI**, visto que são tidas como *lexias complexas*. Tal assunto figurará em nosso trabalho mais adiante, ao abordarmos a questão dessas expressões.

⁵ O termo semantema, lançado por Vendryes (1921,86), tem por base uma raiz grega que quer dizer “significação”. Em seu lugar, também se usa *morfema*, indiferencialmente, visto que também é forma ou ainda *lexema*. (Mattoso, 2002:215). Em nosso trabalho, adotaremos a nomenclatura de Mattoso(1980), ou seja, morfema.

Para Carone (1998:14-16), a construção de objetos lingüísticos ocorre em diferentes níveis. Ao promovermos uma análise, partimos do todo e, em cortes sucessivos, vamos obtendo partes, e partes dessas partes, até que se esgote a análise. Assim, cria-se uma hierarquia das partes obtidas que podem ser organizadas da menor para a maior. Cada objeto lingüístico possui, internamente, uma estrutura de peças menores que o constituem, e externamente, tem a capacidade de contrair uma função com outro do seu próprio nível, que assim se apresenta:

1º nível __ *morfema*: é a menor unidade significativa. Articula-se com outro (s) morfema (s), criando uma unidade de segundo nível __ *medic-o-s*.

2º nível __ *vocábulo*⁶: é uma unidade construída de morfemas __ um ou mais de um __. Articula-se com vocábulos __ *médicos dedicados*.

3º nível __ *lexia*⁷: pode ter a conformação de um vocábulo, porém o que nela se considera não é a sua estrutura, mas sim o seu comportamento dentro de uma unidade maior. O mesmo vocábulo __ *médicos* __ pode ser central em uma situação __ *médicos dedicados* __ ou marginal em outra __ *cuidados médicos*. Os mesmos vocábulos trocaram de papéis em conseqüência de uma nova distribuição dentro do sintagma. Por essa razão, entendemos que *lexia* é uma unidade de

⁶ O termo *vocábulo* designa a ocorrência de um lexema no discurso, na terminologia da estatística lexical. Como o termo *lexema* está reservado às unidades (virtuais) que compõem o léxico, o termo *palavra* a qualquer ocorrência realizada em fala, o vocábulo será a atualização de um lexema particular no discurso. Assim, *pequeno*, entrada de dicionário, é um lexema. Mas, se observarmos a frase realizada O PEQUENO PRÍNCIPE MORA NO PEQUENO PLANETA veremos que essa frase comporta sete palavras e duas vezes o vocábulo *pequeno*.

Sob esse ângulo, o lexema é uma unidade do léxico (estoque potencial do indivíduo ou da língua) enquanto o vocábulo e a palavra são unidades do vocabulário __ unidades efetivamente empregadas num determinado ato de comunicação __; a palavra representa então toda unidade emitida, enquanto o vocábulo representa uma unidade particular emitida considerada em referência ao léxico (Dubois, 1999:614)

⁷ Termos como *palavra* e *vocábulo* da linguagem comum se prestam a equívocos e imprecisões. Por essa razão os lingüistas cunharam o termo *lexema* para designar a unidade léxica abstrata em língua. Os lexemas se manifestam, no discurso, através de formas ora fixas, ora variáveis. Assim, em português, o lexema CANTAR pode manifestar-se discursivamente como *cantei*, *cantaram*, *cantas* etc. O lexema MENINO como *menino* e *meninos*. A essas formas que aparecem no discurso, daremos o nome de *lexia*. Dessa forma, evitamos ambigüidades e imprecisões inerentes aos termos palavra e vocábulo. (Biderman, 2001:169-170).

comportamento; no entanto, nem sempre ela se confunde com o vocábulo, pois pode ser *composta* de dois ou mais vocábulos __ *pé-de-moleque, aguardente* __ constituindo unidades já lexicalizadas pelo uso. Pode ser também *complexa*, quando construções sintáticas normalmente não-cristalizadas imobilizam-se em uma situação específica. A frase volitiva “Deus nos acuda!”, por exemplo, pode assumir o comportamento léxico de um substantivo em: “foi um deus-nos-acuda”. São, ainda, *lexias complexas* as estruturas sintáticas que se cristalizam, pelo uso, na memória coletiva. É, por exemplo, o caso das expressões idiomáticas, dos ditados populares e das frases feitas __que são todos lexicalizados __ para os quais reservamos um capítulo à parte em nosso trabalho.

4º nível __ *sintagma*: em sentido restrito, sintagma é uma construção que se faz no plano das construções sintáticas, tendo *lexias* como constituintes. O elemento necessário para que ele se configure é um substantivo ou um verbo __ pois são tidos como elementos centrais da oração __; um e outro podem articular-se ou não com elementos marginais, inclusive outros sintagmas, de valor adjetival ou adverbial.

5º nível __ *oração*: da articulação entre um sintagma nominal (SN) e um sintagma verbal (SV), nasce a oração “pássaros voam” e “belos pássaros de plumagem colorida voam sobre as lagoas do Pantanal” são, basicamente a mesma oração. Se observarmos a articulação entre o sintagma verbal “voam” e o sintagma nominal “pássaros” é a mesma nas duas orações, com a diferença que na segunda oração há a presença de elementos marginais (e outros sintagmas) de valor adjetival e adverbial.

Uma vez exposto os diferentes níveis em que se dá a construção do objeto lingüístico, passaremos à explicação dos planos lingüísticos e sua relação com o objeto lingüístico.

2.2. planos lingüísticos

O conceito de plano, segundo Dubois (1999), foi introduzido em lingüística estrutural para definir a relação significante ou *plano da expressão* e significado, ou *plano do conteúdo*.

Em Vilela e Koch (2001:19-25), temos que os elementos do plano lingüístico __ dada a sua natureza bilateral __ compõem-se de *forma e conteúdo*, donde se extrai que *forma* são os fenômenos do domínio lingüístico envolve elementos físicos, mensuráveis e registráveis. O *conteúdo* é a representação abstrata do processo de conhecimento ou reconhecimento de um objeto, de um evento ou de uma relação da realidade objetiva como ela está arquivada na consciência dos membros de uma comunidade lingüística __ a esse *conteúdo* podemos chamar de *lexema*. Vale lembrar que qualquer dos planos compõe-se de um conjunto de elementos que se encontram em relação mútua, formando uma estrutura específica e tendo a sua função no sistema __ a língua. O signo lingüístico compreende os seguintes *planos* (expressão usada pelos autores):

O *plano semântico* forma-se a partir de esquemas cognitivos que a sociedade construiu representando e configurando a realidade extra lingüística. A menor unidade de sentido desse plano é o *sema*.

O *plano fonológico* __ e o respectivo plano da sua representação gráfica __ tem por função tornar disponíveis as distinções invariantes no interior do campo da escrita e da fala, para assim se poder tornar armazenáveis os conteúdos semânticos fora e dentro da consciência e torná-los comunicáveis por meio de instrumentos perceptíveis. As unidades menores distintivas de conteúdo são os fonemas. Há, até certo ponto, paralelismo entre o gráfico e o fonológico. Combinações de traços gráficos formam *grafemas* e o conjunto de grafemas ou de fonemas formam sílabas, conforme atestam os autores.

O *plano morfemático* _ formado por signos lingüísticos elementares⁸ que

⁸ Signos lingüísticos elementares __ residem no plano dos morfemas; distinguem-se três espécies de morfemas: morfema de base, raiz, radical __ que guarda o significado objetivo; afixos derivativos __ que guardam o significado derivativo;

desempenham nos planos superiores __ combinados entre si __ diferentes funções. O *morfema* é a menor unidade significativa e pode ser dividido em:

morfema lexical __ *lexema*;

morfema gramatical __ *gramema*.

O *plano lexical ou lexemático* _ esse plano compõe-se de *lexemas* (morfemas lexicais __ o elemento menor portador de significado, no nível do léxico), e outros elementos do léxico, de diferentes tipos, que sejam codificados, idiomatizados e utilizáveis como totalidades e que, como totalidades, sejam unidades de designação combináveis em “colocações” __ verbais fixas, nominais ou unidades completamente idiomatizadas. Essas unidades do plano lexical possuem, via de regra, significado lexical e gramatical, que se manifestam apenas em construções sintáticas. Nesse plano, podemos dizer que reside o maior interesse da nossa pesquisa: **as EI**.

O *plano sintático* _ as unidades do plano lexical são colocadas em relação entre si no plano sintático e textual, de que resultam grupos de palavras, frases e textos, porém os grupos de palavras, as frases e os textos, realizados concretamente, não são unidades do sistema (a língua), não estão armazenados na memória e não são memorizáveis. Vale lembrar que a frase tem um duplo caráter __ é elemento do sistema e elemento do discurso e, como tal, recebe o nome de *enunciado*. As unidades básicas do plano sintático são os grupos de palavras (sintagmas nominais, verbais e adjetivais) e a frase __ que estão no sistema. Em oposição ao grupo de palavras fixas __ grupos fraseológicos equivalentes a *lexemas* __, temos aqui grupos de palavras que pertencem ao discurso.

O *plano textual e o plano discursivo* _ nesses dois planos temos resultados de ações comunicativas ou *textemas*. Aqui também temos forma e conteúdo além dos elementos que integram o texto __ macroestruturas, superestruturas e semântica da frase e do texto que se serve da semântica da frase.

afixos flexionais __ que guardam o significado gramatical. (Vilela e Koch, 2001: 21)

De modo concreto, é muito difícil distinguir claramente os signos gramaticais dos signos lexicais, apontam os autores. No significado lexical, estamos perante a configuração da realidade, no significado gramatical estamos perante representação de relações e propriedades: o modo como concebemos a realidade. Se observarmos que o significado gramatical carrega informações sobre o funcionamento interno da língua, essa questão parece-nos mais simples. Os elementos gramaticais integram-se ao significado lexical, como portadores de valores acessórios, daí serem esses significados __ e seus suportes __ uma *classe finita*, enquanto os significados lexicais constituem uma *classe infinita*. Em suma, cada um dos planos carrega especificidades que se ligam-se umas às outras a fim de contribuir para uma dada função, o que resulta, para o falante, em aprendizado: os vários elementos da língua *não* podem ser considerados isoladamente, mas de modo integrado. Ao fazer tal constatação, chegamos à noção de *sistema, norma e uso*.

No trabalho de Vilela e Koch (2001:32-33), encontramos o *sistema* da língua definido como uma totalidade organizada de elementos que constituem entre si uma rede de relações, formando uma estrutura. A *norma* liga-se ao fato de, no interior dos elementos e relações existentes no sistema, escolherem-se determinados elementos e relações e considerá-los como obrigatórios. A *norma é o resultado do fixado historicamente pelo uso* e, eventualmente, determinado pelas instituições __ é o caso da ortografia, por exemplo. Nesse conceito, distinguimos o fato de haver dentro da *norma* várias sub-normas: a norma dita “literária”, a norma da língua comum, a norma familiar etc. A *norma* pode ser alterada e não ser registrada pelas gramáticas ou dicionários de modo imediato. Com isso, há que se fazer considerações sobre o valor da *norma*. Muitas vezes a agramaticalidade ou a inaceitabilidade de enunciados resulta do fato de não encontrarmos situações adequadas para “gramaticalizar” ou tornar “aceitáveis” esses mesmos enunciados. Essa **pode** ser uma das razões pelas quais as **EI** entram na língua: atender a uma necessidade comunicativa, de maneira mais ou menos compacta, visto que não há na língua elemento ou conjunto de elementos (lexemas) que retrate a situação com a mesma fidelidade expressiva.

Neste ponto de nossa exposição, abriremos espaço para tratar particularmente dos elementos que compõem o léxico. Faremos uma caracterização desses elementos e, em especial, trataremos de um outro aspecto da palavra: o sentido __ apontando as causas para sua evolução e mudanças.

2.3. o léxico e seus componentes

Nas últimas décadas, afirma Biderman (1996), os lingüistas têm dado muita atenção às questões do léxico. O vocabulário exerce um papel de extrema relevância na veiculação do significado que, como se sabe, é o objeto da comunicação lingüística. A informação veiculada pela mensagem faz-se, sobremaneira, por meio do léxico, cujos elementos integram os enunciados. Assim sendo, temos que é ele o recipiente para a armazenagem da significação e dos conteúdos da linguagem humana. Para nós, o léxico é constituído por todos os elementos lexicais de uma língua, a saber: os lexemas de valor lexical__ as palavras plenas __ e os lexemas de valor gramatical __ as palavras gramaticais, vocábulos-morfema, que alguns lingüistas chamam de gramemas.

Recorremos a Turazza (1996: 78), que se fundamenta em Pottier (1976) para caracterizar as lexias atualizadas pela norma do uso, afirmando que elas podem apresentar diferentes combinatórias. Mostra ela que autor toma como critério a *comutação* e verifica que as relações interlexicais podem apresentar combinatórias livres, semi-livres e fixas o que o levou a classificar as lexias em: *simples, compostas ou complexas e textuais*. Com isso, temos que uma lexia é *simples* quando é possível comutar todos os elementos vocabulares, que compõem o(s) sintagma(s) de um enunciado; uma lexia é *composta ou complexa* quando os elementos vocabulares do sintagma, recortados no enunciado frástico, não permitem a comutação de todos eles ou de nenhum deles, respectivamente __ “couve-flor”, “couve-manteiga”, “couve-mineira” __ há comutação do segundo elemento vocabular, contudo __ “arco-íris”, “pôr-do-sol” não aceitam a comutação dos elementos vocabulares constitutivos dessas lexias, razão essa para entendermos as **EI** como lexias complexas. Então, como às lexias compostas e complexas compreendem os mesmos tipos de combinatórias __ semi-livres e fixas __ a

diferença entre elas se apaga; a sugestão do autor, aponta Turazza, diante de tal impasse é o critério da lexicalização __ sedimentação pelo uso __ para diferenciá-las. Aqui, podemos entender que esse é um dos critérios essenciais para reconhecer uma *EI* __ a força do uso que a consagra como tal e, para tanto, basta ouvir o povo, como sugere Bréal (1992). No que respeita às lexias textuais, cita-as a autora, parafraseando Potier (1976), destaca a lexicalização de enunciados que são memorizados como unidades textuais, a saber: “*sexo frágil*”, “*a mulher de César*”. Com tal exposição, entendemos que os *lexemas* estão no âmbito da *langue*, as *lexias* no âmbito da *parole* e o *vocábulo* no âmbito do discurso, para usar uma linguagem saussuriana. Turazza (1996: 80) encerra essa parte apontando a conclusão de Potier

os estudos do autor evidenciaram que a produção lexical não se dá de maneira caótica e que a dinâmica do enriquecimento do universo lexical é suscetível a um controle uma taxionomia⁹, quanto à tipologia ou quanto aos processos que permitem o aparecimento de novas unidades em seu inventário, o que possibilita o enriquecimento universal.

Ainda em torno das lexias, encontramos em Biderman (2001:170) que, nas realizações da fala, as fronteiras entre as palavras são difusas. Há uma gama de soldadura entre os elementos daquilo que se chama *lexia complexa*, por oposição a *lexia simples*. Para essa autora, as lexias complexas são vocábulos como *bom dia*, *capa de chuva*, *dor de cabeça*, *mercado negro*, cuja explicação recai no fato de serem lexemas cristalizadas graficamente como unidades na língua, visto que não podemos substituir o primeiro vocábulo por outro adjetivo mais ou menos sinônimo, dizendo: *ótimo dia* e *ótima noite*. Num outro exemplo como *dor de cabeça*, não diremos *dor “terrível” de cabeça* mas “terrível” *dor de cabeça*. Portanto, esses simples exemplos atestam que estão lexicalizados. Para lexias simples, reserva as unidades que são grafadas como um único segmento __ explicação para essa ocorrência encontra-se em nota de rodapé número 6__. Além das lexias complexas, o português, como qualquer língua, possui um número muito grande de expressões

⁹ Em gramática tradicional, taxionomia é a classificação das várias espécies de palavras ou partes do discurso. Em gramática estrutural, taxionomia é uma classificação de elementos, de séries de elementos e de classes de séries para formar listas que, por suas regras combinatórias, explicarão frases de uma língua. O modelo estrutural é um modelo taxionômico.

idiomáticas ou idiotismos__ na gramática tradicional. Tais expressões são

combinatórias de lexemas que o uso consagrou numa determinada seqüência e cujo significado não é a somatória das partes. Esse tipo de sintagma léxico é indecomponível e, freqüentemente, tem base metafórica (Biderman, 2001:173).

Tal afirmação remete-nos ao campo da analogia e da comparação, pois entendemos que o homem, ao criar uma expressão idiomática, pratica essa ação lingüística por meio de um processo cognitivo comparativo, vislumbrando sempre a similaridade e a analogia, para atender a necessidades comunicativas. Essa matéria será apresentada, mais adiante, em capítulo dedicado a esclarecer esses processos.

Neste momento do trabalho, abordaremos um outro aspecto das palavras __ o sentido __ que, ao longo do tempo, também passa por evolução e mudanças. Essas mudanças, como poderemos observar, têm causas que diversas, desde as mais previsíveis até as mais inusitadas.

2. 4. o sentido: evolução e mudança

Para Ullmann (1964: 62-68), a palavra desempenha um papel de tal modo decisivo na estrutura da língua que precisamos de um ramo especial da lingüística estrutural para examinar todos os seus aspectos. A esse ramo damos o nome de *lexicologia* que trata também de todos os tipos de morfemas que entram na composição das palavras. No entender de Lamb, apud Ullmann, em seu artigo *Lexicologia e Semântica*, há outros processos de formação de palavras que estão no âmbito da lexicologia: palavras criadas pelo cruzamento de outras duas__ *pernilongo*__ (aglutinação); por invenções __ *burití verde* que afina e esveste, *belimbeleza* (neologismos); derivações regressivas __ *choro* (substantivo derivado do verbo chorar); abreviaturas de vários tipos__ *moto* (motocicleta); compostos formados por palavras independentes __ *beija-flor*; ou, ainda, em um estado avançado de coalescência __ *otoridade* (autoridade) cuja substância fonética se foi reduzindo no

decorrer do processo. Em algumas línguas, os termos novos podem formar-se por reduplicação ou pela introdução de *infixos*¹⁰. Esses elementos formadores de palavras devem ser investigados tanto na sua forma como no seu significado. Para tanto, a lexicologia apresenta duas subdivisões¹¹: a *morfologia*, estudo das formas das palavras e dos seus componentes, e a *semântica*, estudo dos seus significados.

Alguns dos fenômenos que podem ser explicados nessa área são os seguintes: uma palavra pode ter mais de um significado: *manga* – fruta e parte do vestido, da blusa ou da camisa (polissemia) __ temos, então, uma palavra e dois vocábulos; palavras diferentes podem ter significado semelhante: *contente*, *alegre* (sinonímia), os significados de algumas palavras podem ser analisados em termos de seus componentes: por exemplo, a palavra *égua* pode ser analisada em termo de seus componentes *fêmea* e *cavalo* e, certas combinações de palavras possuem significados que são diferentes das combinações de seus significados em separado__ as *EI*, por exemplo __ *dar com os burros n'água*, se tomados separadamente, os termos têm um outro significado; alguns pares de palavras podem se opor em significação (antonímia), um exemplo disso é o par *pequeno/grande*. No que respeita à antonímia, faz-se necessário esclarecer que as unidades lingüísticas apresentam mais de um modo pelo qual podem se opor. Em outras palavras, *pequeno* pode ser analisado como *não grande*, *grande* como *não pequeno*. Há também os significados de algumas palavras que se encontram incluídos nos significados de outra__hierarquia taxonômica, variável no idioma e entre falantes, e de acordo com o conhecimento de cada um – o significado de *planta* está incluso no significado de *árvore*, *arbusto*, *flor* e o significado de *árvore* está incluso no significado de *eucalipto*, *carvalho*, *jacarandá*.

Em Borba (1979: 270), encontramos que os fonemas formam as unidades significativas, as palavras, cujo conjunto forma o léxico ou vocabulário. Para esse

¹⁰ Assim se chama o afixo que é intercalado na raiz. Na língua portuguesa não há infixos como mecanismo gramatical. Tem-se apenas o reflexo de um infixo nasal dos verbos indo-europeus, esporadicamente mantidos em latim para opor o infectum ao perfectum (*rumpo*, pres, rupi, pret.), que explica diacronicamente as variantes radicais de formas cognatas portuguesas_ *romper*, em face de *roto* (cf. *rumpere*, *ruptu*),

¹¹ Atualmente essa subdivisão parece vigorar. Encontramos em Borba (cap. 2, 2003), nos estudos relacionados ao léxico, a sugestão de focalizar tais estudos em duas etapas, sendo a primeira em uma perspectiva da estrutura física ou mórfica e, a segunda na do conteúdo semântico.

autor, na história do léxico, o que mais interessa saber são os fatores que determinam as transformações semânticas. Causas gerais explicam grande parte da renovação do vocabulário e, entre elas, dois aspectos devem ser considerados: o individual, na psicologia do falante e o social, no uso que a comunidade faz da língua. Assim, é possível notar que as palavras sofrem evoluções, não só nos sons, mas também nos seus significados, o que explica, em determinados casos, a distância dos seus étimos. E há casos em que expressões lexicalizadas perdem o sentido fixo e adquirem novos sentidos. Com isso, chegamos ao tema da nossa pesquisa __ as **EI**__ que mostramos a seguir.

2.4.1. expressões idiomáticas

Ao iniciarmos este item, escolhemos as palavras de Guiraud (1972: 45-48), que sintetizam de modo esclarecedor, o processo de surgimento do sentido das palavras. Com isso, temos que o vocabulário de uma língua se movimenta e se enriquece por dois fatores: a *nominação* e a *evolução*. Por meio da nominação a língua assegura a sua dupla função: cognitiva e expressiva; por meio da evolução, o sentido muda, desliza sobre o sentido de base e o substitui, isto é, evolui. O nascimento do sentido tem sido definido e descrito desde a Antiguidade e o seu estudo é parte importante da retórica. “Tropos” ou “figuras de palavras” correspondem ao que ele mesmo chama de “valores expressivos” que são maneiras mais pitorescas, mais vivas, mais enérgicas, de se falar, especialmente quando a elas juntamos as figuras de construção e as de pensamento. Uma vez mais podemos notar quão verdadeiras são as observações do autor, ao atribuir às *figuras de palavras* __ e aqui destacamos a metáfora, visto ser ela o berço das **EI** __ o vigor e a expressividade do falar. Importa lembrar que focalizaremos a metáfora não apenas como um modo mais expressivo do falar, mas sim como um processo que dá origem ao pensamento e à ação. Com base nesse conceito, conduziremos a nossa pesquisa.

Nesta parte do trabalho, trataremos das **EI**. Interessa-nos investigar seu conceito,

seu surgimento, sua caracterização, seu uso e, ainda, a distinção entre **EI** e frases feitas, provérbios, ditados populares, máximas e similares. Ao focalizar o enriquecimento vocabular de uma língua é imprescindível a presença das **EI**. Reconhecendo o contributo que essas expressões trazem ao léxico e à linguagem, dedicar-nos-emos a apresentá-las em toda sua essência. Estamos considerando as **EI** como decorrentes de processos cognitivos __metáfora, comparação e analogia __ que indicam formas de se ver e de se conceber a realidade. Logo, expressam representações sociais e manifestações culturais, revelando a identidade de um povo, conforme o exposto no capítulo anterior. Nosso propósito ao apresentar tais teorias é evidenciar não apenas o traço cultural que subjaz às **EI** mas também compreender essas expressões como parte essencial da língua, ainda que tidas como um assunto menor dentro dos estudos sobre a língua portuguesa. Vejamos:

Cunha (1986), em seu dicionário etimológico, mostra:

Idio- *elemento de composição* derivado do grego *ídio*- de *ídios* “ próprio, pessoal, privativo”, que já se documenta em vocábulos formados no próprio grego (como *idioma*) e em alguns compostos formados nas línguas modernas de cultura__ *Idiomático* (1881), *Idiomatismo* (séc. XX).

Encontra-se no Dicionário Aurélio (1986) a seguinte definição:

idiomático[do gr. *Idiomatikós*.] *Adj.* Relativo a, ou próprio de um idioma.

idiomatismo. [De *idiomat(o)*- + *-ismo*. Gram. *Idiotismo* (2)

idiotismo. [Do gr. *Idiotismós*, pelo lat. *Idiotismu*.] S.f. 1. V. *idiotice*. 2. Gram. Locução, modo de dizer ou construção privada de uma língua, e muitas vezes de origem popular ou familiar; *idiomatismo*.

Nos trabalhos de Xatara (1994:23), também encontramos uma explicação para o termo “locução” : *trata-se de mais de uma palavra formando um sintagma, uma unidade lexical, que exprime um conceito, e cuja função gramatical é explícita*. Pode ser conectiva estabelecendo nexos sintáticos (no caso das prepositivas __ *depois de, por entre, através de* __ e das conjuntivas __ *se bem que, desde que, antes que*). Pode ser equivalente a uma só palavra __ no caso das locuções adverbiais __ *com calma = calmamente; às cegas = cegamente*; das locuções verbais __ *vou comprar = comprarei; vou pôr fogo = incendiarei*__ e das locuções adjetivas __ *amor de pai = paterno; de anjo = angelical*. Às vezes, apresenta conteúdo nocional, isto é, o sentido unitário não é dado pela soma do significado de seus componentes __ é o caso das locuções interjeitivas __ *ora bolas!, valha-me Deus!, raios te partam!*. Quanto à sua extensão, deve ter, *no mínimo, duas palavras*. As **EI** podem ser consideradas *um tipo de locução de conteúdo nocional*, não sendo apenas uma seqüência de elementos autônomos, pelo contrário, trata-se de uma seqüência que tem um significado global, não fazendo sentido se considerada literalmente cada um dos elementos que a constitui.

Segundo Mattoso Câmara Jr. (1986), *locução* é a reunião de dois vocábulos que conservam individualidade fonética e mórfica, mas constituem uma unidade significativa para determinada função. Em Português, temos locuções:

- 1- preposicionais, como *para com, em cima de*;
- 2- conjuncionais, como *de sorte que*;
- 3- nominais, em que, além de haver justaposição, o primeiro vocábulo tem necessariamente flexão de plural, como por exemplo: *via férrea, vias férreas; estrada de ferro, estradas de ferro*__ ;
- 4- verbais, nas conjugações perifrásticas. A locução é um tipo de sintagma, intermediário ente o sintagma lexical e o sintagma sintático.

Frente a isso, podemos entender que a *locução* classifica-se em *conectiva e nocional*, cabendo à primeira subtipos __ prepositiva, conjuntiva, adverbial, verbal e

adjetiva; à segunda cabe a equiparação a uma **EI**, dado o caráter global do seu significado e não a soma literal dos dois elementos __ essa é a *extensão* de uma locução__ que a compõe.

Ainda em Xatara (1994), notamos que há um outro caso a ser diferenciado das **EI**: as *combinatórias verbais* em que o uso constante leva à cristalização de unidades fraseológicas resultantes de um verbo específico com determinado complemento __ *cometer um crime e não perpetrar um crime, proferir um discurso e não declarar um discurso*. Segundo a autora, ancorada em Tagnin (1988), as **EI** são ocorrências convencionais da linguagem, nos níveis sintático, semântico e pragmático. No primeiro, há três aspectos convencionais:

1- a ordem dos elementos __ *dar com a cara na porta* __, constitui uma EI, mas *dar na porta com a cara*, não.

2- As relações de similaridade baseadas na seleção __ *dar com a cara na janela ou dar com o rosto na porta*, não constituem EI.

3- As relações de contigüidade baseadas na combinação __ *noves fora nada, diabo a quatro* __ são aceitáveis.

No nível semântico, atribui-se, convencionalmente, um sentido à expressão, o que significa dizer que esse sentido não decorre dos termos em separado.

Dar com a cara na porta significa “não encontrar ninguém onde se foi procurar” e não bater o rosto na porta, intencionalmente ou não.

No nível pragmático, convencionou-se dizer certas expressões em situações comunicativas pré-estabelecidas:

Santa Bárbara! Vá tomar banho! Nem morta!

A autora ainda aponta uma outra divisão para as **EI**, agora apoiada em Rewet (1983), para quem essas expressões são sintáticas e semânticas. As primeiras teriam ou não as propriedades formais das estruturas não-idiomáticas, porém o sentido das palavras não permite interpretar sua combinação, como em *dar no pé*, *fazer das tripas coração*. As segundas seriam expressões que apresentam uma ou outra idiosincrasia sintática, independente de ser ou não opaca semanticamente, como *tomar cuidado*, *dizer indiretas*. As **EI** sintáticas, em sua maioria, têm sutil diferença de sentido segundo a presença ou ausência do artigo __ *dar bola* __ é **EI**, mas __ *dar uma bola* ou *dar a bola* __, podem não ser. Há casos também em que as **EI** são, ao mesmo tempo, semânticas e sintáticas, caso de *ser cabeça de bagre*, *ter o rabo preso*.

Carregadas de um conteúdo semântico capaz de expressar com fidelidade sentimentos e emoções que, por vezes, determinadas palavras não dão conta, tais expressões são conhecidas como **idiomatismos** ou **expressões idiomáticas**; povoam o nosso léxico, não raro, em situação comunicativa informal. Elas fazem parte do idioma e caracterizam, culturalmente, um povo e sua língua. O estudo que rege essas expressões, os ditos populares, os provérbios, as frases feitas, as locuções e similares é a *Fraseologia*. Entendemos que se faz mister estabelecer não só as diferenças entre língua e idioma mas também entre as **EI** e congêneres. Para tanto, vamos, primeiramente, a Mattoso Câmara (2002: 142 e 158):

Idioma __ Termo com que se enfatiza na unidade lingüística, inconfundível, de uma nação em face das demais. Enquanto o conceito de língua é relativo e se aplica a uma língua comum, a um dialeto, a um falar, a uma gíria e até a um idioleto, o idioma só se refere à língua nacional, propriamente dita, e pressupõe a existência de um estado político, do qual seja a expressão lingüística; o mirandês é, por exemplo, uma língua, mas não um idioma. Às vezes, usa-se idioma no sentido de **idiotismo**; também se diz **idiomatismo**, derivado de idioma.

Idiotismo __ em sentido lato, diz respeito aos traços lingüísticos de uma língua, que melhor a caracterizam em face das outras que lhe são cognatas, como por exemplo,

em português o infinitivo com desinência de pessoa. Em sentido estrito, diz respeito às construções vocabulares e frasais que não se prestam a uma análise, satisfatória na base dos valores atuais da língua, porque resultaram de fenômenos de analogia e atração e só se explica à luz da história da língua; são especialmente dignos de nota os idiotismos locucionais, cuja significação não decorre dos vocábulos componentes e de sua articulação sintática; exemplo: *chorar as pitangas*. O termo provém de *idiota*, no sentido inicial de seu étimo __ gr. Idiotas “particular, individual”.

Língua __ como sistema de linguagem, a língua compreende uma organização de sons vocais específicos ou fonemas com que se constroem as formas lingüísticas, e uma língua se distingue da outra pelo sistema de fonema e pelo sistema de formas, bem como pelos padrões frasais, em que essas formas se ordenam na comunicação lingüística ou frase. Para Dubois (1999:378), língua é um instrumento de comunicação, um sistema de signos vocais específicos aos membros de uma comunidade. Da estrutura específica de cada língua resulta a falta de inteligibilidade entre homens de línguas diversas, quando cada qual não aprendeu previamente o sistema lingüístico de cada um dos outros, apesar da inteligibilidade ser condição essencial para se considerar que os interlocutores falem a mesma língua. De acordo com a estrutura, se tem uma nova língua a partir da evolução de uma língua dada, como o português em face do latim, ou se distinguem num território contínuo duas ou mais línguas que são evolução de uma única língua, como na península ibérica, a Língua Portuguesa em face da Língua Espanhola, e da língua catalã, todas provenientes do latim. As oposições lingüísticas superficiais ou secundárias, criam dentro de uma língua as divisões chamadas falares que por sua vez são agrupadas em dialetos. Daí o conceito de língua regional ou falar, e língua comum que abrange todos o falares na base de um sistema de oposições lingüísticas fundamentais. Na língua nacional, comum a toda uma nação, tende a constituir-se, a partir de certo estágio de civilização, uma modalidade de seu uso tida como língua culta, que serve para as comunicações mais elaboradas da vida social e para as atividades superiores do espírito. Superpõe-se à língua cotidiana e dela se distingue pela nitidez e maior constância fonação; pela maior coerência e fixidez nas formas gramaticais, pela maior riqueza e sutileza do léxico. É na base da língua culta que se constitui a língua escrita, cuja mais alta expressão é a empregada na literatura,

chamada língua literária. A língua cotidiana apresenta gradações, que vão até a língua popular, caracterizada pelos vulgarismos e até pela gíria.

Agora, passaremos à caracterização das **EI** para, em seguida, estabelecermos a distinção entre elas e suas congêneres.

Encontramos em Rodrigues Lapa (1973:61) os *grupos fraseológicos* __ ou *idiotismos, ou frases feitas ou locuções estereotipadas*__, cuja nomenclatura aplica-se a certos casos em que um vocábulo só adquire o seu verdadeiro significado quando em ligação com outros elementos do contexto. Por exemplo, nesta frase __ O homem *perdeu* por completo a *cabeça* __ é impossível separar o elemento *cabeça* do artigo e do verbo: *perder a cabeça* forma um todo, uma estrutura, que não se pode decompor nas suas partes e, caso o fizéssemos, chegaríamos a um absurdo: de fato, nós podemos perder um lenço, uma chave, um documento, mas não podemos perder, com vida, a cabeça, a parte superior do corpo. Só em sentido figurado poderemos admitir esse fato. Segundo esse autor, a ligação entre os elementos do grupo pode ser mais ou menos íntima. Há grupos que se formam de momento, e logo após não deixam vestígios; outros que resistem um pouco mais; outros, enfim que formam um todo compacto inalterável. Vamos ver exemplos que esclarecem essa idéia, demonstrando os vários graus de coesão entre as partes do grupo:

- 1- O José tem um cavalo.
- 2- O João tem automóvel.
- 3- Esse homem *tem fortuna*.
- 4- *Tem cuidado*, não vás lá!
- 5- Ninguém *tem nada com isso*.
- 6- *Foi ter com ele* à festa.

No primeiro exemplo, o verbo *ter*, com sentido normal de “possuir” conserva independência em relação a *cavalo*.

No segundo exemplo, essa autonomia já foi afetada um pouco. A falta de artigo contribui para ligar mais o verbo ao substantivo, sugerindo uma idéia acessória de suficiência, abastança.

No terceiro exemplo, o verbo *ter fortuna* é, evidentemente, uma locução fraseológica, imposta pelo uso vivo da língua, que corresponde no nosso espírito a *ser rico*. Contudo, os dois elementos *ter* e *fortuna*, não perderam por completo a sua independência. *Ter* ainda conserva o significado próprio de *possuir*.

No quarto exemplo, já não se dá o mesmo: os dois vocábulos estão estreitamente soldados; e se *cuidado* guarda um pouco da sua significação, o verbo *ter* já variou de sentido. Tanto assim, que vez por outra se substitui por “tomar”: *toma cuidado*.

No quinto exemplo, a locução *__ não tem nada com isso __* é extremamente confusa pois parece faltar qualquer coisa que lhe especifique o sentido. Acredita-se ser o grupo uma condensação e um outro mais explícito *__ não tem nada que ver com isso*. Ainda assim, o idiotismo só atinge um sentido perfeito se considerado em conjunto.

Por fim, no sexto exemplo, alcança-se o cúmulo da extravagância e do absurdo: *ir ter com* significa dirigir-se a um lugar com o intuito de se reunir a outra pessoa. Miraculosamente, a língua consegue exprimir, de forma sintética e perfeita, por meio de apenas três palavrinhas, uma idéia deveras complexa. Com isso, temos: os grupos em que a coesão dos termos é apenas relativa chamam-se *séries fraseológicas* __ exemplos 2 e 3, acima referidos. Aqueles em que a coesão é absoluta são conhecidos por *unidades fraseológicas* __ caso dos exemplos 4,5 e 6. Importa ressaltar que os limites entre uma e outra categoria nem sempre se definem com nitidez.

Lapa (1973:64) ressalta que as locuções estereotipadas são uma herança do passado e, por essa simples razão, haverão de conter arcaísmos, quer de vocabulário, quer de construção. Como exemplo temos *fazer alarde* de alguma coisa. Essa frase significa *exibir, ostentar com afetação e vaidade*. Do vocábulo *alarde*, derivamos o verbo *alardear*. No dicionário, encontramos *alardo* __ forma primitiva da palavra __ que era a revista anual às tropas da Idade Média, para verificar o número de homens, de armas e também o estado em que se encontravam. O mesmo fenômeno de arcaísmo se dá com outras locuções: de cor, nem chus nem bus, de bom grado, à toa, ao léu etc. Não compreendemos o vocábulo isolado, nem é preciso: basta que compreendamos o sentido global da locução.

Ainda acerca da Fraseologia, encontramos outras categorias de grupos fraseológicos: as *séries verbais* e as *séries usuais de intensidade*. Dentro das séries verbais, o verbo desempenha um papel importante na formação das locuções. Por vezes, um simples verbo pode substituir-se por um grupo fraseológico portador do mesmo significado. Vejamos:

decidir = *tomar a decisão de*;

vencer = *alcançar vitória sobre*;

acreditar = *dar crédito a* etc.

Nessas perífrases ainda aparece a palavra derivada ou primitiva, isto é, ainda se joga, com a mesma família de vocabular. Ressalta o autor que, nesses casos, a perífrase tem um duplo papel __ permite variar o estilo, evitando repetições e suaviza a crueza de determinados verbos simples, operando como uma espécie de eufemismo. As séries verbais ainda trazem mais uma curiosidade __ basta uma ligeira alteração na série, a presença ou ausência de uma preposição, de um artigo, a troca de um dos elementos, para o sentido mudar, às vezes, por completo.

Observemos estas séries:

O lavrador *deitou à terra* a semente.

O lavrador *deitou por terra* o adversário.

A simples troca de preposição foi suficiente para a mudança do sentido.

Isso *deu motivo* a que ele o pusesse de fora de casa.

Faltou, *dando por motivo* a sua pouca saúde.

No primeiro exemplo, temos uma relação de conseqüência; no segundo, temos uma relação de causa.

Vê se *dás o lugar* a teu irmão.

O caso *deu lugar* a que desconfiassem dele.

Na primeira oração, a relação entre os três elementos da série é bastante frouxa, quase conservam a sua independência. Na segunda, o desaparecimento do artigo trouxe como resultado uma perfeita coesão do grupo, constituindo, assim, uma verdadeira unidade fraseológica, ou como estamos habituados, uma verdadeira **EI**.

As séries usuais de intensidade têm muita importância para o estilo, afirma Lapa (1973:68). É uma tendência do ser humano qualificar __de modo intenso, hiperbólico __ situações. Assim, se alguém ao nosso lado chora, desesperadamente, logo nos vem à mente: *choro convulsivo*; se, ao contrário, alguém ri demasiado, dá-se o mesmo: *ri às gargalhadas*. E, para outras situações, temos *silêncio sepulcral*, *abalo profundo*, *grave doença* etc. O autor salienta que dentre esses grupos uns são mais naturais do que outros. Para comprovar a afirmativa, basta conferir o uso de *grave doença* e *silêncio sepulcral*. A primeira série é de uso corrente; a segunda, no entanto, reserva-se ao uso literário, mais especificamente ao romantismo fúnebre, pomposo.

Para concluir, o autor alerta para o uso abusivo dos clichês entre principiantes, em trabalho de estilo. Segundo Lapa, o excesso dessas séries vocabulares ficaram-lhes no ouvido, por meio de más leituras, de caráter romântico, muitas vezes __ posição com a

qual não concordamos totalmente. Por preguiça mental, salpicam esses grupos fraseológicos em redação, que adquire um jeito falso e pretensioso e, conseqüentemente, diminui a força expressiva do texto, comprometendo a criação pessoal.

Ainda a respeito dos grupos fraseológicos, apresentaremos a seguir um outro conceito que julgamos complementar aos estudos de Rodrigues Lapa.

Em Fernández (2004:7), temos expressões idiomáticas e unidades fraseológicas como equivalentes; no entanto, a autora cita a proposta de Zuluaga (1980) — *Introducción al estudio de lãs expresiones fijas* — que caracteriza as **EI** pelos seguintes aspectos:

- fazem parte do saber lingüístico de uma comunidade;
- estão institucionalizadas, padronizadas e convencionalizadas;
- cristalizam-se arbitrariamente pelo uso repetido na comunidade lingüística e são reproduzidas, na fala, como construções previamente feitas;
- são definidas por regras de fixação e, nessas expressões, está o embasamento de alguma regra de combinação dos elementos do discurso;
- destacam-se por sua estrutura material, por sua iconicidade e por seus traços semânticos peculiares, por comentários metalingüísticos e por empregarem-se de forma recortada;
- empregam-se alteradas ou modificadas em sua estrutura interna ou em sua combinação com outros elementos do discurso;
- são construções curtas e dão relevo à mensagem, ao texto ou ao segmento do texto em que são usadas;
- apresentam um conteúdo de uma imagem concreta de ordem visual; possuem, pois, um sentido literal — a imagem — e um sentido metafórico — idiomático ou semiidiomático.

A **EI** caracteriza, numa fórmula figurada e variável segundo as épocas e os usos da

língua, uma situação, um homem ou uma coisa. Giambattista Vico (1974, apud Alvarez, 2001: 177), considerava as **EI** como testemunhos mais autênticos dos antigos costumes dos povos, celebrados ao tempo em que esses povos forjavam as próprias línguas, aquilo que ele chamava de sabedoria popular por estarem ao alcance dos vulgos que se compraziam em falar mediante fabulazinhas minúsculas ou metáforas. Ele considerava as **EI** como *universais fantásticos*.

Distam desse conceito o ponto de vista de Lyons (1979) e o ponto de vista de Lopes (1987). De acordo com Xatara (1994: 19), o primeiro refere-se às **EI** como enunciados estereotipados que nunca são construídos no momento em que devem ser empregados, mas podem ser explicados em base behaviorista, como respostas condicionadas às situações em que ocorrem; o segundo ratifica o critério do primeiro e considera as **EI** como sintagmas cristalizados, memorizados globalmente (como os paradigmas) e utilizados automaticamente em certos pontos do discurso. Essa autora também mostra que Filmore (1979), ao contrário de Chomsky, afirma que as **EI** são memorizadas ao invés de serem geradas, porque são *fixas*. Suas interpretações e funções não são previsíveis por pessoas que apenas conhecem a gramática e vocabulário de uma língua; são adquiridas numa associação com as situações em que seu uso é apropriado. Nesse caso, a conjunção da gramática e do léxico é necessária mas não suficiente à produção ou à compreensão das **EI**. Assim, entramos no terrenos dos níveis de linguagem e das funções das **EI** e entendemos que é a norma sócio-cultural que estabelece qual o tipo de discurso conveniente a uma determinada situação, permitindo ou não um vocabulário que inclua os idiomatismos __ ou as **EI**__, que são a mesma coisa.

As **EI** de uma língua são grupos de palavras que constituem uma combinatória fechada, cujo sentido global se destaca imediatamente como próprio desse idioma. Em geral, trata-se de criações lingüísticas, de origem popular, que se vulgarizam e cristalizam. Por vezes, o léxico de uma língua não dispõe, em seu acervo, de unidades lexicais apropriadas para expressar determinadas emoções, sentimentos ou sutilezas do pensamento do falante. Xatara (1994:16) afirma que o povo,

Por não encontrar no repertório disponível os elementos de que necessita para sua comunicação ou expressão verbal em dada situação, vale-se de combinatórias inusitadas, buscando um efeito de sentido. Congelando-se e difundindo-se pela comunidade dos falantes, tais combinatórias originam as expressões idiomáticas.

Para essa autora, o povo, de maneira inconsciente, tem a intuição de que as palavras são como as pessoas: nascem, crescem, vivem intensamente, declinam e morrem. Às vezes, até ressuscitam, voltam a viver. Com as **EI** acontece a mesma coisa. As **EI** são um meio de expressão cheio de vida, dinâmico, versátil, e, sobretudo, funcional, que não é próprio só das classes menos cultas da população e que, no momento adequado, serve a todas as camadas sociais. A aquisição da maioria das combinações idiomáticas se faz de forma não-sistemática, em leituras ou conversas, desde que o falante esteja atento a elas. Além disso, o indivíduo só perceberá que se trata de uma expressão consagrada quando a ouvir ou ler repetidas vezes. Então poderá memorizá-la e utilizá-la quando a situação comunicativa a exigir como fator primordial de comunicação entre os interlocutores. Exemplo simples e atual é a já famosa “*pedala Robinho*” cujo surgimento, segundo os que a usam com maior frequência __ os torcedores do Santos __, deu-se durante uma partida de futebol em que o craque fez uma bela jogada __ e que também já originou uma outra “*dá um pedala nele (a)*”. Para esse pensamento da autora, podemos acrescentar que as **EI** surgem também como prova de criatividade de um povo e da enorme capacidade de fazer analogias entre situações e fatos. Tal processo só é possível porque a habilidade de perceber similaridades e fazer analogias é um dos aspectos mais fundamentais da cognição humana. A esses processos juntamos o pensar metafórico, haja vista a capacidade do homem em criar mitos para explicar a realidade, como vimos no primeiro capítulo deste trabalho.

Enunciados como *não o conheço, nesse ponto há um problema, por qual motivo?*, podem simplesmente não nos satisfazer e então recorreremos a outros enunciados, como por exemplo, *nunca o vi mais gordo, aí é que a porca torce o rabo, por que cargas d'água?* O que, no momento da criação, de formular uma expressão, leva a escolher tal expressão e não outra? Para responder a esse questionamento a autora cita Borba (1967) cujo entendimento de idiomatismo se explica por ser um caso de *nomeação subjetiva*, e que o nome escolhido para integrar uma **EI**, manifesta

valores expressivos relacionados com o falante e não apenas uma identificação, por abstração, com o objeto. No entender de Lopes (1987, apud Xatara, 1994:17), __ diz ela que a definição proposta pelo autor é um salto criativo da sua imaginação __ as **EI** são uma associação de duas idéias ou universos do discurso nunca dantes associados, reunindo-os numa nova síntese, que exprime revelação cognitiva e catarse emocional. A nós interessa muito saber não só como as **EI** entram na língua e lexicalizam-se, mas também como surge o seu sentido.

Alvarez (2001: 176)), observa que, quando usamos uma **EI**, temos propensão para imaginar uma grande quantidade delas para referir situações, idiosincrasias ou posturas de acordo com a moral estabelecida ou com os costumes. Frente a isso, encontraremos dezenas delas para traduzir a morte__ ou tudo que a ela se relaciona, a pobreza, a pancada, a bebedeira, a tristeza, a ociosidade, a hipocrisia etc., enquanto são bem menos extensas as listas de **EI** que refletem estados de felicidade, o bem, a alegria, o trabalho etc. Em Alvarez (2001: 177), encontramos que essas expressões compõem-se de dois ou mais elementos __ *lexemas* __ que formam um sintagma com um sentido metafórico e que mantêm uma relação estreita entre si formando uma unidade lexical à qual corresponde um só significado. A decomposição dessas expressões levaria à perda do sentido, pois sua interpretação semântica não pode ser calculada a partir da soma dos seus elementos que, quando se combinam, adquirem um novo significado metafórico. O processo de cristalização torna-as *estáveis* em seu significado e a freqüência do seu emprego *lexicaliza-as*, enraizando-as na linguagem do dia-a-dia. Também, as interpretações e funções das **EI** não são previsíveis por pessoas que apenas conhecem a gramática e o léxico. Ao contrário, é preciso associá-las a situações em que seu uso é apropriado. Essa afirmativa da autora leva-nos ao caminho que estamos traçando para compreender o surgimento do significado das **EI**: possuem carga cultural e, por essa razão, é preciso transcender ao conhecimento léxico-gramatical da língua. É em razão das considerações de Vico (1974, apud Alvarez, 2001:177), que podemos afirmar que as **EI** não podem ser decodificadas literalmente, pois deixariam de transmitir uma *informação cultural (grifos nossos)* contida na expressão da língua o que também impede, em alguns casos e, dificulta em outros, a sua tradução de um idioma para outro.

Encontra-se em Xatara (1994: 20), que o emprego de uma **EI** sempre ocorre para expressar o conteúdo informacional desejado de maneira mais ou menos compacta, por exemplo *__ pagar o pato, levar pau __* ou de maneira mais desenvolvida *__ pôr as manguinhas de fora, ser coisa do arco da velha __* levando em conta principalmente dois fatores:

1- a adequação ao tipo de linguagem *__* literária ou cotidiana.

2- a questão da competência lingüística *__* que responde pela criatividade do usuário da língua.

As **EI** descrevem as mais diversas situações da vida diária e esse é um motivo a mais para estudá-las e conhecê-las a fim de compreender melhor os costumes e a cultura dos povos, uma vez que o desconhecimento pode levar a mal-entendidos acerca da informação veiculada ou à total incompreensão dos fatos. Tal afirmativa ganha veracidade se observarmos os livros para estudo de língua estrangeira, por exemplo. É bastante corriqueiro o uso das **EI** para o ensino de línguas uma vez que essas expressões traduzem, de forma simples e fiel, as mais diferentes situações, sem contar a forma inusitada como são construídas e veiculadas dentro do idioma.

As **EI** assumem valores diversos, a saber:

a- assertivo

Inteligente, sabe muito bem *dar seu recado*.

Temos, no exemplo acima, uma simples constatação, dando um novo colorido à expressão que poderia ser: ser claro o suficiente para que sua fala não deixe dúvidas de compreensão ao seu interlocutor.

b- eufemístico

Nada a fazer. Apenas *pôr panos quentes*.

Para a expressão destacada, podemos suavizar o que talvez chocasse: contemporizar ou apresentar medidas com as quais se procura adiar uma solução definitiva.

c- enfático

Esteja certo de que ainda *lhe quebro a cara*.

Usamos o exemplo acima para dar destaque ao que se deseja fazer, de modo enfático, no caso, dar uma surra.

d- irônico

Não adianta insistir. *São pérolas aos porcos*.

Aqui, usamos para sugerir, sutilmente, o que não ousamos criticar diretamente, isto é, investir inutilmente em algo ou alguém.

Além disso, as **EI** podem expressar enunciados originais por meio da literalização, isto é, da passagem de seu sentido não-composicional, isto é,

uma EI nasce de uma combinação de palavras que não formam uma unidade lexical e, por mutação semântica, passam a constituir uma unidade, porque os componentes do sintagma não podem mais ser dissociados significando uma outra coisa. Desse modo, as EI são definidas como não-composicionais, isto é, sua interpretação semântica não pode ser calculada a partir da soma dos seus elementos. Por exemplo: apitar na curva, não é apitar + na curva que vai dar o sentido idiomático de morrer. Trata-se de um tipo de conotação extralingüística, de uma paráfrase metafórica e não de uma criação neológica. (Xatara, 1994: 32)

ao sentido literal ou composicional, surpreendendo com uma nova informação por contradizer a convenção e provocar uma certa estranheza; entretanto, a mensagem expressa por um idiomatismo pressupõe uma rápida e adequada

decodificação por parte do interlocutor, atingindo, desse modo, a eficácia comunicacional desejada, uma das funções produtivas delas __a que redatores de revistas, de jornais ou mesmo publicitários recorrem freqüentemente, sobretudo em manchetes ou exemplos, como nos ensina a autora. Ilustram essa informação, os seguintes exemplos:

Revista Veja, edição 1926, ano 38, nº 41, outubro, 2005.

“Tão bonita e potente que todo o resto *vai passar em branco*”.

(referindo-se a pilotar a nova moto Honda __ Biz 125__ toda a paisagem não será notada).

“*As sete pragas da Amazônia*”.

(reportagem sobre a devastação _ fogo, madeireiras, estradas, garimpos, pastagens, corrupção, burocracia).

Folha de S. Paulo _ 28 de setembro de 2005.

“*Embarque nessa onda*”.

(propaganda de cruzeiros marítimos)

Após essa primeira apresentação das **EI**, passaremos a caracterizá-las mais detalhadamente. Adiante, trataremos das frases feitas, adágio, provérbio, ditados, ditos, máximas, aforismo, apotegma, gírias e combinatórias verbais. Para tanto, estabeleceremos algumas características a fim de colocar esses termos em posição limítrofe com as **EI**.

Diz Borba (2003:34) que o estudo das frases feitas (FF), também chamadas de adágio, provérbio, ditado, dito, sentença, desperta interesse porque são *unidades lexicalizadas complexas*, e como tal, apresentam um caráter recorrente fixo, uma estrutura sintática típica e um valor semântico específico. Como estrutura interna congelada tem caráter

de citação, isto é, são mais tipicamente invocadas ou citadas do que diretamente asseveradas. As FF expressam um valor de verdade geral e se ligam a um aspecto ou à totalidade da situação de enunciação; identificam uma situação resumindo-a, traduzindo-a com mais clareza ou evidência. Por exemplo, numa situação em que alguém, pela primeira vez, põe-se a executar uma tarefa. Os resultados podem ser desastrosos ou aquém do esperado. Nesse caso, logo proferimos a conhecida *marinheiro de primeira viagem*.

Observamos em Silva (1999:12-18) que as considerações traçadas em torno das FF tem embasamento nos trabalhos de Coseriu (1977) e na obra de João Ribeiro, *Frases feitas*, que as classifica como elementos do “discurso repetido”¹² e as separa em dois níveis distintos:

o nível lingüístico do texto _ incluem-se aqui os provérbios, os ditados, os refrãos, os adágios, as máximas, as sentenças, os aforismos etc. As expressões fixas em nível do texto são todas as que correspondem a uma unidade com sentido completo, em qualquer nível de complexidade. Podem corresponder a uma oração ou a uma unidade mais complexa.

o nível lingüístico do sintagma _ corresponde às “perífrases léxicas”, incluindo as FF, assim como todos os tipos de expressões inferiores à oração: expressões proverbiais, apotegma ou apólogo proverbial. Essas expressões são todas as que estão abaixo do nível da oração, unidades combináveis com sintagmas e com simples palavras, cuja interpretação se faz ao nível do léxico.

A FF é uma locução fossilizada em sua forma e seu sentido, que perde um pouco da sua autonomia ou independência para se tornar parte integrante da cadeia da fala.

¹² Discurso repetido_ qualquer tipo de expressão fixa cujos elementos não sejam substituíveis ou recambiáveis segundo as regras atuais da língua, importando, principalmente, o seu conceito de expressões “pré-fabricadas”. Todas essas expressões, que constituem a fraseologia de uma língua e a sua paremiologia, ficam alheias à técnica do discurso propriamente dita. O “discurso repetido” abarca tudo que tradicionalmente está fixado como “expressão”, “giro”, “modismo”, “frase” ou “locução”; no entanto, não há precisão no uso dos termos que denominam os diferentes tipos dessas expressões, usando-se, muitas vezes, um pelo outro. (Silva, 1999, p.12-13).

Para Silva (1999:16), as FF se constituem de locuções em nível sintagmático e, em razão disso, deu a elas uma classificação de acordo com o tipo de sintagma a que correspondem: sintagmas nominais, sintagmas verbais e sintagmas adverbiais. Além dessas, há expressões equivalentes a interjeições, que estão numa situação intermediária de palavra-frase, carregadas de emoção. Eis alguns exemplos das FF com valor de sintagmas.

FF com valor de sintagmas nominais:

Alhos e bugalhos.

FF com valor de sintagmas verbais:

Fazer de gato sapato.

FF com valor de sintagmas adverbiais:

Onde Judas perdeu as botas.

FF com valor de interjeição:

Nossa Senhora!

Dada a enorme dificuldade em definir os diversos tipos de expressões, em razão de flutuante terminologia, tentaremos dar uma definição a cada uma delas a fim de distinguí-las das **EI**, ainda com base nos autores previamente citados.

O provérbio

Liga-se a diferentes formas de expressão tradicional com as quais nem sempre é fácil traçar fronteiras exatas. São experiências da alma humana, das relações sociais, dos fenômenos da natureza etc. Não há termos lógicos ou teóricos de discussão para esse saber legitimado, esse conjunto de verdades gerais adequadas à mentalidade média dos povos e expresso com a segurança da convicção.

Apresenta, o provérbio, concisão e elegância; às vezes, dispensam-se palavras que poderiam ser úteis como se quisesse dar a ele um certo atrativo, uma certa obscuridade. A frase é cadenciada, chegando a aproximar-se do verso, pelo ritmo e, muitas vezes também pela rima. Não permitem variações de sujeito, tempo__ 3ª pessoa do singular do presente do indicativo__ e complementos. O conjunto resulta em uma expressão firme, enérgica, definitiva e com um brilho de originalidade de invenção, o que permite gravar-se facilmente na memória. Um outro aspecto que envolve o provérbio é o “traço arcaizante”, uma característica intrínseca:

Cumpra o teu dever, aconteça o que acontecer.

Cabeça que não tem juízo, o corpo paga.

As **EI** se referem a situações precisas, necessitando de um sujeito determinado pela situação e aplicada a um contexto. Os provérbios têm vida própria, são unidades frásticas completas e apresentam um grande grau de generalidade e são introduzidos no discurso, ao passo que as **EI**, fazem parte do discurso.

O ditado

É muito parecido com o provérbio, por essa razão muitos paremiologistas¹³ tomam-nos um pelo outro. No provérbio os constituintes são tomados sempre em sentido metafórico ou conotativo, dizem respeito a verdades gerais e fazem julgamento de valor, essas três características permitem a distinção, pois no ditado os constituintes estão sempre em sentido denotativo e dizem respeito a setores precisos de atividades e grupos específicos e ficam na simples constatação dos fatos sem julgá-los. Dizem, ainda, que o ditado é “o provérbio da plebe”.

Mais vale amigo na praça que dinheiro na arca.

Céu pedrento, chuva ou vento.

¹³ Paremiologista. Paremiólogo, autor de paremiologia que é uma coleção de parêmiias ou provérbios. Tratado acerca de parêmiias.

Vale lembrar que ditado também não se confunde com as EI dado o caráter metafórico destas e o caráter denotativo daquele, entre outras peculiaridades já citadas.

A máxima

Dizem que a máxima é o “provérbio dos sábios” e distingue-se do provérbio e das EI por obedecer à gramática, não permitindo a omissão do artigo obrigatório nem transgredindo o modelo gramatical como faz o provérbio. Assim sendo, basta acrescentar o determinante adequado ao enunciado de um provérbio para transformá-lo numa máxima. A máxima não admite construção em forma de frase nominal, tem uma frequência muito elevada do infinitivo e não costuma ter rima nem ritmo :

O hábito não faz o monge.

Todos vêem o argueiro no olho do vizinho e ninguém vê a trave no seu.

O adágio

É o termo usado genericamente para designar provérbios, ditados e refrãos. Os exemplos, nesse caso podem ser os mesmos apresentados nos provérbios e nos ditados.

O aforismo

é uma sentença breve e doutrinal, que em poucas palavras explica e compreende a essência das coisas. Tanto o aforismo como o apotegma são peças literárias ou poéticas.

“... a morte é séria e não admite ironias”. (M. de Assis)

O apotegma ou apólogo proverbial

É uma forma coletiva e tradicional, pertinente a um personagem ilustre, que se aplica

às mais variadas situações da vida:

Não aumentar a aflição do aflito.

Mateus, primeiro os teus.

Diante do exposto, podemos entender as **EI** como expressões que fazem parte não apenas da língua mas também da cultura, do folclore de um povo. Produto da lógica do homem, retratam crenças, ensinamentos, sabedoria, moral, costumes; são lexicalizadas e utilizadas tal qual se apresentam e mais, não podem ser analisadas apenas por sua forma ou só pelo seu sentido, mas sim pela relação entre ambos. Não se confundem com os tipos de expressões apresentadas.

Ao tratarmos do sentido das EI, faz-se mister apresentar as teorias que, segundo o nosso entendimento, explicam o seu surgimento e a sua lexicalização na língua — a metáfora, a comparação e analogia. Para esse fim, valer-nos-emos da Retórica e dos trabalhos desenvolvidos sobre a metáfora, na década de 1980, na área da Lingüística Cognitiva.

CAPÍTULO III

METÁFORA

COMPARAÇÃO

ANALOGIA

a coisa mais importante e, de longe, ter o domínio da metáfora. Só isso não pode ser concedido a outro; é a marca do gênio (Aristóteles, apud Ullmann (1964:441)).

“As idéias não surgem do nada. Lakoff e Johnson (2002:39)

Neste capítulo, abordaremos, de modo sucinto, a metáfora como era tratada na tradição retórica, sob o ponto de vista da semântica e, logo adiante, a teoria de Lakoff e Johnson__ que é apenas uma dentre as inúmeras existentes__ que objetiva mostrar o quanto ela está infiltrada na nossa vida cotidiana, não só na linguagem, mas também no pensamento e na ação, deixando de ser uma simples figura de linguagem e alcançando o *status* de operação cognitiva fundamental. Tentaremos, ainda, comprovar que as expressões idiomáticas (EI) têm o seu nascedouro no berço da metáfora.

Num segundo momento, trataremos da comparação mostrando-a também como um processo cognitivo, porém distinto da metáfora e que figura em um dos tipos de estrutura idiomática. Finalizamos o capítulo com a analogia que, segundo o nosso

entendimento é tão essencial quanto a metáfora e a comparação no processo de criação e recriação das **EI**.

Convém salientar que a importância suprema da metáfora como força criadora na língua foi sempre reconhecida. Na tradição retórica, a metáfora era ___ e ainda é ___ considerada apenas um fenômeno da linguagem, que se presta a um embelezamento lingüístico, sem nenhum valor cognitivo. Também era vista como um desvio da linguagem usual para fins específicos: *a poética e a persuasão*. Ainda se observa que, àquela época, o uso da metáfora não deveria figurar ___ mas figurava ___ no discurso científico que deveria primar por uma linguagem literal, clara, precisa. Sob essa ótica, *ciência se fazia com a razão e o literal, enquanto poesia se fazia com imaginação e metáfora* (Lakoff e Johnson, 2002:11).

3.1. a metáfora: a perspectiva da retórica

A palavra grega *metaphora* significa literalmente “transferência”: *meta* “trans” + *pherein* “levar” o que leva à concepção de metáfora como transferência de sentido.

Segundo Filipak (1983:7-8), a retórica tradicional, desde Aristóteles, identifica dois processos *metassemêmicos*¹⁴ e aponta a proeminência da metáfora como a rainha das figuras. O *semema* é unidade que tem por correspondente formal um lexema, compõe-se de traços semânticos chamados *semas* que é a unidade mínima de significação sem vida própria, realizando-se apenas numa configuração semântica ou semema.

Os semas de grau zero são constituídos por um discurso ingênuo, sem artifícios, desnudado de subentendidos. Os sememas se realizam por meio de uma palavra e

¹⁴ - metassemema- neologismo introduzido na retórica geral pelo grupo de Liège, definiu-se como a figura que substitui um semema por outro ou, convencionalmente, uma palavra por outra; designa o que a retórica chamou de tropos (Filipak, 1984:7).

as figuras que são rotuladas como metassememas operam, por exemplo, com a substituição de uma palavra por outra. *Tropos* constituem, no plano do conteúdo, os desvios e expressam as transposições de sentido marcadas por dois pólos, o metafórico e o metonímico. Os dois se articulam por duas relações, respectivamente, a da similaridade e da contigüidade, com constituintes lingüísticos implicando dois modos de arranjo: o paradigmático e o sintagmático. Ainda segundo o autor, Aristóteles designa, sob o rótulo da metáfora, toda a sorte de transposições, tanto as que se inspiram nas relações de similaridade como aquelas baseadas nas de contigüidade. Na *Arte Retórica*, ele identifica a palavra imagem ou comparação com a metáfora. Na *Arte Poética*, somente fala da metáfora. Assim, temos no próprio Aristóteles a metáfora como a figura que tem um pé na *Retórica* e outro na *Poética*.

A Retórica norteava e regia a eloqüência e todos os usos da palavra pública. Era a disciplina que orientava para a persuasão, atingindo o intelecto, e buscava o conhecimento por meio da argumentação clara, lógica, contundente. Era, conforme Platão (apud Filipak, 1984:9) a arte da ilusão e do engano, pertencendo, pois, ao mundo da mentira e do pseudo. Aristóteles, partindo do conceito retórico da persuasão e do conceito lógico do verossímil, edificou uma retórica filosófica: a arte do **falar bem**; porém, deixou de fora a poética. Enquanto a Retórica oferecia um discurso denotativo, lógico e intelectual, a poética oferecia um discurso conotativo, emotivo, catártico. Tal constatação leva-nos a saber que a metáfora possui uma única estrutura, todavia apresenta duas funções__ uma função retórica e outra poética. Essa dicotomia estabelece diferenças fundamentais que servem de alicerce à bipartição metafórica: a denotação e a conotação. Com isso, podemos entender que à função poética corresponderá a metáfora conotativa, semântica, a metáfora de uso e de invenção. À denotação, cabe uma linguagem intelectual, referencial, como uma linguagem da ciência, da filosofia e do direito. Atualmente, essa posição, com relação à metáfora, está superada.

3.2. a metáfora: na perspectiva da semântica

Para Ullmann (1964: 442), a metáfora está tão intimamente ligada à própria tessitura da fala humana que a encontramos sob diversos aspectos: como um fator primordial da motivação, como um artifício expressivo, como uma fonte de sinonímia e polissemia, como uma fuga para emoções intensas, como um meio de preencher lacunas no vocabulário e em outros variados papéis. Ensina ele: a estrutura da metáfora é muito simples. Há sempre dois termos presentes __ o *teor*, a coisa de que falamos e aquilo __ o *veículo*, com que a estamos comparando e o *fundamento da metáfora* __ o traço ou traços que têm em comum. Um exemplo concreto seria o caso da palavra latina *musculus* “ratinho”, diminutivo de *mus* “rato”, que era também empregada no sentido figurado de “músculo”, daí o inglês *muscle*. Nessa metáfora, “músculo” é o teor, ratinho é o “veículo”, e a semelhança vislumbrada entre as duas formas, o fundamento da imagem, o elemento comum que possibilita a transferência de sentido. Em vez de declarar explicitamente sob a forma de comparação, que um músculo parece um ratinho, o teor identifica-se com o veículo por uma espécie de *taquigrafia verbal*, para ser fiel às palavras do nosso autor. Sob esse aspecto, diz ele que a metáfora é uma *comparação condensada que afirma uma identidade intuitiva e concreta*, parafraseando Esnault¹⁵.

Necessário se faz dizer que a semelhança entre o teor e o veículo pode ser de duas espécies: objetiva e emotiva. Ao nomear, por exemplo, o cume de uma montanha com a palavra *crista*, por se parecer com a cabeça de um animal, a semelhança é objetiva; quando falamos de um *amargo* contratempo, a semelhança é subjetiva, pois associamos o seu efeito ao de um sabor amargo. Foi por esse meio que a palavra francesa *déboire*, derivada de *boire*, “beber”, que se referia primitivamente ao sabor desagradável deixado por uma bebida, veio a significar “contratempo, esperança frustrada” (Bloch-Wartburg, apud Ullmann, 1964:444).

Observa-se a qualidade expressiva de uma metáfora pelo *distanciamento* entre o teor e o veículo; se estão muito próximos um do outro, por exemplo, comparando um carro a outro, a metáfora será válida, porém desprovida de expressividade. Para André Breton, poeta surrealista francês,

¹⁵ Gilles Esnault, pintor e compositor surrealista.

comparar dois objetos de natureza diversa, tão afastada quanto possível, ou reuni-los por qualquer outro método de forma surpreendente, continua a ser a mais alta tarefa a que a poesia pode aspirar.

Vista assim, entre numerosas variedades de metáforas nas quais se exprimiu a infinita criação do homem, destacamos quatro grupos que surgem nas mais diversas linguagens e estilos literários. A saber:

1- *metáforas antropomórficas* _ do grego *anthropos* “homem” + *morphe* “forma”. Nesse tipo de metáfora a grande parte das expressões que se referem aos objetos inanimados são sugeridas, por transferência, do corpo humano e de suas partes, das paixões e dos sentidos humanos. Esse pensamento remonta a Giambattista Vico, filósofo italiano do século XVIII, visto ser ele o primeiro a fazer tal constatação, e ainda completa dizendo que *o homem ignorante converte-se a si próprio na medida do universo*. Tal tendência pode ser comprovada nas mais diferentes línguas e civilizações, e está na raiz de inúmeras expressões do uso corrente__ *que podemos chamar de expressões idiomáticas*__ fato esse que pretendemos comprovar ao cabo da nossa pesquisa. Apenas para ilustrar, destacamos: *Na boca do rio...*, *os pulmões da cidade...*, *as mãos do relógio...* etc. Há, também, muitas transferências na direção oposta, em que partes do corpo recebem nome de animais ou objetos inanimados: *maçãs do rosto*, o que nos leva a concordar com o nosso autor, que cita Sperber (1923,caps.4-10), quando diz que *o corpo humano é um poderoso centro de atração e de expansão metafórica*.

2- *Metáforas animais*_ fonte inesgotável de imagens é o reino animal; algumas dessas imagens aplicam-se a plantas ou a objetos insensíveis. Várias plantas devem seu nome a qualquer vaga semelhança, às vezes fantasiosa ou burlesca, com um animal, entre elas *rabo-de-gato*, *barba-de-bode*, *dente-de-leão*. Há também objetos, máquinas, equipamentos e até seres humanos __ nesse caso, a transferência pode adquirir sentido pejorativo, irônico ou até grotesco__ designados com nomes de animais, por exemplo: *pé-de-cabra*, *crab*, do inglês “guindaste”, cujo significado literal é “caranguejo”. Os humanos, as mais das

vezes, são comparados a cachorros, cobras, raposas, ratazanas, cordeiro, mula, papagaio, vacas, galinhas, baratas etc. Em nossos estudos, observamos que tais imagens sempre alcançaram *status* de força e expressividade entre os mais antigos artifícios do estilo literário. Para ilustrar, pinçamos em nossas pesquisas e leituras uns poucos versos de Proust¹⁶, nesta sucinta e flagrante caricatura de M. de Palancy

que, com a sua grande cabeça de carpa de olhos redondos se deslocava lentamente no meio das festas, abrindo as mandíbulas de momento a momento como que para procurar orientação.

3- *Do concreto para o abstrato*_ Uma das tendências básicas da metáfora consiste em traduzir experiências abstratas em termos concretos. Em alguns casos, a transferência ainda é perceptível, porém em outros, necessário se faz recorrer à *etimologia* para resgatar a imagem concreta que está por baixo da palavra abstrata. Assim, descobrir o latim *finis* “limite, fim” por trás de definir (*define*) e de finança (*finance*); *limen* “umbral” por trás de eliminar (*eliminate*); *velum* “véu” por trás de revelar (*reveal*), não parece tarefa das mais simples e é aqui que vemos o trabalho valoroso da etimologia. Notamos que essa tendência está longe de se esgotar, dado que essas transferências prosseguem continuamente e parece-nos impossível a discussão de temas abstratos sem recorrer a elas. No entanto, essa teoria vigorou até um determinado tempo, como veremos logo adiante.

4- *Metáforas sinestésicas*_ damos esse nome ao tipo de metáfora que se baseia nas transposições de um sentido para o outro: do ouvido para a vista, do tato para o ouvido etc. Ao falarmos em voz *quente* ou *fria*, fazemos uma transposição por uma espécie de semelhança entre a temperatura fria ou quente e a qualidade de determinadas vozes; do mesmo modo sons *penetrantes*, cores *berrantes*, vozes e cheiros *doces* e tantos outros. A exploração sistemática desses recursos, afirma Ullmann (1964: 450), começou com o Simbolismo, entretanto a combinação

¹⁶ Marcel Proust (1871-1922) escritor francês – trecho extraído da obra “Du Cote de chez Swann, vol.II, p.143- apud Ullmann (1964: 448)

sinestésica de “voz de lírio” tem uma respeitável ancestralidade, figurando na *Ilíada* e, na *Eneida*, diz-se que o “céu está aceso de gritos”, conforme registra nosso autor. Atualmente, esse recurso é tão corriqueiro que chega a ser quase imperceptível, faz parte da linguagem literária e podemos até arriscar dizendo que está incorporado ao uso diário (aqui já podemos observar quão enraizada está a metáfora na nossa vida cotidiana e validarmos a teoria de Lakoff e Johnson) visto que há momentos em que só uma boa imagem sinestésica dá conta de expressar o que o uso literal não supre.

3.3. a metáfora na perspectiva da lingüística cognitiva

Os trabalhos de Lakoff e Johnson (1980/2002), representam uma mudança no paradigma vigente. Tal ruptura consolidou-se em razão da conclusão de estudos iniciados na década de 1970, ocasionando, assim, uma crise no enfoque objetivista da metáfora e atribuindo a ela um *status* epistemológico. Como consequência, essa mudança também rompeu definitivamente com a tradição retórica__ iniciada no século IV a. C.__, mudando, assim, uma história de mais de dois milênios.

As idéias do novo paradigma apontam ser a cognição o resultado de uma construção mental e em razão do conhecimento da realidade ter sua origem na percepção, na linguagem e na memória precisando ir além da informação dada. Da interação entre o contexto da informação no qual ela se apresenta e o conhecimento preexistente do sujeito conhecedor, emerge a metáfora. Por essa razão, ela passa a ter o seu valor cognitivo reconhecido, mudando de *status* de uma simples figura de Retórica para o de uma *operação cognitiva fundamental*, argumentam os autores.

A partir de 1970, a metáfora transforma-se em objeto de interesse cultural das ciências humanas __ ciências da linguagem e da psicologia cognitiva. Esta última desenvolveu um sem número de pesquisas empíricas em torno do processo de compreensão da metáfora, ocasionando um crescimento incomum acerca dos estudos da linguagem figurada, entre eles, os processos de memória dos adultos e

das crianças, processamento de informação baseado na analogia, o que faz uma boa metáfora, como pode ser identificada, se as metáforas são mais complexas que seus supostos correlatos literais, e qual a relação entre as metáforas e os provérbios.

Em meio a esse turbilhão de trabalhos, surgem os de Lakoff e Johnson que ao analisar as expressões lingüísticas constataram a existência de um sistema conceptual metafórico subjacente à linguagem, que influencia nosso pensamento e nossa ação. Esses autores seguiram a trilha de um outro estudioso: Reddy que, em 1979, investigou rigorosamente enunciados lingüísticos a fim de concluir como conceptualizamos metaforicamente o conceito de comunicação e cujo resultado se encontra publicado em seu ensaio “The conduit metaphor”, para nós traduzido como “metáfora do canal”. Ele estendeu essa análise a um vasto número de enunciados para falar da comunicação e observou que eles __ os enunciados lingüísticos __ podem ser separados em quatro categorias que constituem a estrutura da metáfora do canal, uma vez que esses enunciados, segundo o estudioso, evidenciam que:

a linguagem funciona como um canal, transferindo pensamentos corporeamente de uma pessoa para outra;

na fala e na escrita, as pessoas inserem seus pensamentos e sentimentos nas palavras;

as palavras realizam a transferência ao conter pensamentos e sentimentos e conduzi-los às outras pessoas;

ao ouvir e ler, as pessoas extraem das palavras os pensamentos e sentimentos novamente.

A um primeiro olhar, a metáfora do canal revela-se como um modo específico de se pensar a comunicação, um jeito ideal, com sucesso garantido e ao leitor ou ouvinte caberia a tarefa de colher o significado das palavras e colocá-los na cabeça. Conclui seus trabalhos ratificando a estrutura da metáfora do canal, confirmando a tese de Weinreich de que essa metáfora é uma estrutura semântica real e poderosa na língua inglesa, podendo inclusive influenciar os pensamentos e a ação dos falantes

dessa mesma língua.

Ainda seguindo os passos de Reddy, Lakoff e Johnson explicitaram mais a fundo a metáfora do canal ao descobrirem metáforas conceptuais subjacentes às expressões lingüísticas metafóricas. Eles observaram que o que antes era percebido como expressões lingüísticas individuais, que refletiam metáforas mortas diferentes, era norteado por generalizações — as metáforas conceptuais ou conceitos metafóricos. Não satisfeitos, os autores passaram a considerar a metáfora do canal como uma metáfora complexa, constituída por uma teia de metáforas conceptuais, que se manifestam nos seguintes enunciados:

A - MENTE É UM RECIPIENTE

Não consigo *tirar* esse homem da minha cabeça.

Sua cabeça *está cheia* de caraminholas.

Trate de *enfiar* logo essas idéias na cabeça, senão...

B- IDÉIAS (OU SENTIDOS) SÃO OBJETOS

Quem te *deu* essa idéia maluca?

Não *encontrei* essas idéias em nenhum autor.

Não *achei* idéia nenhuma lendo esse texto!

C- PALAVRAS OU EXPRESSÕES LINGUISTICAS SÃO RECIPIENTES

Sofro muito para *pôr* minhas idéias *em* palavras.

Tente *colocar mais idéias em* menos palavras.

O significado está bem claro *nas* palavras.

D- COMUNICAR É ENVIAR OU TRANSFERIR A POSSE

Vou *passar* para você tudo o que aprendi.

Quem lhe *deu* essa informação?

Passe um pouco das suas idéias para ele.

E- COMPREENDER É PEGAR (OU VER)

Não *peguei* direito o que você quis dizer com isso.

Você está *vendo* algum sentido em tudo isso?

Nem quero *ver* as idéias desse cara...

Os trabalhos de Lakoff e Johnson (2002:19) apresentam um avanço em relação às teorias de Reddy, pela rigorosa análise lingüística que fizeram e por terem descoberto que a metáfora faz parte da linguagem cotidiana e também um jeito de conceptualizar o mundo. Os avanços dos autores indicam que a nossa linguagem revela um enorme sistema conceptual metafórico que rege não só o pensamento mas também a ação. Vista assim, a metáfora do canal é, ao mesmo tempo, um jeito simples de falar, agir e pensar quando nos comunicamos, as outras metáforas da linguagem cotidiana também influenciam nossa vida, basta observar atentamente o que nos expõem os dois estudiosos para compreendermos as suas convicções.

Ao descobrirem o sistema conceptual metafórico subjacente à linguagem cotidiana, os autores fizeram cair por terra uma série de dicotomias objetivas, começando pela revisão da distinção literal / metafórico. Pelo fato de terem demonstrado que grande parte dos enunciados da linguagem cotidiana são metafóricos, o literal ficou restrito àqueles que não são compreendidos por meio da metáfora conceptual. Tal dicotomia suscitou outro questionamento em torno da dicotomia linguagem cotidiana/ linguagem literária. Como sabemos, na tradição retórica a linguagem figurada é um desvio da linguagem usual que se prestava a um fim: *linguagens especiais poética e persuasiva*. Nessa teoria, nossos autores mostram que a linguagem cotidiana é amplamente metafórica e apenas parcialmente literal. Em face de tal constatação, podemos entender que a dicotomia linguagem literária/ linguagem cotidiana deixa de existir e, junto com ela, o conceito de desvio da linguagem.

Dentre os tipos de metáfora, destacam-se as metáforas conceptuais, orientacionais e ontológicas. Vamos entender um pouco melhor cada uma delas:

*Metáforas conceptuais*__ nosso sistema conceptual é algo do qual não temos consciência, afirmam Lakoff & Johnson (2002:46), uma vez que nossos pensamentos e atitudes cotidianos são, em sua grande maioria, automáticos. Dizem os autores que, tendo como base principal a evidência lingüística, constataram que nosso sistema conceptual ordinário é de natureza metafórica e, por esse meio, identificaram em detalhes quais são as metáforas que estruturam nossa maneira de perceber, pensar e agir. Para exemplificar como um conceito pode ser metafórico e estruturar uma atividade cotidiana, valem-se do seguinte conceito de DISCUSSÃO e pela metáfora conceptual DISCUSSÃO É GUERRA, que está presente em nossa linguagem cotidiana numa grande variedade de expressões:

Seus argumentos são *indefensáveis*.

Ele *atacou todos os meus pontos fracos*.

Destruí sua argumentação.

Jamais ganhei uma discussão com ele.

É importante perceber que não somente falamos sobre discussão em termos de guerra. Podemos realmente perder ou ganhar uma discussão. Vemos as pessoas com quem discutimos como um adversário, concluem os autores.

Metáforas orientacionais __ é um tipo de conceito que não se estrutura em termos de outro, mas sim, organiza todo um sistema de conceitos em relação a um outro. Recebem o nome de metáforas orientacionais porque têm a ver com a orientação espacial __ para baixo, para cima, dentro, fora, frente, trás, em cima de, fora de, raso, fundo, central, periférico. Essas orientações espaciais surgem do fato de termos os corpos que temos e do fato deles funcionarem como funcionam. Com

isso, temos que FELIZ É PARA CIMA. O fato de o conceito FELIZ ser orientado PARA CIMA leva a expressões como “estou me sentindo para cima hoje”. Tais orientações não são arbitrárias. Elas têm uma base na nossa experiência física e cultural e podem variar de uma cultura para outra. Vejamos:

Aquilo *levantou* meu moral.

Meu astral *subiu*.

Você está *de baixo astral*.

Estou me sentindo *para baixo*.

Os autores informam que nossa experiência física e cultural proporciona muitas bases possíveis para as metáforas de espacialização e, por essa razão, sua escolha e sua importância relativa podem variar de cultura para cultura. Dizem também que é difícil distinguir numa metáfora a base física da base cultural, já que a escolha de uma base física é função da coerência cultural da metáfora.

*Metáforas ontológicas*__ da mesma forma que as experiências básicas das nossas orientações espaciais humanas dão origem a metáforas orientacionais, as nossas experiências com objetos físicos __ especialmente com nossos corpos__ fornecem a base para uma variedade de metáforas antológicas, isto é, formas de se conceber eventos, atividades, emoções, idéias etc. como entidades e substâncias. Essas metáforas servem a vários propósitos e as diferenças entre elas refletem os diferentes fins. Exemplificam, os autores, valendo-se do aumento de preços, visto metaforicamente por meio do substantivo *inflação*:

A inflação está abaixando nosso padrão de vida.

Precisamos combater a inflação.

A inflação está nos colocando em um beco sem saída.

Se houver muito *mais inflação*, nós nunca sobreviveremos.

Segundo os autores, conceber a inflação como uma entidade permite referirmo-nos a ela, quantificá-la, identificar um aspecto particular dela, vê-la como uma causa, agir em relação a ela, e talvez, até mesmo acreditar que nós a compreendemos. Tais metáforas __ as ontológicas__ são necessárias para tentar lidar racionalmente com nossas experiências.

*Metáfora e coerência cultural*__ os valores fundamentais de uma cultura serão coerentes com a estrutura metafórica dos conceitos fundamentais dessa cultura. De acordo com os autores, parece que nossos valores não são independentes, mas devem formar um sistema coerente com os conceitos metafóricos que orientam nossa vida cotidiana, especialmente aqueles que estão enraizados em nossa cultura. Como exemplos, podemos citar:

“Mais é melhor” é coerente com MAIS É PARA CIMA e BOM É PARA CIMA.

“Menos é melhor” não seria coerente com essas metáforas.

“Maior é melhor” é coerente com MAIS É PARA CIMA e BOM É PARA CIMA.

Lakoff e Johnson mostram em seus trabalhos que não só compreendemos o mundo por meio de metáforas __ muitos conceitos básicos como tempo, quantidade, estado, ação e outros tantos conceitos emocionais, amor e raiva, por exemplo __ como também argumentam que metáfora une razão e emoção, ou seja, uma racionalidade imaginativa, fundamental tanto para a ciência como para a literatura. Ao fazerem tal argumentação, outros questionamentos relativos ao sentido, à compreensão, à verdade se apresentam culminando com a oposição objetivismo / subjetivismo. As pesquisas sobre a metáfora apresentam dois momentos de suma importância. O primeiro, na década de 1970, e o segundo na década de 1980 em diante. Inicialmente, as pesquisas giraram em torno da psicologia cognitiva, tendo como produto o livro *Metaphora and thought*, em 1979, no qual podemos encontrar o artigo de Reddy. Em seguida, em 1980, já no campo da Lingüística Cognitiva *Metaphors we live by*, apresenta um novo impulso às pesquisas sobre a metáfora, cuja proposta central é *mostrar que a sistematicidade das expressões metafóricas*

convencionais constitui uma importante fonte de evidência de que as pessoas pensam metaforicamente (Lakoff & Johnson, 2002:24). Essa constatação levou a metáfora ao centro dos estudos das ciências sociais e das humanidades nas últimas décadas. Em outros trabalhos, datados de 1986 e 1993, o conceito de metáfora vai se transformando__ de *expressão metafórica*, usado para se referir às expressões lingüísticas individuais __ até chegar ao conceito de *metáfora conceptual* (Lakoff & Johnson, 2002: 24-25), para o Lakoff qual dá a seguinte explicação:

A metáfora envolve a compreensão de um domínio da experiência, o amor, em termos de um domínio muito diferente da experiência, as viagens. A metáfora pode ser entendida como um mapeamento __ no sentido matemático __ de um domínio de origem (aqui, as viagens) a um domínio alvo (ali,, o amor). O mapeamento é estruturado sistematicamente. Há correspondências ontológicas, de acordo com as quais as entidades no domínio do amor (os amantes, seus objetivos comuns, suas dificuldades, a relação amorosa etc.) correspondem sistematicamente a entidades no domínio de uma viagem (os viajantes, o veículo, os destinos etc.)

(...)

O que constitui uma metáfora tema amor-como-viagem não é nenhuma palavra ou expressão particular. É o mapeamento ontológico¹⁷ e epistêmico entre domínios conceptuais, do domínio fonte das viagens ao domínio do amor. A metáfora não é uma questão apenas de linguagem, mas de pensamento e razão. A linguagem é o reflexo do mapeamento. O mapeamento é convencional, um dos nossos modos convencionais de entender o amor. (Lakoff, 1986,216-217- apud Lakoff &Johnson, 2002:25)

O conceito metafórico AMOR COMO VIAGEM pode ser facilmente reconhecida em expressões de uso corrente, tais como:

Veja a que ponto chegamos.

Agora não podemos voltar atrás.

Estamos num beco sem saída.

¹⁷ Ontologia – parte da filosofia que trata do ser concebido como tendo uma natureza comum que é inerente a todos e a cada um dos seres.

O mapeamento AMOR É UMA VIAGEM faz parte do nosso sistema conceptual e permite explicar porque entendemos facilmente usos novos e criativos do mapeamento, por exemplo na linguagem literária. Essa explicação leva-nos a pensar em *uma possibilidade*: as EI nascem fundamentadas como a metáfora conceptual, fazem parte do sistema figurativo convencional da nossa cultura e nos permitem entender o uso criativo que não só poetas e escritores fazem delas mas também o seu maior criador: *o povo* que, ao fazer uso delas, revela que a cognição é continuamente atualizada a cada interação do indivíduo com o mundo cultural.

Ainda, segundo os autores, é difícil para nós enxergarmos que há algo encoberto pela metáfora, ou até mesmo perceber a existência da metáfora, uma vez que esse jeito tão convencionalizado de se pensar sobre a linguagem e a realidade dificulta a percepção de que esse modo de pensar possa não corresponder à realidade. Se olharmos sob outra ótica, e ainda levando em conta as teorias de Lakoff e Johnson (2002), conceitos metafóricos podem ser estendidos para além do domínio das formas literais e ordinárias de se pensar e de se falar, passando para o domínio do que se chama de pensamento e linguagem figurados, poéticos, coloridos ou fantasiosos. Então, se as idéias são objetos, podemos *vesti-las com roupas sofisticadas, manuseá-las, ordená-las bem direitinho etc.* Por isso, quando dizemos que um conceito é estruturado por uma metáfora, queremos dizer que ele é parcialmente estruturado e que ele pode se expandido de algumas maneiras e não de outras.

De acordo com Lakoff & Johnson (2002: 119), dentro das metáforas orientacionais, temos conceitos que nos dão uma orientação espacial e tais orientações metafóricas não são arbitrárias __ cada conceito pode ter surgido de nossa experiência física e cultural__ já apresentamos esse conceito anteriormente. Nesse grupo, estão inseridas as **EI** ou “itens lexicais fraseológicos”, que funcionam de inúmeras maneiras como se fossem palavras únicas; e a língua possui milhares deles e cada conjunto de itens lexicais está estruturado de forma coerente por meio de um único conceito metafórico. São formas usuais de se falar sobre situações da vida, como por exemplo __ Ele me deixou *falando com as paredes*. É nesse sentido que os

autores empregam o que chamam de expressões literais estruturadas por conceitos metafóricos. Por exemplo, quando dizemos “tudo está contra nós” ou “temos que aproveitar a oportunidade”, todos entenderão que não estamos usando metáforas, mas simplesmente estamos usando a linguagem normal do dia-a-dia para uma determinada situação, porém a maneira de falar, de conceber e até mesmo de experienciar a situação seria estruturada metaforicamente, visto que estamos fazendo uma representação mental de uma situação interna e individual. Com esse esclarecimento, passaremos ao nosso próximo item.

3.4. a comparação nas expressões idiomáticas

Filipak (1983:29) recorre a Le Guern para explicar a comparação por meio do binômio *comparatio* e *similitudo*, com o propósito de desfazer qualquer ambigüidade relacionada ao termo.

Comparatio engloba as noções de comparativo de igualdade, superioridade e de inferioridade. Caracteriza-se por elementos de quantidade e seus instrumentos de comparação apresentam: *mais+ adjetivo + que, menos + adjetivo + que, tão + adjetivo + como etc.*

Similitudo distingue-se por elementos de qualidade e seus instrumentos de comparação apresentam: *semelhante a, parecido a, do mesmo modo que, etc.*

Nos dois casos, encontramos três elementos: o termo que se compara, o termo ao qual se compara o primeiro__ geralmente situado entre esses dois termos __ e o instrumento de comparação. As duas construções podem usar a palavra *como*. Assim, na frase,

“João é tão forte como o pai” *como* equivale a *tão...como*

e a significação é a mesma que em “João é tão forte como o seu pai”, sendo, portanto, *comparatio*. Assim, a *comparatio* instaura uma relação quantitativa entre a

força de João e a de seu pai.

O termo *similitudo*, nas relações de qualidade, corresponde ao que Aristóteles denomina “eikôn”. Com essa distinção, fica, segundo o autor, claro que a metáfora tem pacto apenas com a *similitudo* e não com a comparação. Na *similitudo* e na metáfora intervém uma representação mental alheia ao objeto da informação que motiva o enunciado, isto é, um lexema cujas características diferem dos outros do contexto. Na *comparatio, stricto sensu*, não há imagem porque não entra uma nova isotopia no contexto, ou seja, não é possível comparar uma realidade que não seja, quantitativamente, comparável. Aristóteles na Retórica III (apud Filipak, 1983: 31) mostra que a comparação, a imagem, é útil ao discurso __ prosa __ porque ela tem um caráter poético e, além disso, é uma metáfora desenvolvida. A comparação diz: “isto é como aquilo”, a metáfora diz: “isto é aquilo”. A distinção formal entre metáfora e comparação é entre duas formas de predicação __ ser e ser como __. Por essa razão, a metáfora é mais expressiva e mais poderosa. Segundo Filipak, autores modernos afirmam que a metáfora vê duas coisa numa só, portanto o seu papel é ser sintética e o papel da comparação é ser analítica ou discursiva, como vimos acima.

Filipak (1983: 32) ainda mostra que a comparação estabelece uma tipologia que, segundo seu criador Albert Henry, é fundamentada numa terminologia Damourette e Pichon:

Semema: idéia que num dado idioma só tem expressão no vocabulário.

Échantil: complemento-tipo de um comparativo ou de um superlativo.

Taxema: (*táxis*: ordem), idéia que possui expressão gramatical.

Comparação sememática usa todos os componentes do campo associativo da comparação. *Quando te comparo ao teu irmão, prefiro-o a ti, porque ele é semelhante ao teu pai.*

Comparação semântica que introduz o termo-tipo (fr. *échantil*= amostra) num giro de frase característica. *Ela possuía aquela rigidez que é típica das estátuas antigas.*

Comparação taxemática que introduz mediante um taxemma o segundo membro ou eventualmente os dois membros da comparação: *como, quanto, tal... qual, tanto...quanto.*

Comparação enunciado é a que se exprime recorrendo à simples justaposição. *Não se faz um estúdio de pintura numa sala qualquer, não se faz um campo de batalha num lugar qualquer.*

Segundo esse autor, Aristóteles inseriu só a comparação na *Retórica* e não na *Poética* porque a comparação trata da prova, da argumentação, da demonstração que se processa no *campo intelectual*, lógico, denotativo; a metáfora ele inseriu tanto na *Retórica* como na *Poética*. Na *Retórica*, porque ele admitiu metáforas denotativas e na *Poética*, porque admitiu metáforas poéticas, conotativas.

Segundo Xatara (1994:37-50) a comparação, como conhecemos, é uma figura de linguagem que se caracteriza por apresentar dois termos: ___ o comparante ou prótase ___ *é surda*___ e o comparado ou apódose ___ *como uma porta*. Ela também constitui um dos tipos de estrutura idiomática.

A *metáfora-transferência* ou apenas *metáfora*, é definida como a atribuição (epífora) a uma realidade de uma denominação que não é a sua, atribuição que se faz por um enunciado predicativo simples ___ dizendo *isto é aquilo* ___ *Pedro é um touro* ___, ou por meio de uma predicação que comporta dois elementos do tipo: ___ *o amor é a força que move o mundo* ___ *força do mundo*___. Já Lopes ressalta que a equivalência aqui é feita por similaridade, estabelecendo vários valores de verdade (verdadeiro, falso, mentiroso etc.)

A *metáfora-transferida*, ou apenas *comparação*, não possui forma predicativa; ela não é uma epífora. Sua marca distintiva é comportar uma *prótase* ___ a primeira parte da comparação (o comparante), e uma *apódose* ___ a segunda parte da comparação (o comparado). Assim, a comparação é uma metáfora com prótase e a metáfora uma epífora de uma denominação desbcada.

Com base em Ricoeur (1975) e Lopes (1987), Xatara afirma que, quanto à metáfora, eles não a consideram como um simples “ornamento”, que nada nos ensina, que não passa de um modo incomum de denominar as coisas. Dizem eles que a metáfora não é uma simples escolha do sentido figurado, por razões estilísticas, mas por verdadeiras lacunas no léxico. Ricoeur vai além porque considera a metáfora mais poderosa que a comparação, pois mantém uma surpresa que a comparação dissipa e também crê que nos dois casos ___ metáfora e comparação___ vemos um objeto comparado a um outro, não em consequência de uma simples semelhança, mas porque esse outro parece, por excelência, o representante dessa base de comparação. Lopes, por sua vez, aponta um outro aspecto ___ o elemento comparado só se assemelha ao comparante, *não o é*___ ; a comparação não surpreende, mas simula.

A comparação, na era aristotélica foi desprezada pela Poética e durante muito tempo esteve subordinada à metáfora, informa Xatara (1994: 39). Com o passar do tempo, ocorre uma inversão na relação entre metáfora e comparação: com Quintiliano, a comparação não é mais um tipo de metáfora, mas a metáfora um tipo de comparação ___ *comparação abreviada* ___ conceito que não mais se emprega atualmente. A comparação é feita com o objeto que se quer exprimir e traz ao discurso a própria semelhança, a própria razão da metáfora e, como tal, é considerada um fenômeno mental. Tais considerações da autora ratificam os conceitos que expusemos acima, tendo como base o trabalho de Filipak (1983).

Lopes (1987 apud Xatara 1994), considera que os desvios metafóricos se dão sempre como substituições de um termo ausente, que sentimos como *próprio*, por

um termo presente, que percebemos como *impróprio*. Já para Ricoeur (1975 apud Xatara 1994: 40), a comparação repousa num *uso lógico da analogia*, é um raciocínio implícito__ todas as palavras conservam seu sentido e as próprias representações permanecem distintas e coexistem um grau quase igual de intensidade. E por isso nenhuma incompatibilidade sêmica é percebida, nenhum termo é tomado em sentido figurado e o paralelismo opera entre duas linhas de termos literais, conservando seus atributos essenciais. Com isso, Ricoeur conclui que a metáfora repousa num *uso puramente semântico da analogia* e é uma aplicação direta de um predicado, enquanto a comparação é algo mais, é uma paráfrase que distende a força da atribuição insólita.

Em Xatara (1994) encontramos que a classe das comparações não é homogênea, sendo impossível transformar todos os enunciados comparativos em metáforas por uma simples operação sintática de apagamento. Só a comparação construída por meio de **como** a partir de dois enunciados, em que os termos comparados são grupos nominais sujeitos de um grupo cópula-atributo, é conversível em uma *equivalência metafórica*, marcada por *ser*, depois de apagamento de *como* e do atributo, por exemplo:

Um homem em cólera é feroz como um leão.

Um homem em cólera é um leão.

Ainda em torno das expressões comparativas, a autora apresenta considerações de Diaz (1984), referentes ao procedimento dessas expressões cujo termo comparado (1) é ligado a um termo comparante (2) por uma analogia (3) que reside sobre o atributo dominante (4). Vai além, considera esse procedimento passível de uma transformação reducional à metáfora, por meio de três elipses:

Léo (1) é burro (2) como (3) uma anta (4).

elipse 1 - apagamento do comparante (2):

Léo (1) é como (3) uma anta (4).

elipse 2- apagamento do termo que se percebe a semelhança (3):

Léo (1) é uma anta (4).

elipse 3- apagamento do comparado (1):

Que anta (4)!

Pensamento semelhante encontra-se em Lopes (1987) que considera comparações e metáforas como juízos resultantes da associação de dois termos tomados como impropriamente parecidos entre si. Esse juízo comparativo expressa-se por meio de uma comparação expandida

Manoel é teimoso como uma mula é teimosa_

que constitui enunciado primitivo, sem elipses, sem supressões de quaisquer de seus elementos. Expressa-se também por meio de cada comparação condensada

Manoel e teimoso como uma mula

ou de cada metáfora explícita

Manoel é uma mula

ou implícita

Que mula!

Nem sempre, alerta Diaz (1984), uma expressão comparativa é redutível à metáfora por esse procedimento:

A saudade invade-me como um furacão.

A saudade é um furacão.

Sob esse aspecto, parece-nos questionável a afirmativa de Diaz, pois a nós parece perfeitamente possível a metáfora em questão, uma vez que estamos discutindo a comparação e dando ênfase à língua em uso. Nesse caso, também poderíamos aplicar o pensamento de Ricoeur, exposto acima, para quem a metáfora repousa num *uso puramente semântico da analogia*.

Fernández (1996: 53) mostra que em muitas ocasiões as escolhas feitas para a comparação não pertencem ao campo semântico imediato do *veículo*, são feitas de maneira imprecisa; isto é, a metáfora pode estar na base de uma comparação com mudança de sentido e não embasada em uma similitude, literalmente. Exemplo: *Ele parece um monstro*, mas em quê? No caráter, na feiúra? Já em: *Ele é feio como um monstro*, aponta-se um julgamento qualitativo e aí a comparação torna-se mais precisa. A posição desse autor contradiz o que expusemos até aqui — que a comparação é um processo cognitivo, baseado em semelhanças e sustentado pela analogia entre dois termos. O fato do campo semântico não ser imediato ao do *veículo* comparado, não impede que a comparação seja entendida, ou mais precisa como sugere o autor. Quando se diz: *ele parece um monstro*, não há a necessidade de especificar sob qual *aspecto* do monstro estamos fazendo a comparação, pois no nosso conhecimento de mundo, nas nossas representações sociais, a palavra *monstro* já possui uma carga semântica que nos permite avaliar a comparação sob vários aspectos e compreendê-la, no momento em que se dá a situação comunicativa. Assim, entendemos que a comparação existe e está baseada na similitude e na analogia e é precisa.

Importa lembrar que na comparação há um raciocínio baseado em semelhanças, entre domínios diferentes, sustentado pela analogia que é um processo mental em que se percebe a realidade por meio de relações de similaridades de atributos entre o domínio fonte e o domínio alvo e a similaridade de relações entre eles (Gentner, 1989, apud Palma, 1998). Trataremos da analogia, mais detalhadamente, em um item do próximo capítulo.

Com base em Xatara (1994: 44-47), mostraremos um tipo de comparação cujo traço característico é traduzir uma modalização intensiva, exagero por parte do enunciador e representa estereótipo cultural. Trata-se da comparação hiperbólica e da comparação hiperbólica de inferioridade que aparece, sobretudo, na comparação idiomática. Vejamos:

Sólido como uma rocha __ o comparante (*rocha*) remete ao modelo convencional da qualidade denominada pelo adjetivo *sólido*.

No caso de enunciados hiperbólicos, só aparece o *como* de semelhança e deve haver ligação de um adjetivo a um nome:

Seu cavalo era rápido como um raio.

Ou de um verbo a um nome:

Ela me fez partir como um relâmpago.

Contudo, é preciso ressaltar que nem todos os enunciados com o *como* de semelhança são hiperbólicos, por exemplo:

A vizinha gritava como uma louca.

Aqui, não há hipérbole, apenas se quer enfatizar o exagero da situação.

No caso de enunciados hiperbólicos de inferioridade, temos um sentido figurado paradoxal ou antifrástico. Nesse caso, o termo “antífrase” designa uma significação estrutural diametralmente oposta à precedente. Em:

Meu vizinho é sutil como um elefante

a propriedade sutil é negativa, significando que meu vizinho não é nem um pouco sutil. Há, aqui, uma intensificação exagerada que repousa em um dos antônimos do adjetivo sutil.

Também para as hipérboles comparativas há critérios semânticos que devem ser usados na sua interpretação, orienta Xatara. O verbo ou adjetivo, em torno do qual se estabelece a comparação, é o núcleo de uma dupla relação de sentido próprio com o comparante e com o comparado:

bravo como uma onça

representa uma hipérbole porque *onça* é brava, denotativamente falando. Se uma relação figurada intervém com um ou outro dos termos da comparação ou com os dois ao mesmo tempo, o sentido hiperbólico é ou excluído ou atenuado por outra significação figurada:

alegre como um passarinho

não representa uma hipérbole, mas sim uma imagem de alegria.

Segundo Xatara, para dar vida a uma hipérbole, é preciso que o nome ou a oração que serve de parâmetro comparativo, designe um fenômeno cujas propriedades efetivas ou convenções culturais mantêm, como modelo exemplar, a própria encarnação da característica particular tomada como base da comparação. Isso é particularmente nítido nas hipérboles estereotipadas — *amargo como fel, teimoso como uma mula, macio como algodão, roncar como um porco* em que os comparantes *fel, mula, algodão, porco* são parâmetros comparativos cristalizados. Por isso, o sentido do comparante deve ser denotativamente mais intenso que o sentido do comparado, para resultar em leitura hiperbólica, por exemplo:

Este café está amargo como fel.

O comparante *fel* é, muito provavelmente, mais *amargo* que o comparado *café*.

Finalizando, a autora aponta que, às vezes, é possível que a desproporção entre o comparado e o comparante esteja ligada ao emprego de um comparado singular e um comparante plural e vice-versa, ou ao emprego de um coletivo, como no enunciado:

Elas faziam barulho como uma boiada.

Ao finalizar esta parte, retomamos Aristóteles que apresenta a comparação como uma demonstração que se processa no campo intelectual. Vista assim, entendemos

que a comparação também pode ser tida como um processo cognitivo mental, dado que o conhecimento da realidade, além de ter origem na percepção, na linguagem ou na memória __ ocorre o mesmo com a metáfora __ é a orientação para a comparação, seja ela hiperbólica ou não. Para se criarem metáforas ou antíteses, que são processos cognitivos opostos, o processo cognitivo primeiro é a comparação, pois é a partir dela que as semelhanças ou as diferenças existentes na realidade podem ser percebidas e posteriormente, ser construídas na língua. Metáfora e comparação são, ainda, dois processos cognitivos que revelam, cada um com suas peculiaridades, a criatividade, a capacidade infinita do homem em criar metáforas e comparações para dar conta de suas necessidades comunicativas, o que nos leva a crer, uma vez mais, que um processo gramatical mecânico não seria capaz de tão rica expressividade. Com o intuito de ilustrar esses processos, mostraremos algumas EI de base metafórica e outras de base comparativa. Vamos a elas:

***EI* de base metafórica**

Passei a tarde *batendo pernas*.

Ele sempre me deixa *a ver navios*.

Às vezes, fico assim, *falando com as paredes*.

Hoje, amanheci *com a cachorra*.

Vê se não vai *dar com a língua nos dentes*...

Nos exemplos acima, as ***EI*** são de base metafórica porque indicam representações mentais baseadas em relações de similaridade.

***EI* de base comparativa**

Nem fale com ele, *está amargo feito fel*.

Não discuta, pois ele está *bêbado como um gambá*.

Ele é *careca como um ovo*.

Com esses cabelos, *está parecendo uma Maria louca!*

Estou *liso como um bumbum de bebê*.

Todos os exemplos indicam a comparação por meio de relações quantitativas ou qualitativas, além de apresentarem os termos próprios à comparação: o comparante e o comparado.

3.5. a analogia

A analogia tem fundamental papel na construção e transformação do sentido, uma vez que esse processo __ a similaridade __ permite verificar as relações de identidade entre referentes. Encontramos em Guiraud (1972:52-60) a explicação que um nome pode ter vários sentidos, entretanto, são sentidos virtuais; é sempre apenas um deles que se atualiza em um contexto dado. Cada palavra tem um sentido de base e um sentido contextual. Não poderia haver ambigüidade, exceto para jogos de palavras ou trocadilhos. A regra continua imperativa: *um nome para cada sentido*. A língua elimina as possibilidades de confusão que poderiam produzir durante o seu desenvolvimento; essa é uma das causas de mudança de sentido. Pode ocorrer, contudo, que as mudanças pela evolução fonética e semântica engendrem formas cujos sentidos poderiam ser confundidos em um mesmo contexto, havendo a colisão e o conflito homonímico, porém, nesses casos, a língua tende a reagir, eliminando um dos antagonistas. Entre as causas que explicam como o sentido se constrói, apontamos *a analogia* que, segundo esse autor, tem sua fonte em uma *identidade de relações* __ a similaridade __ entre dois referentes e vigora com uma das *formas*, ao lado das *causas*, das mudanças de significado e caracteriza-se por ser:

material __ quando repousa sobre a identidade do radical de um grupo flexional e

derivacional ou do sentido de um grupo nocional.

*relacional*__ quando repousa entre palavras que têm uma função idêntica __ tempos, modos, casos.

Sob esse duplo aspecto, a analogia apresenta os seguintes tipos:

a- *analogia combinativa* __ nas reformações morfológicas __ derivação, composição, flexões.

b- *analogia correlativa* __ quando se dá ao referente um nome ligado por sua significação a um outro nome na língua (sinonímia), ou em uma língua estrangeira (calcos semânticos), por exemplo, o francês “réaliser”, calcado sobre o inglês “realize”.

c- *analogia fonética* __ acarreta uma mudança de nome em consequência de similaridade fonética: contágio ou etimologia popular.

Por acreditarmos ser a analogia um dos processos que permitem a criação das **EI**, vamos tratar desse tema, sob um outro enfoque __ o da Nova Retórica, de Perelman (1999), além da Lingüística Cognitiva. Vejamos:

3.5.1. os termos de uma analogia e a relação entre eles

De acordo com Perelman (1999:423), ninguém negou a importância da analogia na conduta da inteligência. Entretanto, admite-se mais ou menos explicitamente, que a analogia faz parte de uma série, identidade-semelhança-analogia, da qual constitui o elemento menos significativo. Seu único valor seria possibilitar a formulação de uma hipótese que seria verificada por indução. Segundo o autor, seu valor argumentativo será posto em evidência com maior clareza se encararmos a analogia como uma

similitude de estruturas, cuja fórmula mais genérica seria: *A está para B assim como C está para D*. Essa concepção de analogia prende-se a uma fórmula muito antiga, ainda usada e não está inteiramente esquecida. Encontrar o protótipo da analogia na proporção matemática, não é, aos olhos do autor, senão um caso particular de similitude de relações e, de modo algum, o mais significativo, a ponto de não se perceber o que a caracteriza precisamente e o que a relaciona com a diferença entre as relações que se cotejam. Para ser mais explícito, dá o seguinte exemplo, extraído de Aristóteles (apud Perelman, 1999:424)

Assim como os olhos dos morcegos são ofuscados pela luz do dia, a inteligência de nossa alma é ofuscada pelas coisas mais naturalmente evidentes.

O autor propõe chamar de *tema* o conjunto de termos A e B, sobre os quais repousa a conclusão (inteligência da alma, evidência) e chamar de *foro* o conjunto dos termos C e D, que servem para estribar o raciocínio (olhos do morcego, luz do dia). Normalmente, o foro é bem mais conhecido que o tema cuja estrutura ele deve esclarecer, ou estabelecer o valor, seja valor de conjunto, seja valor respectivo dos termos. No entanto, nem sempre isso acontece. Há, de todo modo, entre tema e foro, uma relação assimétrica que nasce do lugar ocupado por eles no raciocínio. Ademais, para haver analogia, tema e foro devem pertencer a áreas diferentes: quando as duas relações que confrontamos pertencem a uma mesma área e podem ser subsumidas sob uma estrutura comum, a analogia é trocada por um raciocínio pelo exemplo ou pela ilustração, pois tema e foro fornecem dois casos particulares de uma mesma regra. Por isso, atesta o autor, enquanto certos raciocínios se apresentam, indiscutivelmente, como analogias __ quando foro é tirado do domínio sensível, o tema do domínio espiritual __, outros provocam certas dúvidas a esse respeito. Todavia a assimilação ou a separação das áreas costuma ser preparada pelo discurso: a escolha dos termos utilizados é essencial. Desse modo, tudo quanto apresenta uma diferença de natureza, de ordem, tende a instituir áreas separadas nas quais se poderão situar respectivamente foro e tema; a oposição entre o finito e o infinito é uma diferença de ordem que será propícia ao raciocínio analógico.

Ao dizer que em toda analogia há uma relação entre quatro termos, apresentamos, claro, uma visão esquematizada das coisas. Cada um deles pode, de fato, corresponder a uma situação complexa, sendo isso mesmo que caracteriza uma analogia rica, explica o autor. O fato de se tratar de similitude de relações autoriza, entre os termos do tema e os do foro, diferenças tão importantes quanto se quiser. A natureza dos termos é, à primeira vista pelo menos, secundária; é apenas a função que eles desempenham na analogia que lhes especifica o significado. Logo, um termo é concebido de maneiras muito diferentes, para poder inserir-se em analogias de sentidos também opostos. Ainda que a analogia - padrão comporte quatro termos, é freqüente esse número reduzir-se a três; um deles figura duas vezes no esquema, que fica: *B está para A assim como C está para B*. Eis um exemplo, atribuído a Heráclito, afirma (apud Perelman, 1999:427).

O homem, comparado à divindade, é tão pueril quanto a criança comparada ao homem.

Para Perelman, é possível concluir que toda analogia de três termos pode ser analisada como analogia de quatro termos. É recomendável, contudo, distinguir as analogias em que foro e tema se colocam de certo modo um no prolongamento do outro daquelas em que o acento incide mais sobre o paralelismo entre eles. Isso porque a interpretação argumentativa delas poderá ser muito diferente. O essencial, numa analogia, é a confrontação do tema com o foro; ela não implica que haja uma relação prévia entre os termos de um e de outro; porém quando existe uma relação entre A e C, entre B e D, a analogia se presta a desenvolvimentos em todos os sentidos — um dos aspectos da analogia rica. Conquanto a analogia seja um raciocínio referente às relações, as existentes no interior do foro e no interior do tema, o que faz que ela difira profundamente da simples proporção matemática é que a natureza dos termos, na analogia, nunca é indiferente. Estabelece-se entre A e C, entre B e D, em virtude da própria analogia, uma aproximação que conduz a uma interação, notadamente à valorização ou desvalorização dos termos do tema.

Prossegue o autor mostrando que a analogia às vezes é superada antes mesmo de ter sido compreendida como tal. É que a especificidade da analogia reside no confronto de estruturas semelhantes, embora pertencentes a áreas diferentes e a distinção das áreas nem sempre é fácil de constatar; ela depende dos critérios para estabelecê-la. Apenas em certas analogias de um tipo reconhecido, tais como as alegorias e as fábulas, é que a distinção parece fora de discussão. Para concluir, diz o autor que a analogia, como a concebemos nas ciências naturais, fornece unicamente um ponto de apoio para o pensamento criador. Trata-se de superar a analogia para poder chegar a uma conclusão de uma semelhança, da possibilidade de aplicar tanto ao tema como ao foro os mesmos conceitos. Contudo, a distinção entre analogia e semelhança não poderia ser absoluta. Um elemento de semelhança entre termos parece estar na origem de uma analogia, mesmo que não desempenhe nenhum papel essencial em sua estrutura. Ainda em torno do mesmo tema, passaremos a expor um item cujo assunto complementa e esclarece sobre os processos analógicos.

De acordo com a Lingüística Cognitiva, analogia é um processo mental que conceptualiza a realidade por meio de raciocínio baseado em similaridades. Segundo Rumelhart (1989, apud Palma, 1998), os raciocínios realizados no dia-a-dia não envolvem, em grande escala, a manipulação de modelos mentais nem de raciocínios formais. Para esse autor, eles provavelmente envolvam a assimilação de situações novas a outras com as quais, de alguma forma, apresentam semelhanças. Sob esse aspecto, o raciocínio por similaridade se justifica.

Esse autor sugere a existência de um continuum de possíveis situações nas quais o raciocínio por similaridade estaria presente. Num pólo, as lembranças, no outro, o raciocínio analógico, localizando-se entre eles as generalizações. Considera haver três processos que participam do raciocinar sobre novas situações, sendo um deles, o raciocínio por similaridade que o individuo usa para resolver problemas, ao constatar a similaridade entre a atual situação e outra anterior. A generalização e o raciocínio analógico fazem parte dessa categoria.

Palma (1998) aponta o trabalho de Gentner (1989) que também trata da similaridade mostrando a existência de seus diferentes tipos e a sua importância na compreensão da aprendizagem por analogia e similaridade. Essa autora estabelece a distinção entre a similaridade de atributos entre o domínio fonte e o domínio alvo e a similaridade de relações entre eles. Esta última é que fundamenta a analogia. Faz ainda uma distinção entre a analogia intradomínio e analogia interdomínio. A primeira envolve itens que apresentam semelhança em muitas propriedades simples, descritivas e não relacionais, evidenciam atributos de objetos, os quais são propriedades descritivas desses objetos. A segunda prevê a presença de similaridade de relações entre os domínios e a ausência de similaridade nos atributos do objeto.

A autora, com base nessa distinção, estabelece diferentes tipos de similaridade, a saber:

mera aparência: na qual só atributos de objetos são partilhados e mapeados; a ***anomalia***, na qual atributos e poucas relações são divididos e mapeados; a ***analogia***, em que só relações ou predicados, baseados em princípios concretos e abstratos, são partilhados e mapeados;

a ***similaridade literal***, em que tanto atributos de objeto quanto de predicados são compartilhados e mapeados;

a ***abstração*** em que relações ou predicados, baseados em princípios abstratos, são divididos e mapeados e a ***metáfora***, em que há a presença de similaridades tanto de propriedades descritivas quanto de predicados relacionais.

O que distingue similaridade literal da metáfora é o fato da primeira ocorrer intradomínios e a segunda, interdomínios.

Posição diversa assume Vosniadou (1989). Segundo Palma (1998), Vosniadou

contesta essa posição, defendendo que o raciocínio analógico está presente em ambos casos, desde que o mapeamento envolva, na transferência, uma estrutura explanatória, de um item para o outro. Com isso, para essa autora, a analogia envolve tanto a relação entre atributos de objetos quanto a de relações entre domínios.

Vosniadou e Ortony (1989) mostram que perceber similaridades e analogias é um dos aspectos fundamentais da cognição humana, tendo papel na identificação, na classificação, na aprendizagem, nas descobertas científicas e na criatividade. Esses autores afirmam que o grande interesse por esses aspectos da cognição deve-se ao fato de o raciocínio humano operar em função de porções particulares de conhecimento fortemente influenciados pelo contexto em que ocorrem. Apontam também que o êxito na aprendizagem resulta da habilidade de o indivíduo identificar o conjunto de conhecimentos mais relevante já existente na memória de modo que ele possa ser usado como ponto de partida para o aprendizado de novas informações. Para esses autores, a analogia pode ser caracterizada como a transferência de informação relacional entre um domínio já existente na memória, o chamado domínio fonte, e um domínio não explicado, chamado domínio alvo. Nesse processo, a similaridade desempenha um papel fundamental, uma vez que uma analogia bem sucedida e útil depende do tipo de similaridade estabelecida entre os dois domínios. Além disso, a percepção da similaridade provavelmente desempenhará um papel relevante em alguns processos-chave relacionados com o raciocínio analógico.

Em face do exposto, observa-se que a analogia é um modo de pensar, fundamentado na similaridade. Está presente em situações da vida cotidiana, como manifestações do conhecimento empírico, baseado no senso comum. Manifesta-se, ainda, em momentos formais de construção do conhecimento, como aqueles resultantes de atividades de leitura, que exigem do indivíduo saberes específicos para a realização da tarefa. Assim, passaremos a outro item que também relacionado à cognição.

3.6. modos de representações mentais

Desde há muito que os estudiosos tentam compreender a percepção, a memória e o pensamento. Tal dificuldade reside no fato de serem processos de ordem conceptual. Aristóteles, segundo Pylyshyn, em seu artigo *La naturaleza simbolica de las representaciones mentales* (1983:367), já manifestava certa preocupação com essa questão fundamental. Como representamos nosso conhecimento de mundo é um problema dos mais antigos da psicologia cognitiva. Se conseguimos lembrar-nos de objetos e situações armazenadas em nossa memória é porque há em nossa mente algo que possa representar esses objetos e essas situações. Ao percebermos uma cena, somos muito seletivos no que observamos, visto que virtualmente há uma capacidade ilimitada quanto ao seu potencial de interpretações. Para esse autor, as *imagens* se relacionam com os objetos que representam de um modo diferente de como se relacionam as *descrições* com os objetos que se descrevem no sentido de que “ tanto as imagens como os objetos se interpretam empregando os mesmos processos ou outros similares, isto é, processos perceptivos, enquanto que as descrições e os objetos devem ser interpretados empregando-se processos muito diferentes” (Pylyshyn, 1983:377).

Em seu artigo *Conocimiento Y Memoria* (1983:297), Soto e Sebastián discutem o tema apontando as descobertas em torno dos processos utilizados para armazenar e recuperar informações. Citam dois, a saber: memória episódica __ temporal e estaria ligada às experiências do sujeito; a memória semântica __ atemporal já que armazenaria conhecimentos permanentes à margem do momento em que se adquiriram e se referem sempre a símbolos verbais e seus significados, suas relações. Para ilustrar os conceitos, podemos dizer: *Vi Ana Maria na feira* e *Ana Maria é um nome de mulher*, sendo o primeiro exemplo de memória episódica e o segundo, exemplo de memória semântica. Segundo as autoras, o primeiro modelo de memória semântica foi o de Quillian, para quem a representação de conceitos está organizada hierarquicamente numa rede constituída de elos que, por sua vez, estariam conectados entre si por nexos etiquetados. As relações com categorias

supraordenadas podem expressar-se direta ou indiretamente por meio de conexões que podem avançar em duas direções__ mais gerais ou mais específicas __; por exemplo, um *canário* pode estar conectado diretamente a *ave* e, indiretamente com *animal*. As relações podem ser feitas em qualquer direção. Com isso temos que a memória semântica pode apresentar enunciados que cabem ao sujeito decidir se são verdadeiros ou falsos se considera que a latência indica a dificuldade do processamento dos distintos tipos de enunciados.

As autoras concluem seu trabalho apontando o novo modelo proposto para a memória semântica __ um modelo que postula um conjunto de *traços* em lugar de *redes*. A teoria recebe esse nome porque considera que os conceitos se armazenariam como conjuntos de elementos que seriam valores de atributos __ os traços, as marcas __ como tamanho, por exemplo. A memória semântica precisa dessa *associação* (grifo nosso) para poder manejar os milhares de conceitos que deve armazenar. Além da organização em categorias conceptuais, esse novo modelo supões que existe um *dicionário* __ memória léxica __ separado do conceptual. Assim, quanto mais propriedades os conceitos têm em comum, mais fortemente os conceitos estarão relacionados e tais relações, no nosso entender, se fazem por meio de associações, analogias que permitem ao indivíduo criar sempre novas formas de expressar a realidade que o cerca, suprir suas necessidades comunicativas e, além disso, criar novas **EI**.

No próximo capítulo, procederemos a análise do *corpus* que são as EI colhidas na obra *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa.

CAPÍTULO IV

ANÁLISE DO CORPUS

*“Ficamos sem saber o que era João
e se João existiu
deve pegar.”*

(Carlos Drummond de Andrade, *Correio da Manhã* de 22 de novembro de 1967, três dias após a morte de João Guimarães Rosa).

Este capítulo tem por tema a análise do *corpus* que se constitui das expressões idiomáticas colhidas na obra *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa. O nosso objetivo é mostrar como esse autor *recria*, expressões já sedimentadas, pelo uso, no idioma. Para tanto, vamos dividi-lo em três partes, a saber:

primeira — breve biografia do autor, observações acerca do estilo, do léxico do escritor e do gênero da obra.

segunda __ síntese da obra um histórico do romance __ gênero adotado por Guimarães Rosa na obra citada.

terceira __ análise comparativa das expressões idiomáticas que compõem o *corpus*.

4.1. Guimarães Rosa

João Guimarães Rosa nasceu em Cordisburgo, Minas Gerais, em 1908 e morreu no Rio de Janeiro, em 1967, de enfarte, aos cinquenta e nove anos, três dias depois de admitido solenemente na Academia Brasileira de Letras. Aprendeu as primeiras letras na cidade natal e fez o curso secundário em Belo Horizonte, revelando-se um apaixonado da Natureza e das línguas. cursou Medicina e, formado, exerceu a profissão em cidades do interior. A esse tempo, estudou sozinho alemão e russo. Em 1934, fez concurso para o Ministério do Exterior e ingressou na carreira diplomática. Serviu como cônsul-adjunto em Hamburgo, secretário de embaixada em Bogotá e conselheiro diplomático em Paris. De volta ao Brasil, passou a ministro. Da carreira de escritor, o reconhecimento geral __ ou a glória, como preferem alguns críticos __ adveio da publicação de *Grande Sertão: Veredas* e *Corpo de Baile*. Há traduções de suas obras para o francês, o italiano, o espanhol, o inglês e o alemão. É um escritor cujo calibre se compara a Borges, Calvino, Buzzati, Faulkner, Gadda, Cortazar e James Joyce, concordam os especialistas no assunto. Guimarães Rosa deixou uma vasta obra¹⁸.

¹⁸ *Sagarana* (contos), 1946

Corpo de Baile (ciclo novelesco), 1956

Grande Sertão: Veredas (romance), 1956

Primeiras Estórias, 1962

Estas Estórias (póst., 1969)

Em Bosi (1976:485), encontramos que o mitopoético (a criação de um mito) foi a solução romanesca de Guimarães Rosa. A sua obra situa-se na vanguarda da narrativa contemporânea cujos limites residem entre o real e o surreal e tem cavado com paixão as dimensões pré-conscientes do ser humano. Bosi destaca que a obra de Rosa de tão aguda modernidade vale-se de velhas tradições, as mesmas que davam à gesta dos cavaleiros feudais a aura do convívio com o sagrado e o satânico. As micronarrativas inseridas em *Grande Sertão: Veredas* não só sustentam a grande temática existencial como também simbolizam princípios e moralidades já encontrados em textos da literatura universal

4.2. o léxico de Guimarães Rosa

Para Bosi (1976: 482), o regionalismo, que deu algumas das formas menos tensas de escritura e uma tendência gasta ___ a crônica, o conto folclórico, a reportagem___, gêneros menores que já nasceram *datados*, estava fadado a sofrer, nas mãos de um artista-demiurgo, a metamorfose que o colocaria, uma vez mais, ao centro da ficção brasileira, isto é, voltariam a ocupar lugar de destaque e ter o reconhecimento do público. A *alquimia* operada por João Guimarães Rosa, foi o grande foco da crítica, não só à época do aparecimento da “espantosa” obra *Grande Sertão: Veredas*, mas por muitos anos consecutivos. Sua leitura suscitou novamente uma antiga verdade: os conteúdos sociais e psicológicos só passam a fazer parte da obra quando vinculados por um código de arte que lhes potencia a carga musical e semântica. Ainda hoje, e mais ainda no momento do seu surgimento, observou-se que a grande novidade do romance vinha de uma profunda alteração no modo de enfrentar a palavra, em que os elementos pitorescos eram meros condutores de um senso profundo dos grandes problemas do homem, ao mesmo tempo, em que exprimiam com sutileza todos os matizes da inquietação moral e metafísica, encontrados apenas na mais requintada literatura do Ocidente. Essa fusão do local, do universal, do presente e do eterno, aproxima a sua obra das grandes experiências literárias da cultura moderna (Candido e Castello, 1964: 372). Em Rosa, uma palavra é sempre

Tutaméia: Terceiras Estórias, 1967

O ciclo *Corpo de Baile* desdobrou-se, a partir da 3^{aa} edição, de 1964, em três volumes:

Manuelzão e Miguilim, No Urubuquaquá no Pinhém, Noites do Sertão.

Guimarães Rosa deixou inédito *Magma*, poemas.

um feixe de significações __ *mas ela o é em um grau eminente de intensidade*__ se comparada aos códigos convencionais de prosa, pois, além do referente semântico, o signo estético é portador de sons e de formas que desvendam, de modo fenomenal e único, as relações íntimas entre significante e significado.

Totalmente voltados para as forças virtuais da linguagem, os escritos de Guimarães Rosa procedem abolindo intencionalmente as fronteiras entre narrativa e lírica. *Grande Sertão: Veredas* traz, segundo Alfredo Bosi, revitalizados recursos da expressão poética: células rítmicas, aliterações, onomatopéias, rimas internas, ousadas mórficas, elipses, cortes e deslocamentos da sintaxe, vocabulário insólito, arcaico ou de todo neológico, associações raras, metáforas, anáforas, metonímias, fusão de estilos, coralidade. Rosa, como todo artista consciente, só inventou depois de ter feito o inventário dos processos da língua. Imerso na musicalidade da fala sertaneja, ele procurou, em um primeiro tempo (tempo de *Sagarana*), fixar essa musicalidade na melopéia de um fraseio no qual soam cadências populares e medievais. Soube, ainda, zarpar do mimetismo entre o culto e o folclórico __ de *Sagarana*__ para ousadas combinações de som e de forma nas obras maduras.

Segundo Bosi (1976: 484) o princípio fundamental da linguagem poética, genialmente intuído por Vico, é o da analogia, a arcana lógica poética, lógica dos sentidos, que vincula a fala inovadora às matizes de toda língua. O pensamento analógico é pensamento mítico. O que se passa com a linguagem de Guimarães Rosa no tratamento das unidades verbais __ fonemas, morfemas __, ocorre também no plano dos grandes blocos de significado: as suas estórias (sic) são fábulas, *mythoy* que velam e revelam uma visão global da existência, próxima de um materialismo religioso, porque panteísta, isto é, propenso a fundir numa única realidade, a Natureza, o bem e o mal, o divino e o demoníaco, o uno e o múltiplo, arremata Bosi.

Ler Guimarães Rosa é participar de uma aventura no reino mágico das palavras, pois, de acordo com Martins (2001:11), o uso que Rosa fez da língua resulta simultaneamente de imaginação, sensibilidade, memória, conhecimento, pesquisa,

erudição; “de trabalho, trabalho e trabalho” __para usar a mesma explicação do autor__, e mais, com relação ao seu experimentalismo, crescente-se ousadia, anseio de originalidade e perfeição. Pode-se dizer que o seu ideal de língua literária se enquadra nas características que ele aprendeu do idioma húngaro, entre as quais as seguintes, que se referem mais especificamente à palavra:

Por sua própria natureza original __ o húngaro __ permite todas as caprichosas e ousadas manipulações da gênese inventiva individual. Praticamente ilimitada é a criação de neologismos, o *verbum confingere*. O intercambiar dos sufixos e das palavras verbais é universal: os radicais aí estão à espera de um qualquer afixo, para os engates *ad libitum*. Possível mesmo é a engendra de sufixos novos, partindo de terminações singulares ou peregrinas de vocábulos. Vale é o valível. Imissões adúlteras não são ilegítimas. A seiva arcaica se redistila. Absorvem-se os ruralismos. Recapturam-se as esquivas florações da gíria. Entre si, as palavras armam um fecundo comércio. (“Pequena Palavra”, prefácio da Antologia do Conto Húngaro. Seleção, tradução, introdução e notas de Paulo Rónai, Civilização Brasileira, 1957, apud Martins, 2001: 11).

Para a autora, a linguagem elaborada de Guimarães Rosa, foge, intencionalmente, à transparência para se embeber no mistério. Há obstáculos que exigem atenção e provocam reação diversa nos leitores. A sintaxe, por suas inversões e elipses, e o léxico, por sua requintada complexidade, não permitem que o texto seja recebido passivamente, mas solicitam o leitor a ter também igual participação na criação artística. Uns param em princípio ou no meio da leitura, outros vão mais além e os que persistem sentem-se cada vez mais fascinados diante do texto incomum, do seu ritmo e musicalidade, das suas imagens tão numerosas quanto belas, das suas construções carregadas de ênfase, dos seus vocábulos expressivos __ novos ou antigos, inventados ou minerados no tesouro da língua, cultos ou populares, graciosos, poéticos, pitorescos, humorísticos ou graves, solenes, rebarbativos, abstrusos, impregnados, enfim, de múltiplas conotações.

Para os povos antigos, o mito era a palavra que funcionava como instrumento lógico para a compreensão do mundo. Ocidentalizados, esses mitos foram revestidos de

moralidade cristã. A cultura popular conserva-os por meio de pequenas narrativas orais que exemplificam modelos de conduta humana. Com isso, passaremos à questão do gênero para melhor situar e compreender a obra literária desse genial autor.

4.3. o gênero de *Grande Sertão: Veredas*

O bloco central da obra de Guimarães Rosa é composto por *Sagarana* (1946), livro de contos; *Corpo de Baile* (1956), livro de novelas e *Grande Sertão: Veredas* (1956) romance, que a princípio deveria ser uma das novelas da coletânea, mas que se ampliou até as dimensões como a conhecemos hoje: *romance*.

Em todas as suas transformações históricas e ideológicas, o problema dos gêneros literários suscitou dois aspectos que, pouco a pouco, ganharam relevo e significação. O primeiro foi a concepção predominante até meados do século XVIII do que seria a essência do problema dos gêneros literários e do que e qual seria a sua classificação, sentido, limites etc.; da segunda metade daquele século, até os dias atuais, o panorama mudou em todos os seus pormenores, atesta M.Moisés (1968:46-47). Em razão disso, todo estudioso das teorias dos gêneros deve atentar para as diferenças entre a “teoria clássica” e a “teoria moderna. Nesta, que é manifestadamente descritiva, não se limita o número de possíveis gêneros nem se ditam regras aos autores e se ainda supõe que os gêneros tradicionais¹⁹ podem mesclar-se e produzir um novo gênero; naquela, que é normativa e preceptiva, não só se acredita que um gênero difere do outro tanto em natureza como em hierarquia, como também é preciso mantê-los separados. É certo que esses aspectos em muitos pontos se confundem e, então, a discussão freqüentemente se converte numa simples questão de linguagem, mascarando as mais fundas divergências entre várias e opostas direções filosóficas e estéticas. Conclui o

¹⁹ Em Massaud, (1968: 53), encontramos o seguinte esquema resumidor para os gêneros :

gêneros literários espécies formas

poesia lírica soneto, ode e outras
épica poema, poemeto, epopéia

prosa ----- conto, novela, romance

autor alertando-nos para o simples fato de que basta um exame mais atento, acerca das teorias dos gêneros, para perceber que as discordâncias se neutralizam e não conduzem a um resultado consensual simplesmente porque o *conceito* e também o *tema* são de ordem subjetiva e, justamente por isso, a palavra *gênero* é usada para designar indiferentemente categorias literárias diversas.

4.3.1. um histórico do romance

O *romance* como entendemos hoje, surgiu em meados do século XVIII, em lugar de uma expressão nobre da arte tradicional aristotélica: a *epopéia*. Vingou com o Romantismo, movimento de ampla revolução cultural. O romance estava em perfeita sintonia com o novo espírito da época, visto que era notório o desgaste natural das estruturas sócio-culturais trazidas pela Renascença. A demofilia, que varria as consciências lúcidas e insatisfeitas da Europa do tempo, determinou o aparecimento duma literatura feita pelo, para e com o povo, especialmente a nova classe ascendente a burguesia (M. Moisés, 1968:150). Servindo à burguesia em ascensão, o romance tornou-se, depois da revolução industrial inglesa do século XVIII, o portavoz de suas ambições, desejos, veleidades, e, ao mesmo tempo e sobretudo o ópio, a fuga da materialidade diária. Entretenimento, diversão, passatempo de uma classe que inventou o lema *tempo é dinheiro*, o romance traduz fielmente o bem-estar e o conforto de indivíduos que pagam o trabalho do escritor no pressuposto inabalável de que a sua função consiste em deleitá-los, oferecendo a própria existência artificial e vazia como espetáculo sem, contudo, reconhecê-la como sua. Assim, comprazem-se do espetáculo da própria vida como se fora alheia, estimulando uma forma literária que funcionava como espelho em que se miravam, porém, jamais reconhecendo a imagem refletida.

De acordo com M.Moisés (1968: 154), em Portugal, o romance aparece em meados do século XIX, tardia foi a sua aceitação, apesar de tentativas bem estruturadas, como o poema *Camões* (1825), de Almeida Garret. Camilo Castelo Branco, uma espécie de Balzac, é figura principal da prosa de ficção

romântica, talvez de todo o século XIX, visto que retratou a sociedade do seu tempo numa série de narrativas passionais, históricas, de mistério. O romance português encontrou em Eça de Queirós um representante isolado do Realismo nos moldes de Flaubert. Mais tarde, com o Modernismo, o romance ganha forças novamente.

No Brasil, também o romance chegou tardiamente__ *O Filho do Pescador* (1843), de Antonio Gonçalves Teixeira e Sousa, foi o precursor daquele que se considera o primeiro romance entre nós__ *A Moreninha* (1844), de Joaquim Manuel de Macedo; porém, é com *O Guarani* (1857), de Alencar, que o romance passa a ser cultivado largamente. Mirando-se nos moldes europeus__ Dumas Filho, Scott, Balzac__, Alencar propunha-se a valorizar temas nacionais. O Realismo foi um período de grandeza incomensurável ligado a nomes como Machado de Assis, Aluísio Azevedo, Raul Pompéia, e outros; todavia, foi com o Modernismo que galgou os degraus para chegar ao patamar em que está atualmente. A partir de 1930, surgiram nomes de primeira linha, dentro e fora do país, entre outros, a saber: Jorge Amado, José Lins do Rego, Graciliano Ramos, Érico Veríssimo, Clarice Lispector, Raquel de Queiros, **Guimarães Rosa**.

4.4. a contribuição de Rosa

De acordo com Nigri e Baril (2006), quando *Grande Sertão: Veredas* chegou às livrarias, em maio de 1956, a reação foi de espanto. A combinação entre o rigor etimológico e a tradição oral __quase um novo idioma __, seria uma “história de jagunços para lingüistas”, como se criticou na época. Ou, ao contrário, a mais importante experiência de aproximação entre a cultura erudita e a popular na língua portuguesa. Atualmente, não há dúvidas: é considerado um marco na literatura brasileira e a sua aceitação é quase unanimidade. Se, por um lado, a oralidade do narrador é entendida por parte da crítica como mera imitação do caipira da região sertaneja de Minas, por outro lado, a capacidade de síntese e invenção do romance é freqüentemente acusada de ser vazada em linguagem rebuscada e barroca. E isso

pode denotar uma leitura não tão fácil, porém, não significa que haja excesso de preciosismo lingüístico. Em *Grande Sertão*, tudo é essencial.

Segundo Garbuglio (2005:78), os planos narrativos de *Grande Sertão: Veredas* referem-se à existência de um plano objetivo ao lado de um plano subjetivo, que se distinguem e se implicam, mutuamente. No plano objetivo transcorrem os acontecimentos e fatos de que participa o narrador. É a história, a sucessão dos fatos em que se envolve o personagem-narrador. No plano subjetivo estão as indagações formuladas pelo personagem-narrador, à busca de uma ordenação do mundo para atingir um grau possível de percepção e reconstrução da realidade, vivida pelo narrador com incomum intensidade. A linha objetiva trata dos fatos em sentido diacrônico, acompanhando a sucessão dos acontecimentos que aparecem de maneira fracionária e aparentemente tumultua e lhe dificulta a ordenação. A subjetiva os vê e analisa em sentido sincrônico, buscando penetrar no fundo das causas e das conseqüências dos acontecimentos. Por isso, se pode falar numa linha horizontal onde estão contidos os sucessos e numa linha vertical onde se processa a especulação desse fato. A primeira é expositiva, a segunda de natureza crítica. Convém ressaltar que essas linhas não aparecem em estado de pureza, mas se interpenetram e se inter cruzam dentro do romance, formando um corpo, um sistema.

Se Rosa, por um lado, abre caminho para o novo, por outro, não ignora as fontes nem o potencial interno, pois, ao mesmo tempo em que se liga a velhas tradições lusitanas __ de onde extrai com freqüência boa parte da matéria utilizada__ também faz uso do abundante material humano e filão nacional. Não se trata apenas de aproveitamento de material dos remanescentes medievais portugueses, mas também do mergulho nas fontes eruditas e clássicas da língua. O confronto entre as peculiaridades dela __ da língua__ e as descobertas do exercício lingüístico em que fora educado não resultaria em outra coisa senão aproximações inevitáveis aos fenômenos lingüísticos: a língua dos eruditos medievais e a prática lingüística dos sertões que, segundo o autor, Rosa considerava o mesmo fenômeno, apenas em momentos diversos. Observando a obra rosiana sob esse aspecto, Garbuglio (2005:134) a vê como ponto de chegada e produto amadurecido de uma literatura, a brasileira, na busca de seu próprio destino. A luta que se trava, nem sempre

gloriosa, aponta para a necessidade de alcançar projeção e reconhecimento capazes de a levar para além das fronteiras. É o desejo de conhecer-se, de conhecer o espaço em que atua para poder reconhecer, na arte que produz, os graus desejados e a capacidade criadora de alcançar identidade nacional. É daí que decorre o desenraizamento e o deslocamento, real ou imaginário, encerrados na tutela do espírito, aprisionando-se o homem e a cultura aos produtos impostos como bons e aceites como tais.

Com o romance de Rosa, a literatura reconquista poder e importância, revitaliza-se com o desaparecimento daquela frouxidão em que havia caído. O rótulo de regionalista não cabe a Rosa __ ainda que apresente aspectos regionalistas. Sua obra mexe profundamente com a língua e, se entra em cheio no âmbito da experimentação, não deixa de manter o pé firme na tradição onde encontra uma língua e uma palavra fortes, capazes de dar suporte aos seus anseios. Segundo o autor, esse traço rosiano espelha a consciência profunda do processo cultural brasileiro.

4.5. o regionalismo

Segundo Massaud Moisés (1968:156), o romance nasceu identificado com a burguesia, portanto é urbana sua geografia, afirma o autor. Há exceções __ o romance regionalista. De acordo com Candido e Callado (1964:28), os regionalistas são bastante diversos uns dos outros, quanto ao estilo e em virtude da multiplicidade de experiência de cada um, conforme suas respectivas áreas de origem, desde o seco e lapidar Graciliano Ramos, passando pelo lírico Jorge Amado até chegar ao genial Guimarães Rosa. Diz Massaud Moisés que a vida rural limita o horizonte, repete-o, logo se esgotam as possibilidades do romancista, daí ser de extrema importância o cenário que, não raro, assume papel decisivo na compreensão da personagem__ é o caso do romance realista e naturalista. Diz o autor que uma verdadeira *osmose* se estabelece entre meio e personagem. Fora do realismo e naturalismo, também se pode observar a

interdependência da personagem e da geografia__ em **Grande Sertão:Veredas** o cenário ocupa posição de destaque. O sertão é o palco de Riobaldo; nele conta sua vida, suas angústias. Todos os fatos da vida de jagunço ganham vulto, pois é no sertão que ação se desenrola, pontilhada por marcos geográficos, atesta o autor.

Neste ponto do nosso trabalho, apresentaremos o romance *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa, em uma breve síntese da história para, em seguida, coletar amostras de **EI**.

4.6. síntese da história

O romance é narrado em primeira pessoa, em monólogo ininterrupto, por Riobaldo, velho fazendeiro do Norte de Minas, antigo jagunço, que conta sua vida, suas angústias e, busca, no vaivém de suas memórias e reflexões, negar a existência real do demônio com quem fez um pacto quando se propôs vencer o jagunço Hermógenes. Primeiro foi bandido, depois chefe de bando, a sua tarefa principal é vingar a morte do grande chefe Joca Ramiro, assassinado à traição. Para isso, estabelece um pacto com o diabo, que não sabe se foi realmente feito, mas que depois o atormenta o resto da vida, numa dúvida insanável. O seu maior amigo e companheiro de armas é Reinaldo, a quem chama Diadorim e por quem sente uma amizade extrema, que se aproxima do amor e o deixa perturbado. O fato se explica quando Diadorim morre em duelo, matando ao mesmo tempo o traidor Hemógenes: era a moça Deodorina, filha de Joca Ramiro, disfarçada em homem. Riobaldo conclui que o Mal é um atributo do ser, um acidente que vicia o coração dos homens, uma fatalidade que se deve enfrentar com paciência e vida justa (Candido e Castello, 1964: 372-373). Na estrutura do livro, os fatos são transpostos para uma atmosfera lendária e o real se cruza com o fantástico, desenrolando-se numa das mais belas narrativas da nossa literatura.

4.7. análise comparativa das expressões contidas em *Grande Sertão: Veredas*

O *corpus* desta pesquisa constitui-se de 10 (dez) **EI** colhidas da obra *Grande Sertão: Veredas*, 2001, de Guimarães Rosa. O critério adotado para a seleção foi a observação do material a fim de identificar as **expressões de partida** nas quais o autor se apoiou para a recriação. Todas as expressões fazem parte de um fragmento mínimo, retirado do texto, e respeitam, inclusive, a escrita do autor. A nossa análise é feita somente com expressões em que é possível identificar a expressão de partida. Por meio de atenta leitura, verificamos um número acentuado de expressões *recriadas* e com efeitos de sentido diversos àqueles existentes na expressão original. Com base nessa constatação, selecionamos as **EI**. A nossa escolha por analisar as expressões inseridas em pequenos contextos visa a obter uma maior visualização do universo do autor, da história, das personagens e do *sentido recriado* __ o fator distintivo da análise em fragmentos é que ela opera no nível do texto, fator fundamental para a construção de efeitos de sentido, sobretudo quando se recriam as expressões lexicais. Os fragmentos selecionados obedecem ainda a um outro critério: todos remetem a personagens, à exceção do fragmento 8, e têm um título nosso. A ordem de apresentação dos fragmentos não é necessariamente a ordem de aparição no texto original. Para proceder à análise, observamos a estrutura formal da expressão, a classe gramatical dos termos que a compõe, o tipo de grupo fraseológico, as operações cognitivas que possibilitaram o processo de recriação e as representações sociais.

Fragmento 1 __ (p.33-34) **O delegado**

(...) __ lhe falo: nunca vi cara de homem fornecida de bruteza e maldade mais, do que nesse. Como que era urco, trouxe de atarracado, reluzia um crú nos olhos pequenos, e armava um queixo de pedra, sobancelhonas, não demedia nem testa. E ele umbigava um princípio de barriga barriguda, que *me criou desejos...* Com minha brandura. Alegre que eu matava. Mas, as barbaridades que esse delegado fez e aconteceu, o senhor nem tem calo em coração para poder escutar. Conseguiu de homem e mulher **chorar sangue**, por este simples universozinho nosso aqui. Sertão. O senhor sabe: sertão é onde manda quem é forte, com as astúcias. Deus mesmo, quando vier, que venha armado!

Nessa construção, temos um caso de verbo transitivo direto + objeto direto. Em relação à expressão original, *chorar lágrimas de sangue*, há o apagamento da locução adjetiva e o elemento que era acessório (sangue) passa a ser essencial. O elemento fundamental do choro - lágrimas - é substituído por sangue, símbolo do sofrimento, que, além de dar um caráter hiperbólico à **EI**, atribui-lhe um novo

sentido: chorar sangue intensifica a dor sentida ou o sofrimento vivido. Ainda é possível reconhecer nessa expressão a aplicação de uma palavra já em uso __ *lágrimas*__ a uma idéia nova __ *sangue* __ e esse é um dos fatores que promovem a renovação e o crescimento do léxico de uma língua, como vimos em Guirraud (1972). No nível lingüístico, observamos que a mudança na forma de expressão_ alteração da estrutura sintática__ foi a responsável pela alteração de conteúdo que é a representação abstrata do processo de conhecimento o reconhecimento de um objeto, como vimos em Vilela & Koch (2001). Dentro dos grupos fraseológicos, a expressão **chorar sangue** é uma **EI** característica, pois enquadra-se perfeitamente dentro dos critérios propostos por Fernández (2004) : é uma construção curta que dá relevo à mensagem, faz parte do saber lingüístico de uma comunidade, destaca-se por sua iconicidade e por seus traços semânticos, entre outros. Como processo cognitivo subjacente à recriação da expressão de base, reconhecemos a teoria para o pensar metafórico que influencia nosso pensamento e nossa ação, de Lakoff & Johnson (2002), e, ainda, as representações sociais cujas categorias surgem ligadas a fatos sociais que expressam, justificam e questionam a realidade, a visão de mundo. A vida social é carregada de significação cultural e símbolos para atingir a realidade, como vimos em Minayo (1995). A esses processos, acrescentamos a analogia correlativa que nomeia o referente *sangue* a um nome ligado por sua significação a um outro nome na língua: *lágrima*. Com isso, temos uma expressão de base metafórica que atesta a insuperável capacidade inventiva de Rosa.

Fragmento 2 __ (p. 164) ***Eu, Riobaldo***

Dos outros, companheiros conosco, deixo de dizer. Desmexi deles. Bons homens, no trivial, cacundeiros simplórios desse Norte pobre, uns assim. Não por orgulho meu, mas antes ***por me faltar o raso de paciência***, acho que sempre desgostei de criaturas que com pouco e fácil se contentam. Sou deste jeito. Mas Titão Passos, digo, apreciei; porque o que salvava a feição dele era ter o coração nascido grande, cabedor de grandes amizades.

Expressão de partida: *não tem um pingão de paciência*

Observamos, nessa construção, que o autor manteve verbo transitivo direto + objeto direto, assim como na expressão cristalizada __ *não tem um pingão de paciência*. Em se tratando do sentido, a expressão recriada ganha força quando o autor substitui o verbo *ter*, em sentido negativo, acompanhado do advérbio de negação, pelo verbo *faltar*, que sugere intensificação de algo que nunca teve, que não faz parte do seu ser. O objeto direto da expressão recriada __ *o raso de paciência* __ também revela uma carga semântica mais intensa que a original, pois *um pingão* sugere um pouco,

porção ínfima, ao passo que o *raso* denota aquela dose reles, pouco profunda, ordinária que todos os seres humanos devem ter. Nesse caso, a transformação do sentido é pautada na analogia uma vez que se realiza pela similitude dos referentes *pingo* e *raso*, e também pela relação de antítese expressa pelos verbos *ter* e *faltar*. A teoria do pensamento figurativo que sustenta serem possíveis as relações metafóricas não só pelas semelhanças, mas também pelas diferenças enquadra-se nesse exemplo, juntamente com a analogia interdomínio proposta por Gentner (1989) que prevê a presença de similaridade de relações entre os domínios e a ausência de similaridade nos atributos do objeto. Desse modo, na expressão de base metafórica, recriada por Rosa, torna mais evidente, com relação à expressão de partida, a representação e a visão de mundo que temos de um ser sem paciência, sem a virtude de suportar as dores, os incômodos, os infortúnios.

Fragmento 3 __ (p.57) ***Pai e Mãe***

Para mim, minha mãe era a minha mãe, essas coisas. Agora eu achava. A bondade especial de minha mãe tinha sido a de amor constando com justiça, que eu menino precisava.

(...) __” Pois a minha eu não conheci...” Diadorim prosseguiu no dizer. E disse com curteza simples, igual quisesse falar: barra__ beiras __ cabeceiras...Fosse cego de nascença.

Por mim, o que pensei, foi que eu não tive pai; quer dizer isso, pois eu nunca soube autorizado o nome ele. Não me envergonho, ***por ser escuro de nascimento***. Órfão de conhecença e de papéis legais, é o que a gente vê mais, nestes sertões.

Expressão de partida: ***de origem obscura***

A expressão recriada __ ***por ser escuro de nascimento*** __, constituída por verbo + predicativo, apresenta uma ambigüidade no sentido. Em relação à expressão cristalizada __ ***de origem obscura e duvidosa***__ é possível observa: 1- que o autor, ao fazer uso do termo *escuro* em lugar de *origem* amplia o sentido para sombrio,

misterioso, suspeito, triste, melancólico, até. Com a palavra *nascimento* em lugar de *origem*, o autor sugere uma relação pai – filho pautada pela ausência, pelo desconhecimento por parte de ambos do grau de parentesco. A analogia dá-se por meio da oposição: *escuro/ nascimento* em que o primeiro termo simboliza a falta de luz e o segundo a chegada à luz e ainda pode indicar um eufemismo para a condição de bastardo. A metáfora para essa recriação faz-se por meio do verbo *ser que* permite-nos visualizar um estado perene de escuridão, de ignorância. No plano lingüístico, a expressão recriada manteve a estrutura formal __ substantivo + adjetivo. Todavia, a substituição do termo gerou uma exatidão de sentido que a expressão de partida não retrata e, nesse caso, a atestamos a renovação do léxico pela evolução do sentido, conforme vimos em Guiraud (1972) e ainda podemos classificar a expressão como uma **EI** de base metafórica.

Fragmento 4 (p. 64-65; 195 e 248) **Hermógenes**

__ “... O Hermógenes tem pauta... Ele se quis com o Capiroto...”

eu ouvi aquilo demais. O pacto! Se diz __ o senhor sabe. Estornadas!... “ O Hermógenes tem pautas...” Provei. Introduzi. Com ele ninguém podia? O Hermógenes __ demônio. Sim só isto. Ele era mesmo.

(...) O Hermógenes? **Sem tino nem prosápia**. (...) Digo ao senhor: se o demônio existisse, e o senhor visse, ah, o senhor não devia de, não convém espiar para esse, nem mi de minuto! __ não pode, não deve-de! São se só as coisas se sendo por pretas __ e a gente de olhos fechados.

(...) Viver é muito perigoso.

A popular expressão *sem eira nem beira* ganha roupagem nova nos escritos do autor. Conservando a estrutura consagrada, frase nominal, o autor inova ao fazer uso de uma seleção lexical clássica. Dentro dos grupos fraseológicos, essa expressão classifica-se como *ditado popular* __ os constituintes são tomados *sempre em sentido metafórico, dizem respeito a verdades gerais e fazem julgamento*

de valor. Tino, na expressão recriada, refere-se à incapacidade de atinar com as coisas, discernir, julgar; *prosápia* refere-se à linhagem, raça, ascendência. Em relação ao sentido, a expressão de Rosa supera sua congênere. *Sem eira nem beira* pode significar apenas alguém sem muitas qualificações, sem posses, ao passo que *sem tino nem prosápia* indica um ser ignorante, incapaz e desprovido de qualquer qualidade da qual possa se orgulhar. Dentre os processos cognitivos subjacentes à expressão recriada identificamos analogia, a teoria das representações mentais, Soto e Sebastián (1983), que são processos utilizados para armazenar e recuperar informações. Nesse caso, entendemos ser a memória semântica __ atemporal já que armazenaria conhecimentos permanentes à margem do momento em que se adquiriram e se referem sempre a símbolos verbais e seus significados, suas relações __ o sustentáculo dessa recriação.

Fragmento 5 __ (p. 209) **Otacília**

Conheci que Otacília era moça direta e opinosa, sensata mas de muita ação. Otacília não estava nôiva de ninguém. E ia gostar de mim? De moça-de-família eu pouco entendesse. A ser, a Rosa'uarda? Assim igual eu Otacília não queria querer; salvante assente que da Rosa'uarda nunca me lembrei com desprezo: não vê, **não cuspo no prato em que o bom já comi**. Sete voltas, sete, dei; pensamentos eu pensava. Revirei meu fraseado. Quis falar em coração fiel e sentidas coisas. Poetagem.

Temos, nesse grupo fraseológico, uma **EI** de base metafórica estruturada com verbo intransitivo+ adjunto adverbial. Em relação à expressão original, *cuspiu no prato que comeu*, há ainda o acréscimo do adjetivo *bom* e do advérbio *já*. No plano lingüístico, a mudança da forma promoveu uma intensificação do sentido, representado pelo adjetivo *bom* que está substantivado e também pelo advérbio *já*, com valor semântico de *um tempo*, no passado. Com essas recriações, a expressão passa a ter um sentido claro, vivo, de agradecimento e de reconhecimento pelo bem que foi feito. Na expressão cristalizada, o sentido que se destaca é apenas um sentimento

de ingratidão. A representação das *benesses* ___ o prato___ e do reconhecimento ___ *não cuspir* ___ permite-nos entender a analogia como sustentação a esse processo de recriar. Um dos traços característicos das **EI** são os implícitos culturais que elas carregam e também isso possibilita avaliá-las como tal. No exemplo em questão, esse traço é fortemente marcado, uma vez que a representação do *agradecimento* está simbolizada por meio da ação expressa pelo verbo. Para compreender a realidade concreta desse símbolo, as informações sobre cultura em que ela se insere são fundamentais, dado que a interpretação literal da **EI** leva a incompreensões.

Fragmento 6 ___ (p.276) **Joca Ramiro e Zé Bebelo**

___” Adianta querer saber muita coisa? O senhor sabia, lá para cima ___ me disseram. Mas, de repente, chegou neste sertão, viu tudo diverso, diferente, o que nunca tinha visto. Sabença aprendida não adiantou para nada... Serviu algum?”

___” Sempre serve, chefe: perdi ___ conheço que perdi. Vocês ganharam. Sabem lá? Que foi que tiveram de ganho?

O puro lorotal. E atrevimento, muito. Os jagunços em roda não entendiam nada do escutado; e uns indicavam por gestos que Zé Bebelo estava gira da idéia, outros, quadrandando um calado de mau sinal

Expressão de partida: **é tudo lorota**

O substantivo modificado pelo sufixo *al* ___ dando idéia de coleção, quantidade___ e o adjetivo substantivado, anteposto ao substantivo, faz dessa expressão de base metafórica uma recriação ímpar. A mudança no plano da expressão acarretou intensa mudança no plano do conteúdo. A expressão cristalizada ___ é tudo lorota ___ apresenta verbo de ligação+ predicativo. Com essa mudança de estrutura,

substantivo + adjetivo, notamos, porém que o sentido além de se manter, intensificou-se, pois o acréscimo do sufixo *al*, em substituição ao pronome indefinido *tudo e do* adjetivo *puro*, com valor semântico de *exclusivo, só*, promoveu o sentido hiperbólico da expressão. Também aqui reconhecemos o pensamento figurativo como apoio ao processo de recriação. A nossa visão de mundo, as nossas representações mentais e a linguagem permitem abstrair as relações complementares entre indivíduos e grupos e ainda desvendar a imagem abstrata que se forma em torno da expressão recriada e concreta de Rosa. Todos esses processos mentais se constroem amparados na analogia.

Fragmento 7 __ (p.168) **Medos**

Devia de me lembrar de outros apertos, e dar relembro do que eu sabia, de ódios daqueles homens querentes de ver sangues e carnes, das maldades deles capazes, demorando vingança com toda judiação. Não pude, não pensava demarcado. Medo não deixava. Eu estando com um **vapor na cabeça**, o miôlo volteado. Mudei meu coração de posto. E a viagem em nossa noite seguia. Purguei a passagem do medo: grande vão eu atravessava.

Expressão de partida: **cabeça quente**

O processo que permitiu a recriação do grupo fraseológico, que é uma **EI** de base metafórica, também é o pensamento analógico. A expressão cristalizada __ de cabeça quente __ apresenta substantivo + adjetivo. Na expressão nova temos substantivo+ locução adjetiva. Aqui a alteração no plano da expressão acarretou profunda mudança no plano do conteúdo.da forma. Vejamos: Ele substitui *quente*, adjetivo, por *vapor*, substantivo e inverte a ordem, na expressão recriada, do

substantivo *cabeça*, que passa à função de adjunto adnominal e, assim promove um efeito de sentido que sugere idéias em ebulição, sob pressão, em altas temperaturas, em atrito umas com as outras, soltando vapor e, conseqüentemente, sugerindo não apenas um nervosismo__ como na expressão de partida __ mas sim um transtorno, um marasmo de idéias, uma extenuação do pensar.

Fragmento 8__ (p. 61) **Boi brabo**

A parte de mais árvores, dos cerrados, cresce no se caminhar para as cabeceiras. Boi brabeza pode surgir no caatingal, tresfuriado com o que de gente nunca soube __ **vem feio pior que onça**. Se viam bandos tão compridos de araras, no ar, que pareciam um pano azul ou vermelho, desenrolado, esfiapado nos lombos do vento quente.(p. 61)

Expressão de partida: **bravo feito uma onça**

Nessa construção, temos uma **EI** de base comparativa. A comparação feita por meio de um superlativo __ pior __ e do adjetivo avaliativo *feio*, usado em lugar de *bravo*, na expressão consagrada __ bravo feito uma onça __ promove a intensificação do sentido. A substituição dos termos, o autor dá vigor à expressão. Uma pessoa brava, com raiva tem o seu semblante alterado; nesse caso, onça designa pessoa feiíssima. O que se ressalta nesse sentido novo é a *feiúra* associada à *braveza*. A comparação se destaca como processo de sustentação à **EI** contudo, é a analogia que permite as relações de similitude entre os referentes *feio* e *onça*. As nossas representações sociais, o nosso conhecimento de mundo levam-nos a compreender

apenas a comparação sugerida pelos termos *bravo* e *onça*. O ineditismo de Rosa comprova, uma vez mais, as infinitas possibilidades da analogia.

Com essas análises, encerramos o capítulo e passaremos às conclusões da nossa pesquisa.

CONCLUSÃO

Segundo Maria aparecida Barbosa (1978:384), o autor pode redistribuir as unidades lexicais, dentro das normas do grupo a que pertence, tornando o elemento marcado pela freqüência com que emprega certas unidades de seu inventário. Quando o autor manipula o léxico, este é reformulado em seus valores, em suas formas e combinatória. Pode, ainda, manipulá-lo, ultrapassando as estruturas da norma, permanecendo dentro dos limites impostos pelas virtualidades do sistema. E, finalmente, a sua utilização pode extrapolar essas virtualidades, fugindo aos modelos de estrutura do sistema, sem prejuízo para a sua decodificação, donde se conclui que pode haver criatividade dentro da norma, fora da norma mas dentro do sistema e, enfim, criatividade fora do sistema __ ruptura tipológica. A autora afirma que o uso abundante das virtualidades do sistema é elemento marcante na obra de Guimarães Rosa.

Ainda que sedimentado, o mundo das *EI* ainda é pouco explorado dentro do idioma. Durante o nosso trabalho, constatamos que há, em língua portuguesa, poucos

trabalhos específicos do gênero — há sim artigos em revistas especializadas, dissertações, teses, dicionários bilíngüe de expressões e publicações que compilam termos populares de regiões do Brasil, mostrando o seu significado, apenas. Como exemplo, podemos citar a Dissertação de Mestrado, de Claudia Maria Xatara; Ensaio de Fraseologia, de José Pereira da Silva, Dicionário de Termos e Expressões Populares, de Tomé Cabral, entre tantos outros que apenas apresentam curiosidades sobre sua etimologia, todos voltados aos meios acadêmicos e quase sem possibilidades de alcance em outros meios que promovem estudos da língua pátria. Diante de tal fato, retomamos nossas perguntas iniciais: por que essas expressões não figuram em nossas gramáticas? Por que muitas delas não fazem parte dos nossos dicionários? Por que, enfim, são tratadas como um assunto *menor* na área da língua portuguesa se traduzem vigor, emoção, expressividade, sintetizam ideologias, revelam particularidades do idioma e expõem de modo claro e conciso os mais complexos pensamentos e emoções? Ao término de nosso estudo, arriscamos às respostas:

As **EI** povoam os textos de gêneros diversos. Para desvendar do sentido de uma **EI**, compreender os processos cognitivos concernentes ao seu surgimento, as representações sociais intrínsecas a elas, faz-se mister conhecimentos ampliados das teorias que sustentam esse processo de criação/ recriação. Tais procedimentos, infelizmente, restringem-se a pesquisadores e a um número reduzido de estudiosos do idioma.

No que respeita à gramática tradicional, concluímos : não figuram porque, como já sabemos, tratar do seu estudo, requer conhecimentos específicos e ampliados e, segundo os mais tradicionalistas, tratar de questões da língua em uso é permitir *contaminar* (grifos nossos) a língua mãe com expressões populares de baixo ou nenhum valor literário e, portanto, não devem figurar como exemplos nas gramáticas pedagógicas que continuam recheando seus textos com exemplos retirados dos clássicos da literatura brasileira e portuguesa, e mais, primando por um conhecimento conteudista e formal pautado na gramática tradicional, apenas. Para nós, contudo, vale o oposto: acreditamos serem essas expressões a mais autêntica e pura manifestação do idioma, dado que o sentido que carregam retrata sentimentos verdadeiros, reveladores do que há de mais característico em um povo:

a sua cultura e, é por meio da língua que se opera a unidade que forma a verdadeira cultura nacional, escreve Dante Moreira Leite(1969). Ortiz (2003) mostra-nos que só é nacional o que é popular__ elementos suficientes para confirmar as conclusões do nosso trabalho

O ensino de língua portuguesa, a partir das **EI**, pode ser muito mais envolvente e, em nenhum momento *menor* e menos valioso. Por meio delas, é possível fazer um estudo dos campos semânticos, das estruturas formais, ampliando, simultaneamente, o conhecimento lingüístico e o conhecimento de mundo, além de compreender o raciocínio analógico, comum a todos os seres humanos, para a compreensão da realidade, conforme vimos em Vosniadou e Ortony (1989).

Em nossas pesquisas, tivemos um grau razoável de dificuldade para encontrar material de consulta. Há um vasto material em inglês, espanhol e francês; isso corrobora a nossa conclusão da necessidade de mais pesquisa e estudos na área da Fraseologia. Em nossas leituras percebemos claramente a importância do estudo dessas expressões __ por meio delas chegamos a um conhecimento expandido: compreendemos o pensar figurativo, os processos cognitivos mentais que promovem o surgimento das **EI** e as sustentam no idioma, permitindo sua recriação, estendemos o nosso conhecimento de mundo, uma vez que essas expressões trazem em seu âmago o retrato de um povo, sua cultura, suas crenças, seus tabus... e o mundo das palavras se transforma em sentidos, significados e imagens numa completa sinestesia.

Com base nas análises, foi possível verificar nas expressões recriadas, um padrão similar ao das expressões de partida. As **EI** recriadas por Guimarães Rosa, quanto à construção sintática, apresentam pouca identificação com as **EI** consagradas. Todavia, é possível a elaboração de um padrão que explique o processo de recriação. Notamos que, quanto à estrutura, podem ser reunidas em quatro grupos: aquelas construídas com verbo intransitivo e verbo transitivo direto; verbo indicativo de estado ou qualidade; as construídas com substantivos seguidos adjetivo ou de locução adjetiva e as construídas com frases nominais. Na formulação dos grupos,

não foi considerada a ordem como os elementos aparecem na frase, pois a nós interessa apenas a identificação da estrutura básica e o seu sentido. Após esse primeiro levantamento, temos:

1º grupo __ construídas com verbos __ intransitivo, seguido de advérbio; transitivo direto, seguido de objeto direto e verbos indicativos de estado ou qualidade.

2º grupo __ construídas com substantivos seguidos de adjetivo ou de locução adjetiva.

3º grupo __ construídas com frases nominais.

4º grupo __ expressões comparativas.

Uma vez colocadas lado a lado e separadas em grupos, pudemos observar que a seleção lexical, presente nas **EI** recriadas por Rosa, retrata e mantém sentido de base das **EI** sedimentadas, porém, em todos os casos analisados, o sentido ora intensifica-se, ora amplia-se. Importa lembrar que as representações sociais e o traço cultural, comum a essas expressões, preserva-se ainda que, por vezes apresente apenas um dos termos da **EI** consagrada ou a sua total substituição. Ao fazer uso de sinônimos, Rosa o faz de modo que o leitor logo identifique os processos analógicos e metafóricos intrínsecos àquela expressão. Em nenhum momento, pois, o léxico do autor se distancia do léxico do seu idioma a ponto de perder a identidade com o vernáculo e a cultura nacional.

Em nosso estudo das expressões idiomáticas, constatamos que *sempre* há uma base metafórica nas expressões idiomáticas, dado que o homem desde os primórdios da linguagem já pensava figurativamente e valia-se desse pensar metafórico para reproduzir a realidade a sua volta ou o seu pensamento, conforme

atestam Lakoff & Johnson (20020. Cremos que o processo de surgimento de uma **EI** deve-se à pressão comunicativa __ a falta de um termo sempre sugere um similar __ e à necessidade que o homem tem de representar-se na sociedade em que vive e perpetuar-se, seja por meio da linguagem, seja por meio da cultura.

Também foi possível verificar que as **EI** promovem transferências semânticas com regularidade, que vão do concreto ao abstrato, do físico ao psíquico; são carregadas de valores e julgamentos sociais. Expressam, ainda, conteúdos que revelam prazer e dor, sucesso e fracasso, saúde e doença, vida e morte, homem e a natureza, relações interumanas etc. Desse modo, toda sabedoria e cultura de um povo, costumes e atitudes que datam de tempos remotos, renovam-se e ampliam-se, num movimento facilmente perceptível, de acordo com as necessidades da situação comunicativa.

Ao conhecer o processo mental que propicia o surgimento de uma **EI**, observamos que o seus elementos formadores manifestam uma linguagem simbólica e metafórica que é condensada. Nessa linguagem o inconsciente se anuncia, as palavras, desprovidas de seus sentidos próprios, agem de modo transformar as representações sociais em símbolos, a palavra deixa de revelar para simbolizar, originando analogias e metáforas inusitadas e o poder da palavra se amplia por meio de imagens sugeridas.

Pelo que se pode observar, as **EI** em *Grande Sertão* configuram um tipo de construção resultante daquilo que Guiraud (1972:45-48) esclarece no que respeita ao processo de surgimento das palavras __ a nominação e a evolução__ que leva ao enriquecimento de uma língua. Correspondem ao que o autor chama de maneiras pitorescas, mais vivas e mais enérgicas de se falar. Das **EI** recriadas por Rosa, observamos, em relação às **EI** cristalizadas, alterações na estrutura tais como substituição e inversão de termos, mudança de classe gramatical dos termos que compõem a expressão, acréscimo de sufixos, ocasionando uma mudança profunda no sentido. Ao recriar uma **EI**, o autor, não raro, a transforma em um *neologismo*, não só com relação à forma mas também com relação ao seu sentido.

O uso, que o autor faz dessas expressões, permite-nos reconhecer nelas um processo cognitivo sustentado pela metáfora e pela comparação. O pensamento figurativo é o primeiro modo de pensar do homem e a metáfora uma função cognitiva formadora de conceitos e isso também é possível verificar no estudo das expressões colhidas na obra de Rosa. Quanto às operações cognitivas metáfora, comparação e analogia que sustentam o processo de (re) criação das **EI**, comprovamos que:.

As **EI** se mantêm ao longo do tempo por atenderem a necessidades comunicativas, nos mais diferentes contextos e também por serem portadoras de ideologias, transmissoras de cultura, de ensinamentos de ordem moral, religiosa, política etc. Sintetizam, de forma concisa e clara, o pensamento e são de fácil entendimento e atendem a todas as camadas sociais; as **EI** ressurgem, às vezes, com seu sentido antigo, porém recriadas em seus termos, comprovando a sua capacidade expressiva e inventiva dos usuários do idioma, bem como sua criatividade e, ainda, o dinamismo que caracteriza a língua em uso. São elas também que dão leveza à linguagem, garantem o tom pitoresco em determinadas narrativas e permitem a todo usuário da língua ser um autor em potencial.

A exímia recriação que Rosa faz em expressões sedimentadas comprovam que o pensar metafórico e as analogias permitem ao homem infinita criatividade. A metáfora, como processo cognitivo mental, sustenta as várias possibilidades de recriação das **EI**. A analogia, por sua vez, possibilita verificar as relações de identidades entre referentes com ampliação dos campos semânticos sugeridos pela própria imagem analógica. As **EI** estão tão cristalizadas na memória coletiva e cultural e, ainda que sejam descristalizadas para originar uma nova, sempre haverá a possibilidade de uma nova recriação. A cada novo evento comunicativo, essa situação é retomada gerando novas possibilidades de expressão.

Ao entrar em contato com o mundo das **EI**, observamos quão complexo é o processo que as envolve, desde o seu surgimento até a sua sedimentação no idioma. Esse conhecimento acarretou em nós uma mudança de postura relacionada

ao ensino da língua portuguesa. Para nós, a partir desse momento, é imprescindível aventar esse tema em sala de aula ___ a riqueza vocabular, as construções sintáticas e semânticas, os traços culturais, tudo isso é farto material para o desenvolvimento de habilidades e competências relacionadas à escrita e à leitura.

As **EI** são analisáveis em graus diversos e o sentido literal de seus constituintes conserva algum traço pertinente. Tal razão leva-nos a crer ser esse um motivo suficiente para inseri-las nos estudos de língua portuguesa. Em Rosa, verificamos que a alteração da estrutura em uma **EI** cristalizada promoveu a alteração de sentido. Em todas o sentido foi intensificado ___ conforme mostram as análises. Esse *processo de recriação* resulta da criatividade do autor, num determinado momento e constitui um recurso poético que garante ao seu interlocutor a surpresa, a emoção e o deleite de encontrar uma expressão relegada ao uso banal, recriada e pronta para ser sorvida por meio de novas imagens e representações.

Verificamos também que há um vasto potencial em torno das **EI** a ser explorado, tanto em sala de aula como fora dela. É imprescindível fazer uso dessas expressões que descortinam conhecimentos. Ao explorarmos a reserva semântica contida em cada uma delas, nossa mente faz uma viagem quase infinita; as relações de sentido e as imagens que sugerem traz até nós um universo de saberes até então inexplorado. Conhecer as **EI** de um idioma é compreender ainda a cultura em que vivemos.

Por fim, concluímos que a palavras significam por meio das imagens, dos conceitos. Todo o conhecimento adquirido até aqui leva-nos a olhar a linguagem primeiramente pela semântica. As questões do sentido e do significado são envolventes; compreender os processos mentais que permitem às **EI** o seu surgimento e a sua recriação no idioma é enriquecedor. Uma vez entendidas as relações de sentido, as representações sociais, os símbolos e as analogias, trilhar o caminho da morfologia e da sintaxe torna-se mais fácil e prazeroso.

ANEXOS

Em nossa pesquisa tomamos conhecimento da obra de João Ribeiro. Esse autor, de modo curioso e envolvente, trata das questões da linguagem. Com prazer e encantamento, envolvemo-nos em instigante leitura. Por essa razão, decidimos completar nosso trabalho com as explicações dele para expressões conhecidas, por alguns e totalmente desconhecidas, por outros,

Escreve o autor que desde os primeiros tempos da colonização do Brasil, nos documentos literários, nas cartas dos jesuítas e nas crônicas dos antigos historiadores, aparecem os primeiros vocábulos de origem americana. Esse vocabulário colonial é a primeira diferenciação da língua portuguesa na América, mas, em geral, consiste em expressões técnicas e peculiares do Novo Mundo, coisa e objetos plantas e frutos, animais e seres novos, que não tinham uma designação específica na língua dos conquistadores. João Ribeiro observa que já no século XVII, Gregório de Matos tirava dos sons indígenas e africanos elementos e recursos

de toda sorte para sua obra de veia cômica, fato esse que lhe coube o direito de primeiro autor verdadeiramente nacional.

A nossa independência e separação em 1822 causaram divergências de ordem vernacular, visto que indivíduos mais inflamados adotaram nomes e apelidos indígenas ou nacionais __ Gês, Tupinambás, Montezumas etc. __, por oposição ao então odiado *português*. Esse período culmina com movimento romântico que, na falta de heróis medievais, encontrou o seu mundo cavaleiresco na história dos índios e mais: reclamando para o Brasil o direito de uma linguagem independente do seu colonizador, casos em que se envolveram José de Alencar e Gonçalves Dias. Fazia-se, ainda, declarada guerra aos estrangeirismos, principalmente aos galicismos, por conta da Revolução Francesa e da epopéia napoleônica, infensas ao conservadorismo lusitano. Tais questões ainda povoam o imaginário de uns poucos *soldados da língua portuguesa*, basta lembrar do recente episódio no Congresso Nacional onde foi apresentado projeto de lei, da autoria do deputado Aldo Rabelo (2001), que proibia o uso de expressões estrangeiras se houvesse, no idioma pátrio, similares. Apesar de todas as batalhas dos puristas, temos hoje uma língua que, sem sombra de dúvida, é a mais enriquecida e mais adaptada ao ambiente em que nasceu, cuja riqueza devemos a todos os imigrantes que aqui encontraram o seu porto seguro e *aos brasileiros que criam por sucessivas derivações, pela invenção de neologismos literários e científicos, um tesouro considerável de vozes e frases*.

A propósito de tão farto assunto, faremos um breve relato do histórico de palavras ou expressões um tanto curiosas, seja pelo seu étimo, seja pela origem na sabedoria e uso populares ou ainda pela falta de explicações mais convincentes de uns poucos nomes. Vejamos:

Beber água de chocalho: modismo que vigora no norte do país, tem como objetivo levar a criança que demora a falar tornar-se tagarela, simplesmente dando a ela de beber água ou leite em um chocalho e, em poucos dias, a língua destrava e a criança desanda a falar feito um papagaio.

Boi Corneta: essa expressão é mais conhecida dos sulinos e designa indivíduo indisciplinado, fora da ordem ou das conveniências, desalmado, rixoso. Tomada da linguagem pastoril, se aplica ao boi de apenas um chifre ou aleijado de um deles. Tal palavra é análoga à maneta, perнета e o seu sentido pode ser tomado por intruso, trapacento, desordeiro, pelo simples fato de ser diferente aos demais; equivale ao nosso “ovelha negra”.

Para inglês ver! Usa-se a expressão para todas as coisas que se fazem ou não se fazem, só com o intuito de manter as aparências, às vezes, necessária. Podemos afirmar que essa expressão traduz a hipocrisia da ação. A frase remonta ao tempo em que a Inglaterra reconhecia a nossa independência e com eles firmamos o compromisso de abolir o tráfico de negros. Entretanto, tal acordo nunca foi cumprido; ao contrário, transportava-se mais e mais negros da Costa da África para o Brasil, visto que a vigilância era parca, não obstante as reclamações do governo inglês. Então, os nossos governos coniventes no crime, tomavam medidas e providências falazes, simulavam interesses pela causa humanitária, expediam decretos e avisos... *para inglês ver*, como se disse logo. Ainda encontramos uma outra explicação, esta diz que D. João ao chegar à Bahia, na sua quase fuga para o Brasil, mandara iluminar a cidade e quando questionado a respeito de tanto regozijo em tão angustiante momento, respondia que era *para o inglês ver*. Para essa versão contamos com a carta enviada ao autor, pelo vice-cônsul do Brasil em Portugal, Vicente Ferrer, cuja explicação a carta contém e data de 1-4- 1913.

Engambelar: vocábulo altamente usado na língua oral e de uso conhecidíssimo em quase todo o Brasil e equivale a enganar, seduzir, iludir por processo secreto ou meios ocultos hábeis. Há sempre malícia e astúcia no engambelar; é uma arte por vezes difícil. Esse termo não é da língua portuguesa. A área do seu uso primeiro remete às lavouras tropicais e do Brasil antigo o que leva-nos a crer que é de origem africana, uma vez que os indígenas não possuíam, em geral, a articulação do *l*. Entre os negros de Luanda há uma espécie de adivinhos, espertalhões e astuciosos que enganam os mais parvos: e o *Ng' iimba* (pronuncia *inguimba*). Falam com voz aflautada como tomada aos espíritos com quem se comunicam; o ofício é rendoso e aqueles velhacos são procurados para, como dizem lá, *nguimbular* (adivinhar) furtos,

aconselhar ou fazer qualquer outro tipo de adivinhação. Todos esses mistérios ambundos e quimbundos vieram com a escravidão e, desse modo, não podemos duvidar que *engambelar* é o mesmo que *inguimular* dos negros angolanos.

Maranhão: diferentemente das outras palavras, o nome desse estado é, até hoje, inexplicável. Há várias histórias possíveis, dada a facilidade com que cronistas e cartógrafos antigos, sem a menor cerimônia, punham-se a nomear lugares, e o faziam como os velhos retóricos e ideólogos da gramática. Deles é que veio a etimologia popular de que o nome Maranhão nascera de um diálogo entre marinheiros que sulcavam o *mar doce* nas proximidades da embocadura do Amazonas:

__ Isto aqui é mar? perguntara um deles.

__ Mar? Ah! não, respondia o outro.

E, assim, estava dada a origem da palavra que ainda consta dos papéis oficiais daquela época, alguns feitos por padres jesuítas, como o *Orbe Seráfico* (apud João Ribeiro). Há outras ocorrências em torno do nome, todas com discrepância ortográfica ou prosódica, e ainda, sugerindo que o nome seja português *marachão*__ represa natural ou artificial formada de areias, pedras e cascalhos; essa etimologia, apresentada por Orville Derby, geólogo e cientista americano, parece ser bem aceita, visto que ninguém crê que o nome de uma terra derive de uma adivinha ou de enigmas ou de conversa de marinheiros.

Saudade: desde muito cedo, ouvimos que a palavra saudade existe apenas na língua portuguesa e, portanto, é um vocábulo essencialmente português. De acordo com o nosso autor, *há talvez excesso na exclusividade desse talismã nacional*, sendo certo que os termos equivalentes em outras línguas sempre deixam a desejar ao tentar definir esse sentimento *doce-amargo*, para usar o termo de Garret (apud J. Ribeiro), quando da tristeza das longas ausências.

Há um certo grau de dificuldade em esclarecer a origem desse vocábulo. Num primeiro momento, parece-nos derivada do latim *soletate* que resultou em *soledade* e *soidade*. Na obra de Camões, vemos os dois termos *soidade* e *saudade* com

equivalência perfeita, daí supor a origem comum. Entretanto, há estudos acerca da palavra que revelam dúvidas quanto à origem latina. Para melhor explicação, João Ribeiro recorre à monografia de Carolina Michaelis cuja pesquisa revela *soidade* ser mais antiga que *saudade* (como *soidão* com *solidão*), não apresentando dúvidas quanto ao seu étimo; porém é difícil crer que de *soidade* se desenvolvesse na forma *saudade* uma vez que em latim não se observa a evolução do ditongo *oi* para *au*, já o contrário, é possível como em *aurum* para *oiro*. Em posse de documentos, na língua antiga, a pesquisadora encontra a palavra *soidade* e *saudade*. Face aos fatos, entendeu a estudiosa que era possível explicar a origem não pelo latim (*soledade*), mas por outra origem foneticamente possível e mais aceitável. E assim o fez. Propôs ter havido uma certa confusão entre **saúde**, *saudação*, *saudar* (de *salutare*) com a palavra *saudade* e, a partir de então e por falta de outra, aceitou-se.

Apresenta ainda o nosso autor, uma outra hipótese digna de exame, segundo ele mesmo. Trata-se das reflexões do professor Ragy Basile que apresentou a palavra *saudade* suspeitando sua origem árabe. Vejamos as explicações do professor que, ao nosso ver, convence.

“Em árabe há três expressões que lembram a palavra *saudade* e são elas: *suad*, *saudá* e *suaidá*. Têm o sentido moral de profunda tristeza e literalmente sangue pisado e preto dentro do coração. Na medicina *as-saudá* é uma doença do fígado que se revela pela tristeza amarga e melancolia. Os árabes dizem: *Qualatni as-suaida*: matou-me a *saudade*. E isso quando a pessoa entristece ela perda de um ente querido. E dizem igualmente: *al-mus-suaddat*, os dias pesados e de tristeza. São característicos s dois hemistíquios do grande poeta *Al- Mutanabbi*:

Azlol awazili haula qabbil tayhi

Wahau al ahibbati minhu fi saudaihi

Cuja tradução literal é:

as censuras dos censores andam à roda do meu coração desvairado, mas a viva paixão dos que eu amo está na sua saudá, isto é, no fundo do coração.

Em árabe vulgar *saudana* é entristecer a alguém, e *tasaudana* significa ficou triste, angustiado. Um derivado desse verbo é *musauden*, melancólico, triste, dolorido, cheio de desgosto. Essa exposição evidencia a dificuldade fonética na sílaba inicial da palavra *saudade*, que pode ter sua origem em *saudá*, apesar de que são raras as palavras oriundas do árabe e que exprimem sentimentos. Importa lembrar que a palavra aqui apresentada designa uma *doença* e, para tanto, temos muitas desse teor provindas do árabe, a saber: *achaque*, *enxaqueca*, *soda (dor de cabeça)* etc. De tudo isso, concluímos que a fundamentação procede, ampliou nosso conhecimento e ainda enriqueceu o nosso léxico com tão bela palavra.

Murici- frase: *é tempo de murici, cada um cuide si*. Provérbio brasileiro que explica o egoísmo dos homens nas ocasiões difíceis ou perigosas.

Frase popular simples, clara e todavia inexplicável. Atribuiu-a ao infeliz Coronel Tamarindo na terrível derrocada de Canudos o nosso grande Euclides da Cunha. Vê-se, pois, que o *tempo de murici* assinala um momento de terror e pânico que desculpa todos os egoísmos.

BIBLIOGRAFIA

Alvarez, Maria Luisa Ortiz. __ *Traduzir uma expressão idiomática constitui uma mistura de alhos e bugalhos ou um fazer aos trancos e barrancos?*__ Revista Brasileira de Lingüística vol.11 _ nº 1 _ 2001_ Ano 27.

Barbosa, Maria Aparecida. *Língua e discurso: contribuição aos estudos semântico-sintáticos*. São Paulo: Global, 1978.

Basseto, B.F. *Elementos de Filologia Românica*. São Paulo: EDUSP. 2001.

Belintane, Claudemir. *Piaget e a linguagem: limites de uma teoria*. Viver mente & cérebro__ coleção memória da pedagogia_ nº1: Jean Piaget/ editor Manuel da Costa Pinto_ colaboradores Lino de Macedo et al. _ Rio de Janeiro: Ediouro; São Paulo: Segmento-Duetto, 2005.

Berrini, Beatriz (org.). *Convivendo com Guimarães Rosa: Grande sertão: veredas*. Programa de Literatura e Crítica Literária _ PUC-SP. Educ; São Paulo: 2004.

Biderman, Maria Tereza Camargo. *Teoria Lingüística: teoria lexical e lingüística computacional*. 2ª ed. __ São Paulo: Martins Fontes, 2001. __ Coleção Leitura e Crítica.

Borba, Francisco da Silva__ *Organização de dicionários__ uma introdução à lexicografia*. __ São Paulo: editora UNESP, 2003.

Bosi, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Editora Cultrix, 1976.

Bréal, Michel. *Ensaio de Semântica: ciência das significações*. São Paulo: EDUC,1992.

Burke, Peter. *Vico*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1997.

____ *As fortunas d'o cortesão: recepção européia a O cortesão de Castiglione*. São Paulo. Editora da Universidade Estadual Paulista, 1997.

Chevalier, Jean e Gheerbrant, Alain. *Dicionário de Símbolos: (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números)*, 18ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.

Cunha, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

Ferreira, Aurélio Buarque de Holanda e J.E.M.M., EDITORES, LTDA. *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira 1986.

Guiraud, Pierre. *A Semântica*. São Paulo: Difusão européia do Livro, 1972.

Camara Junior, Joaquim Mattoso. *Princípios de Lingüística Geral*, Rio de Janeiro: Padrão __ Livraria e Editora, 1980.

____ *Dicionário de Lingüística e Gramática*. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

____ *História da Lingüística*. Petrópolis: Editora Vozes, 1986.

Candido, Antonio e Castello, José Aderaldo. *Presença da Literatura Brasileira (História e Antologia. III Modernismo*. São Paulo: Difusão Européia do livro, 1964.

Carone, Flávia de Barros. *Morfossintaxe*. São Paulo: Editora Ática, 1998.

Chauí, Marilena. *Brasil: mito fundador e sociedade autoritária*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2006.

Coelho, Paulo. *O gênio e as rosas e outros contos*. Paulo Coelho; ilustrações de Maurício de Souza. São Paulo: Globo, 2004.

Dubois, Jean e outros. *Dicionário de Lingüística Geral*. São Paulo: Editora Cultrix, 1999.

Greimas, A. J. *Semântica Estrutural*. São Paulo: Editora Cultrix, colaboração da Editora da Universidade de São Paulo, 1976.

Fairclough, Norman. *Discurso e Mudança Social*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2001.

Garbuglio, José Carlos. *Rosa em dois tempos*. São Paulo: Nankin, 2005.

Haskell, R. E. Social cognition and the non-conscious expression of racial Ideology. *Giambattista Vico and the Discovery of Metaphoric Cognition*, 67-81. University of New England, 1987.

Hill, Archibald A. *Aspectos da Lingüística Moderna*. Organizador. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/ Editora Cultrix, 1974.

Lakoff, George, Johnson Mark. *Metáforas da vida cotidiana*. Campinas, SP: Mercado de Letras; São Paulo: Educ, 2002.

Lapa, M. Rodrigues. *Estilística da Língua Portuguesa*. 7ª edição- revista e aumentada. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1973.

Leite, Dante Moreira. *O Caráter Nacional brasileiro*. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1969.

Leroy, Maurice. *As Grandes Correntes da Lingüística Moderna*. São Paulo: Editora Cultrix Ltda, 1971.

Lígia Negri, Maria José Foltran, Roberta Pires de Oliveira, organizadores. *Sentido e significação__ em torno da obra de Rodolfo Ilari*. São Paulo: Editora Contexto, 2004.

Lopes, Edward. *Fundamentos da Lingüística Contemporânea*. São Paulo: Cultrix, 1999.

Lyons, John. *Novos Horizontes em Lingüística*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/ Editora Cultrix, 1976.

____ *Semântica*. Lisboa. Editorial Presença / Martins Fontes, 1977.

Martins, Nilce Sant'Anna. *O Léxico de Guimarães Rosa*. 2ª ed. São Paulo: Editora Da Universidade de São Paulo, 2001.

Minayo, Maria Cecília de Souza. *O conceito de representações sociais dentro da sociologia clássica*. Guaereschi, Pedrinho A., Jovhelovitch, Sandra (orgs). *Textos em representações sociais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

Moisés, Massaud. *A Criação Literária__ Introdução à Problemática da Literatura*. 2ª edição, revista. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1968.

Nigri, André e Baril, João Pombo. *O Nome da Rosa* __ artigo publicado na revista Bravo! São Paulo: Editora Abril, março 2006.

Ortiz, Renato. *Cultura Brasileira e Identidade Nacional*. São Paulo: Editora Brasiliense, 2003.

Palma, Dieli Vesaro. *Indeterminação, Intertextualidade e Pensar Figurado* __Tese de Doutorado em Lingüística Aplicada na PUCSP, 1998.

Rosa, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. – 19ª. ed. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

Saussure, Ferdinand de. *Curso de Lingüística Geral*. São Paulo: Editora Cultrix/ Editora da Universidade de São Paulo, 1999.

Sebastián, Maria Victoria (compilación de). *Lecturas de psicología de la memória*. Alianza editorial. S.A. Madrid, 1983.

Severino, Antônio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico*. São Paulo: Cortez Editora, 2001.

Silva, José Pereira da. *Ensaio de Fraseologia*. Rio de Janeiro: CIFEFIL/DIALOGARTIS, 1999.

Turazza, Jeni Silva. *Léxico e Criatividade*. São Paulo, Plêiade Editora, 1996.

Ullmann, Stephen. *Semântica__ uma introdução à ciência do significado*, 2ª ed., Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1964.

Vilela, Mário., Koch, Ingedore Villaça.__ *Gramática da Língua Portuguesa__* gramática da palavra, gramática da frase, gramática do texto/discurso. Coimbra: Livraria Almedina, 2001.

Xatara, Claudia Maria. *As Expressões Idiomáticas de Matriz Comparativa*. Dissertação de Mestrado. UNESP, Araraquara, 1994.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)